"MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA", E NÓS ?

Cristal Silva Halfeld
Neilton dos Reis
Nicholas Domingues Monteiro (In memorian)
Ori Sabino Carneiro

EDITORA
UFJF

“Menino veste azul, menina veste rosa”, e nós?

Cristal Silva Halfeld
Neilton dos Reis
Nicholas Domingues Monteiro (*In memorian*)
Ori Sabino Carneiro

EDITORA
UFJF

Juiz de Fora
2022

© Editora UFJF, 2022
Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.
O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es), são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitor
Marcus Vinicius David

Vice-reitora
Girlene Alves da Silva

Diretor da Editora UFJF
Ricardo Bezerra Cavalcante

Conselho Editorial
Jorge Carlos Felz Ferreira (Presidente)
Charlene Martins Miotti
Elson Magalhães Toledo
Emerson José Sena da Silveira
Jair Adriano Kopke de Aguiar
Maria Lúcia Duriguetto
Rafael Alves Bonfim de Queiroz
Rodrigo Alves Dias
Taís de Souza Barbosa

Projeto gráfico, Capa e Diagramação
Letícia Ribeiro do v. a. Câmara

Revisão
Júlia Greco Carvalho

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFJF

"Menino veste azul, menina veste rosa", e nós? / Cristal Silva Halfeld, Neilton dos Reis, Nicholas Domingues Monteiro (In memoriam) e Ori Sabino Carneiro -- Juiz de Fora : Editora UFJF, 2022.

234p. : il. Color.

ISBN: 978-65-89512-44-8

1. Identidade de gênero. 2. Identidade. 3. Experiência. 4. Corpo I. Cristal Silva Halfeld II. Neilton dos Reis. III. Nicholas Domingues Monteiro IV. Ori Sabino Carneiro V. Título

CDU: 305

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, promulgado pelo Decreto n. 6.583 de 29 de setembro de 2008.

Editora UFJF
Rua Benjamin Constant, 790
Centro - Juiz de Fora - MG - Cep 36015-400
Fone/Fax: (32) 3229-7646 / (32) 3229-7645
editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br
www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Para o Nicholas e quem mais nos
ensinou a inventar outros mundos
possíveis.

Eu também chego numa outra possibilidade que é: não existem homens e mulheres. Então, em princípio somos seres humanos e a gente tem essas disposições. Essas disposições são também, são convenções, são possibilidades, são linguagens. Se estou cada vez mais compreendendo que a questão de gênero é pra ser tratada como uma construção cultural mesmo, que não é um... Que não foi criado por Deus, então eu posso rever tudo, né?

(LAERTE COUTINHO EM LAERTE-SE, 2017)

SUMÁRIO

PREFÁCIO 07
RONEY POLATO DE CASTRO

APRESENTAÇÃO: 10
PESSOAS-FORÇAS-NARRATIVAS

ENCONTRO MARCADO I: 21
10 HORAS, ALI NO PORTÃO NORTE DA UF

CAPÍTULO I: 24
NÃO BINARIDADE ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

ENCONTRO MARCADO II: 69
17 HORAS, ALI NO RELÓGIO DO PARQUE HALFELD

CAPÍTULO II: 72
NÃO BINARIDADE ENTRE PROCESSOS E ACONTECIMENTOS

ENCONTRO MARCADO III: 120
19H30, ALI EM FRENTE À PADARIA

CAPÍTULO III: 124
NÃO BINARIDADE ENTRE NOMES E CORPOS

ENCONTRO MARCADO IV: 160
22 HORAS, ALI NO PORTÃO DO CONJUNTO DE QUITINETES

CAPÍTULO IV: 163
NÃO BINARIDADE ENTRE ENUNCIAÇÕES E RELAÇÕES

ENCONTRO MARCADO V: 200
14 HORAS, ALI NO AUDITÓRIO DA FACULDADE DE DIREITO

MANIFESTO: E NÓS? 205

REFERÊNCIAS: LIVROS, ARTIGOS E SITES 218

QUEM VIVE-ESCREVE 233

PREFÁCIO

Dos sentidos possíveis, escolho aquele que toma o prefácio como um convite. Mas, antes de fazê-lo, gostaria de contar por que o faço.

Era fins do ano de 2015 quando conheci Neilton – vindo do Rio de Janeiro, para participar de um processo seletivo de um programa de pós-graduação em educação. Uma proposta foi apreciada, aprovada e embarcamos numa viagem de pesquisa que, foi se embrenhando pelos caminhos de problematizar o gênero e deixar-se afetar por experiências com a não binaridade de gênero. Mas, algo não estava posto no primeiro encontro, naquela manhã de novembro de 2015. O Neilton que fui conhecendo foi uma grata surpresa. Dedicado, sensível, atento, Neilton foi se mostrando um pesquisador aberto às afetações da vida na pesquisa.

E assim viveu, com sua poesia, sua mansidão, sua implicação. Foram dois anos atravessando sua vida e suas experiências com Ori, Cristal e Nicholas – as pessoas com quem se dispunha a conversar – a palavra é essa, conversar – entre cafés e cervejas, entre histórias de cotidianos marcados por tentativas de definir quem se é (por vezes fracassadas) e por experiências com regulações violentas.

A pesquisa se fez movimento. O movimento foi se fazendo escrita. Uma escrita preocupada em falar com as pessoas e não sobre elas. Uma escrita que trazia as marcas das potências do vivido com a pesquisa. Tantas histórias! Dos

encontros, nasciam escritas que, por sua vez, foram se mostrando instigantes a ponto de fazer nascer outras histórias, outras experiências.

Agora, retomo o convite.

Escrever este prefácio é um modo de convidar a você, que nos lê, a uma experiência com uma obra que pode fazer pensar, ser, agir e sentir diferentemente – como nos propõe o filósofo francês Michel Foucault (1992)[1] . Nesse sentido, esta obra é perigosa, muito perigosa!

O perigo de inaugurar outros modos de pensar, de remexer em opiniões guardadas em baús de realidades – construídas de forma muito naturalizada – que as pessoas vêm tomando como verdades inquestionáveis, fechando-se às possibilidades de conversa. O perigo de deixar-se afetar pela experiência com a obra. Retomando Michel Foucault, o livro que ora se apresenta é um livro-experiência e não um livro-verdade. Um livro que, ao ser produzido, modificou quem escreveu. As pessoas que chegaram até aqui não são as mesmas de 2015, quando iniciou-se a trajetória da pesquisa. Produziram outras de si mesmas com a escrita. Do mesmo modo, a pessoa que lerá não será a mesma ao terminar a leitura. Poderá colocar-se em modo de suspeição: atenta ao que pensa, ao que se diz sobre gêneros – essa palavra que se tornou também perigosa – binaridades, subjetividades, experiências, vidas.

O convite é para deixar-se afetar pelas narrativas de Caracol, Netuno, Irene e Elfo. Essas não são apenas histórias

1 FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In: O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

que se conta. São histórias capazes de reverberar em outras histórias. Histórias que produzirão deslocamentos no que se entende por realidade. Histórias recheadas de conflitos, disputas, negociações, invenções, resistências, capturas...

Em seu livro *O perigo de uma história única*, Chimamanda Ngozi Adichie (2019)[2] nos instiga a pensar que as histórias são lentes por meio das quais enxergamos o mundo. Essas lentes vão sendo forjadas com as experiências, com os saberes que nos constituem, com as redes de poder nas quais estamos enredadas(os). Lentes vão sendo forjadas com as histórias que ouvimos e aquelas que contamos. O perigo de uma história única é o perigo de enxergar o mundo de um modo homogêneo, estereotipado, fabricado por instâncias reguladoras muito potentes. O perigo de uma história única é também o risco do silenciamento, da invisibilidade, o risco da anulação de experiências e sujeitos que são personagens subalternos dessas histórias.

Meu convite, portanto, é para que você abandone suas histórias únicas e forje outras lentes para ver outros mundos, outras realidades. Com este livro, temos o material para forjar lentes. Em tempos de tantos ódios, da produção ativa de pânicos morais, medos mortais, fundamentalismos de toda a ordem, esta obra é necessária. Meus mais sinceros votos de que este livro possa lhe afetar, assim como me afetou o encontro com essas pessoas, com suas escritas, com suas pesquisas.

Prof. Dr. Roney Polato de Castro – UFJF

2 ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

APRESENTAÇÃO:

PESSOAS-FORÇAS-NARRATIVAS

O menino vai vestir a roupinha azul. Não pode ser outra cor. Tem que ser azul porque é menino. A menina vai vestir o rosa. E eles vão brincar de brinquedos diferentes: a menina vai brincar com a casinha, com a pia de lavar louça, com a vassoura pra já aprender desde cedo o que é ser mulher de casa; e os meninos vão brincar de bola, de soltar pipa, de várias coisas que vão ser privadas às meninas desde criança. A partir disso, evoluindo assim da infância, adolescência, vida adulta, isso vai sendo cobrado mais. Eu posso dar uma experiência pessoal minha, era quando eu tinha um cabelo imenso, eu andava na rua e as pessoas já me olhavam de lado assim: porque eu não posso ter um cabelo grande porque isso é contra a moral e os bons costumes, e isso não é coisa de meninos, vamos dizer assim. Você tem que ter o cabelo curto, se não você já tá fora. E as meninas também, você não pode, por exemplo, quando uma menina raspa o cabelo: ou vão chamar ela de lésbica ou vão achar que ela teve câncer. Porque a mulher não pode ser dona do próprio corpo, não pode fazer o que quiser com o cabelo. E os meninos também, sabe. E tem o jeito. O jeito que você anda, o jeito que você fala, o jeito que você se veste. Se você tiver uma voz mais feminina, no caso, você já vira alvo de repressão. Você não pode ter, você tem que ter uma voz grave e dita máscula pela sociedade. Assim, como pessoa não binária eu não me encaixei dentro dessas duas coisas e deixei crescer assim. Deixei as pessoas falarem. Elas não podiam tirar o que eu era e o que eu sou e fazer nada a respeito.

(Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

"Eu não me encaixei dentro dessas duas coisas", e não há razões que façam encaixar. Não há razões que convençam. Não há políticas, não há poéticas que caibam. Melhor inventar. Melhor um caminho se desdobrando em outros movimentos, sem forma pré-definida, sem cores impostas: um caminho que vai se fazendo ao longo de horas, dias, meses e anos; um caminho que assume as incertezas do *talvez* e nos lança em um percurso de interrogações. Melhor questionamentos que afirmações. Melhor dúvidas que verdades.

Um caminho atravessado por práticas e discursos de normatividade. "Iniciamos uma nova era no Brasil em que menino veste azul, menina veste rosa" é uma fala da ministra da *Mulher, Família e Direitos Humanos* do ano de 2019, Damares Regina Alves (EM VÍDEO, 2019). Fala que pode nos indicar as inclinações conservadoras de um conjunto de políticas, tanto em escala nacional quanto em escalas locais, que vêm ganhando força no Brasil e, por vezes, tomando a frente na disputa por conceitos, termos e vidas.

"Menino veste azul e menina veste rosa" nos diz de investimentos na dimensão das "possibilidades" que são ordenadas (é menino ou é menina), como na dimensão das regras de viver dentro de uma possibilidade ou outra (tem que ser azul ou tem que ser rosa).

Mas, nos locomovemos na recusa.

Se já recusamos à normatização do que é (*e como ser*) menino ou menina, recusamos também a exclusividade dessas possibilidades.

Nem menino! Nem menina!

Se "menino veste azul e menina veste rosa", e nós?

Que vestimos?

Que possibilidades (não) temos?

Que existências?

Que re-existências?

Esse livro é parte de um fluxo de inquietações acerca da construção do pensamento binário e das possibilidades de desconstruí-lo. Questionamo-nos quais as limitações que uma lógica binária colocada na sociedade ocidental moderna institui, bem como as (im)possibilidades de prazeres e os regimes de violência a ela engendrados.

Convidamos aquela que ler a obra a questionar conosco.

Um livro assinado por quatro pessoas[3][4]. Quatro que percorrem espaços, tempos, memórias e invenções. Entre narrativas políticas e poéticas, entre bibliotecas e mesas de bar, entre leituras e escritas. Nosso plural, nosso coletivo, não tomamos apenas como pessoas, mas como forças que se movimentam e vetorizaram sentidos e intensidades. Um coletivo

3 Sempre que o plural for utilizado ao longo do livro para se referir às suas autoras será feito no feminino, se remetendo à concordância de "pessoas-forças".

4 Procuramos, nesse livro, nos afastar da ideia de "pessoa" enquanto essência. Afastamo-nos, aliás, de qualquer ideia de essência, perseguindo termos e conceitos que não estejam agenciados a ela. Prezamos, pois, por pessoa como *ser humano, existência* que, na relação com o mundo, é atravessada por experiências: as constitui e é constituída por elas – sem necessariamente estar em fixidez, padronizada ou destinada a algo. Quando, em narrativas, aparece então "pessoas não binárias", "pessoas trans", "pessoas que se identificam/diferenciam...", que se encare nessa perspectiva, salvo quando explicitado o contrário.

de forças sendo atravessamento de qualquer eu e qualquer nós (ASPIS, 2012). Somos um plural que vibra, tensiona, faz tremer, agita e experiencia esse livro. Somos. Caracol, Elfo, Irene e Netuno[5].

Colocamo-nos, assim, como uma força na escrita dessas páginas. Uma força que está agenciada e diferenciada. Uma força que emerge de um tempo e de um espaço de convívio entre nós quatro e de todos os (des)encontros que produziram as narrativas utilizadas como material-base. Uma força que, no prazer desse convívio, alavancou a invenção de um problema, uma pesquisa e um texto que se materializam aqui.

Tal pesquisa se localiza originalmente em um Programa de Pós-Graduação em Educação, mas caminha junto conosco, se agenciando a outros saberes e possibilidades para dizer da "não binaridade de gênero" – termo (ainda em disputa) que diz, em suma, de uma categoria de identificação de pessoas que se diferenciam tanto do "ser mulher" quanto do "ser homem".

As questões acerca do enlace diversidade, diferença, gênero, sexualidade, arte e educação no Brasil vêm sofrendo ação de diversas forças. Junto ao que parece ser um novo advento das discussões que rumam para caminhos mais transgressores da norma e otimistas, também experienciamos uma forte corrente conservadora que insiste na moral tradicional de regulação dos corpos, saberes e sentires. Nesse embate nos localizamos na desorganização, nas provocações e nos questionamentos impiedosos aos binários que parecem reger a forma de pensar ocidental. Localizamo-nos em movimento, rumando para outros espaços e tempos possíveis, inventando relações, saberes, corpos e desejos que nos caibam.

5 Nomes fictícios que escolhemos durante nossas conversas.

O foco desse livro é, então, um investimento sobre as narrativas políticas e poéticas que parecem permear nossas experiências e de tantas outras pessoas que se identificam com a não binaridade, que disputam o termo e que dizem dos seus atravessamentos, das suas histórias e dos seus processos.

Construindo tais narrativas estamos nós quatro: com trajetórias de estudos, pesquisas e vidas diferentes convergindo nos anos de 2016 e de 2017 para os encontros que utilizamos aqui. Encontros que potencializam nossas forças, as vetorizam em histórias e saberes. Enquanto que Elfo, Irene e Netuno são pessoas-forças que se identificam com a não binaridade de gênero e que trazem, além das composições teóricas, narrativas de vida, de carne, de morte e de re-existência para esse livro; Caracol é a pessoa responsável por reunir tais forças, se agenciar, compor em conjunto, fazer as costuras.

Dentro dessa proposta, esse livro se localiza epistemologicamente na corrente pós-estruturalista que dialoga com os trabalhos foucaultianos, com a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Felix Guattari, com a desconstrução de Jacques Derrida e com os estudos *Queer*. Isto é, nosso modo de ser/fazer no mundo é um trabalho enquanto/na/pela diferença: operamos no próprio trânsito, no entre-lugar [6]. Queremos,

6 O sentido que construímos de entre-lugar é esse proposto por Deleuze e Guattari (1995) e Derrida (2001): não necessariamente ligado a um trânsito entre dois polos fixos, mas um caminho que se constrói perpendicular. Os entre-lugares, nessa perspectiva, se configuram como "espaços de negociação e afirmam-se como movimento e enquanto produtores de figuras complexas, ambíguas e multifacetadas de diferença e de identidade" (FISCHER, 2010, p. 146).

com isso, colocar os posicionamentos dualistas em xeque em prol dos *indecidíveis*. Intentamos posicionamentos e reflexões que não se deixam encaixar na oposição filosófica binária, mas que vão justamente opor-lhe resistência, fazê-la estremecer, desorganizar (DERRIDA, 2001).

Desorganizar as possibilidades: menino ou menina? Azul ou rosa? Masculino ou feminino?

Apenas?

Percorremos um caminho feito de interrogações, com a perspectiva do rizoma (DELUZE; GUATTARI, 1995): de conexões e de (des)encontros com sujeitos, narrativas, instrumentos, artes e sentidos. Cada tempo e espaço aqui descritos foram um ampliar, um multiplicar de sentidos em outros (des) territórios. Nossos (re) (des)encontros são os elementos que vão sendo interligados e nos ajudam a mapear as questões relacionadas à não binaridade de gênero, educação, processos de (des)subjetivação e outros atravessamentos.

Não busque nesse livro *descobrir* algo a partir da observação ou confirmar/refutar alguma hipótese. Nosso olhar não opera com verdades fundantes a serem *reveladas*. No lugar, admitimos que todo processo de dar significado às coisas é indeterminado e instável, sempre uma verdade outra. Ainda assim, nossa perspectiva não lava as mãos frente aos marcadores sociais e se alia apenas às subjetividades de cada indivíduo. Como defende Guacira Lopes Louro (1998), não é um abando de causas coletivas, um investimento em relativismo absoluto ou uma fragmentação apolítica; mas uma movimentação de enfrentamento, lançar novos ares e olhares ao polí-

tico. Pensar a partir dessa perspectiva sobre as questões da não binaridade de gênero é pensar em uma nova configuração para as discussões em Educação, políticas públicas, movimentações sociais e organização popular. É um olhar que *esgaça* os questionamentos e os impulsiona a novas e necessárias tensões, rumando a outras linhas.

A culminância desse posicionamento epistemológico se localiza nos encontros que tivemos entre nós quatro ao longo dos anos de 2016 e 2017. Considerando a intencionalidade dessa construção em discutir as experiências, combinamos os diálogos em formato de produção de "narrativas de si" (ANDRADE, 2012; LARROSA, 1994; SCHOLZE, 2005). As reflexões e indicações de Sandra dos Santos Andrade (2012) nos mostram que as conversas com narrativas – com a preocupação de apresentar as perguntas com clareza, reperguntar, abrir espaço ao silêncio, potencializar a memória, entender que os discursos são selecionados, considerar os esquecimentos e se permitir ao imprevisto – dizem de uma metodologia que considera a potencialidade de narrar-se como uma relação de poder, como um atravessamento de enunciados e uma reinvenção do passado.

Trabalhando com Corinne Squire (2014), defendemos *narrativa* com uma visão ampla de um conjunto encadeado de *signos* e *sentidos*, que estão em uma cultura, tempo e sociedade particulares. As produções de narrativas de si em um encontro são realizadas a partir de uma relação. Toda palavra, todo conceito é emergente de um jogo. E nós jogamos. A pesquisa na perspectiva pós-estruturalista nos territorializa com

parcialidades, afetos, sentimentos. E nós sentimos. Cada escrita, cada narrativa sobre a qual nos demoramos produz efeito tanto para quem conta, quanto para quem ouve. E nós nos afetamos.

Para Cecília Galvão (2005), a narrativa como metodologia de investigação implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa um processo em que nós mesmas vamos nos constituindo pelas histórias que contamos às outras e pelas histórias que nos contam. Assim, o que procuramos é um caminhar *junto* às narrativas. Sendo as construtoras dessa pesquisa, não é buscada a interpretação das experiências ou alguma revelação do que está "por trás" de cada história. Ao contrário, nós as utilizamos para operar com os conceitos produzidos durante cada encontro. Tudo diz diretamente da experiência das forças-pessoas, aquilo que permanece como memória. Escrevemos juntas esse livro também através de nossas narrativas e modos de ser e fazer. O livro não fala desses gêneros nossos, ele fala sobre/a partir d'/com a gente a respeito da não binaridade de gênero. Durante todo o processo de construção de nosso caminho, as narrativas estiveram produzindo efeitos e afetos, determinando categorias, fazendo repensar alguns paradigmas e proporcionando encontros.

Desde o momento de contato e convite para essa construção fomos afetadas por histórias. Caracol (que era pós-graduanda em Educação) fez a proposta de pesquisa e Elfo, Irene e Netuno (as pessoas que se identificam com a não binaridade de gênero) aceitaram participar sem grandes questionamentos. Todos os encontros ocorreram individualmente

(entre Caracol-Elfo, Caracol-Irene, Caracol-Netuno) e para cada um foi pensada uma temática central que movimentasse e fizesse vibrar a conversa. Não havia roteiros a serem seguidos, apenas temáticas disparadoras das narrativas. O primeiro teve como centralidade as questões de *diferenças, identidades e gêneros*; a segunda rodada de conversas pensou os *currículos* que atravessam a não binaridade de gênero; e por tantos desencontros que tivemos, o terceiro aconteceu apenas entre Caracol-Elfo e retomou os pontos discutidos nos dois primeiros encontros, focalizando já nas questões mais epistemológicas da não binaridade.

Esses próprios momentos da produção de narrativa já se constituíram como experiências. Narrar-se, percebemos, implica em inventar um passado e inventar-se. Como dissemos (Caracol-Elfo) no início do segundo encontro: "foi uma experiência nova" – que pode ter gerado desconfortos, prazeres, angústias, alívios. Entendemos, assim, o que indica Lia Scholze (2005) ao sinalizar que, quando temos a oportunidade de refletir conosco mesmas, com outras pessoas e com o mundo as questões que nos atravessam, conseguimos inventar outras perspectivas e significados para nossas existências.

A partir de tudo isso, escrevemos. Escrevemos um livro com seu próprio funcionamento, sua própria maneira de operar. Ele está organizado em onze partes que apresentamos brevemente a seguir. Essa apresentação que cumpre a função de anunciar as questões dessa escrita-pesquisa. Partes subsequentes que se intercalam entre "Encontros marcados" e "Capítulos". Os quatro primeiros "Encontros marcados"

sendo crônicas que narram como operamos nos encontros – quais cenários e quais tempos estavam se agitando naqueles dias. O quinto "Encontro marcado" sendo uma transcrição de uma palestra realizada por Netuno, que diz bastante de implicações políticas de temáticas que tratamos aqui.

Quanto aos capítulos, no primeiro nós investimos nos sentidos que temos dado à não binaridade de gênero ao longo de nossas pesquisas e no sentido que trazemos para essa. Nos três seguintes nos debruçamos em reflexões de algumas temáticas que consideramos atravessar a não binaridade e que foram se concretizando enquanto dimensões para se pensar o gênero e a educação, a saber: os processos de (des) subjetivação, as expressões de gênero e as relações interpessoais que são construídas a partir disso.

Encerramos, então, com um "Manifesto". Uma escrita política necessária aos enfrentamentos que experienciamos. Uma escrita poética necessária aos afetos que foram movimentados até aqui.

Dentro de todas essas partes procuramos investir na multiplicidade: desde uma multiplicidade de intencionalidade, de referenciais e de excertos, até uma multiplicidade de escrita. Cada capítulo é escrito em um diálogo de nossas narrativas, nossas referências teóricas e nossas referências poéticas – aquilo que nos marca, nos constitui como sujeitos da não binaridade. A conexão com o escrever, com o gênero e conosco mesmas não se dá apenas na dimensão acadêmica. Nesse sentido, exploramos aqui outras possibilidades de construções textuais pouco convencionais ao meio acadêmi-

co, que consideramos, porém, potentes para se pensar tanto os binários e não binários que podem se estabelecer em uma pesquisa, quanto as próprias temáticas de gênero e sexualidade.

Assim, escrever se torna experiência. Principalmente porque é inevitável (não que se queira evitar) atravessar o papel com nossa realidade e a nossa realidade ser atravessada pelo texto. Pensar em algo como escrita-experiência é pensar que não existem o "ser produtor" e o "algo produzido", ambos, no entanto, autor e texto serão produtos da empreitada. Caracol, Elfo, Irene, Netuno e livro somos todas produzidas, produtos e produtoras dessa movimentação de vida-pesquisa.

Convidamos aquelas que encontrarem esse livro a se produzirem conosco.

ENCONTRO MARCADO I:

10 HORAS, ALI NO PORTÃO NORTE DA UF

O portão norte do campus principal da Universidade Federal de Juiz de Fora é uma encruzilhada: agita carros, bicicletas, pedestres. Via de entrada, saída, meio e giros. Irene chega em atraso, mas o som da encruzilhada faz esquecer o tempo e suspende toda aquela movimentação e barulhos de trânsito. Em estado meio surdo, fica-se abstraído do que é entrada, saída, meio ou giro. Tudo se transforma em um turbilhão de ideias que ficam balançando em volta feito muriçocas na lamparina.

Os corpos se chocam. Um leve contato de mão ao ombro. Irene chegou. Eletricidade daquela suspensão que passa pelo toque: do chão para os pés descalços para os tornozelos para a batata da perna para os joelhos para a cintura para o umbigo para a clavícula para o ombro para a ponta dos dedos do outro. Encontro. Começa o caminhar curto em direção ao gramado que está do outro lado da rua: o lado de dentro da Universidade, o lado de dentro do encontro.

O gramado do jardim da reitoria já foi território de outros textos, de outras movimentações para a escrita e para a vida. Aos dias de semana ele se enche de trânsito, de paradas rápidas, de passatempo dos intervalos, de encontros – programados ou casuais. Aos sábados e domingos de sol, se enche de distração, de "perda de tempo", de gente que observa o caminho das formigas enquanto lê, ouve música ou brinca

com as crianças. O gramado não é estático. Agita-se a cada dia e horário com vibrações diferentes. Cada momento um chá diferente. Se em alguns dias ele serve de canto a espera do tropeço, em outros ele é tomado pelos corações dançantes.

A manhã de uma quinta-feira não foi atípica ao gramado. As árvores, bancos, pitangueiras e caminhos de pedra acordaram iguais. De forma parecida, as mesmas pessoas o cruzaram para ir ao prédio: à biblioteca, às pró-reitorias, aos prédios vizinhos. O sol camuflava a chuva do dia anterior e a que chegaria mais tarde. As duas pessoas chegaram para o encontro programado. A conversa vibrou entre fugas para sombra e cigarros de palha – interrompida por desconhecidos pedidos de fumo e seda. O gramado fazia sua movimentação ser presença naquele momento: ele não era cenário, era o que atravessava a conversa; o que a dava elementos, cores, calores, cheiros e estares.

Irene falava sem inibições. O sorriso de motivo particular dividia o espaço dos lábios com o cigarro e as palavras entre uma história e outra.

O encontro foi pensado para uma conversa sobre movimentos de vida: de que forma as pessoas, assim como o gramado, vibram a sua vida e de outras pessoas. Como são atravessadas e também atravessamento. Fácil perceber que os encontros com lutas sociais são fortes experiências e que a cada ato político organizado, cada reunião de partido, cada discussão, cada "tudo" era potencialidade de novos encontros e novas perspectivas de vida.

Tudo isso se materializa também nas escritas. O movimento de luta, o movimento social, o movimento de vida se transfigura – ou se traduz – em um movimento de escrita que se faz experiência a cada palavra trocada.

No encontro, não há hesitação: Irene busca o celular para ler um texto que havia escrito e que dizia do seu envolvimento, seus encontros, sua identidade e suas lutas. Foi através da escrita que escolheu se expressar, se posicionar e se expor. Foi na escrita que se deu os encontros e que resolveu ser descontinuidade, que se expandiu. Fazer emergir uma escrita daquela conversa no/do gramado é, antes de tudo, justo com Irene e com o movimento desse encontro de vida.

Para brindar com uma ambientação de movimentação política, o gramado está às portas de uma reitoria ocupada por estudantes. Fala-se de séries e a forma como dezembro bate nas pitangueiras, se refrata nos bancos, vai bater nas faces e se aloja nos olhos. O rememorar a infância também está presente, entre desenhos animados de tantos tempos a política se vê poetizada, o brincar de vida adulta, o experienciar outros possíveis em corpos, seres, existências e narrativas. A defesa apaixonada de Irene pela movimentação social, pela agitação da luta por direitos, pelo vibrar dos sonhos se refletia nos olhares.

O gramado vibra encontros. Vibra toques e choques. Vibra em eletricidade que movimenta aquelas vidas. O encontro vibra sobre essas vidas e emerge em forma de escrita.

CAPÍTULO I:

NÃO BINARIDADE ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

Eis que do gramado avistamos uma imagem: uma procissão. O gramado é local de encontros. Uma procissão que caminha em direção contrária. Corpos que se movem contra o vento que bate nas pitangueiras, que faz os cabelos voarem, os lenços balançarem, as vergonhas se mostrarem. Uma procissão de gentes que se coloca entre identidades e diferenças.

Assistimos.

Assistimos como fazíamos há alguns anos. Encantadas. O gramado é local de encantos.

Irene: Ah, minha infância eu passei quase toda vendo um filme da Disney. Tinha um que eu sempre via que era *Monstros S/A*. Eu gosto muito de filme infantil e eu vi esse filme no mínimo 50 vezes. Porque de todos os filmes, de filme infantil, é o meu preferido. E eu sempre acompanhava os filmes da Disney e tal e acompanho até hoje mais ou menos. E aproveito para ver uns antigos de vez em quando, para poder rever. Igual um que eu nunca tinha visto todo que era Mulan. E eu achei a história muito muito boa, com tom crítico sobre ela. Ah eu achei bem feminista a mensagem que traz. E é isso, eu só vejo geralmente filme infantil ou filme muito bom de assistir porque tá todo mundo comentando, aí eu vejo para não ficar por fora. Às vezes gosto, às vezes eu acho horrível, mas eu não tenho muita paciência não.

Caracol: E televisão você assiste?

Irene: Bastante.

Caracol: Mas tipo tudo ou tem coisa que assiste mais?

Irene: Ah, eu assisto tudo, mas geralmente eu assisto mais jornal, pra saber que tá acontecendo e desenho – que se deixar eu fico vendo desenho o dia inteiro.

Caracol: Quais desenhos você assiste?

Irene: Ah, eu deixo no Cartoon ligado assim. Mas, eu gosto muito de Hora de Aventura, Steven universo, Incrível Mundo de Gumball e essas coisas que passa. Aí só passa isso agora. E eu gosto muito de rever desenho antigo porque eu gostava muito de ver desenho quando criança, aí aqueles desenhos me fazem falta. Porque os desenhos de hoje eu vejo que toma coisas muito sem noção, esse negócio muito psicodélico.

Caracol: É, eu vejo umas coisas bem assim mesmo. Eu peguei esse Steven Universe esses dias e nossa...

Irene: É, eu comecei a assistir pela internet, aí eu parei no comecinho da terceira temporada. Eu estava fritando muito nas histórias, aí eu parei de assistir por um tempo. Aí na televisão só passa os repetidos. Mas no Steven universo tem uma temática muito interessante. Que assim, tem uma personagem que é a Garnet, que é uma fusão de duas outras pedras: a Rubi e a Safira. Na história deixa entendido que elas se apaixonaram e de tão forte assim que era essa ligação, elas se tornaram uma só. Tem a Pérola também, que pelo que deixam subentendido era apaixonada pela líder assim, que é a mãe do Steven, do protagonista, e que ela assume sua forma humana. E aí ela queria ter um filho, aí teve Steven. Só que como ela era uma pedra e o pai dele era humano, nasceu Steven que é humano e tem uma pedra assim, que é a pedra da mãe. E isso faz ele ter todos os poderes da mãe. E a pérola parece ser muito apaixonada assim, até que ela tem um rancor até forte do pai dele.

(Segundo encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Percebemos, então, que a procissão somos nós mesmas: caminhantes pelas histórias de nossas infâncias, juventudes, identidades e diferenças. A procissão somos nós, muitas, Caracóis, Irenes, monstros e pedras... Agenciamo-nos. Nesse capítulo iremos inventar poéticas e políticas com nossas narrativas e com essas animações. Nos utilizar de nós e de nossas memórias para imergir na problematização da não binaridade de gênero. "Fritando muito nas histórias" nosso movimento é, no jogo de metáforas das produções animadas, transgredir sutilmente uma das lógicas que estrutura a metafísica ocidental: as possibilidades identitárias fixadas nos binários oposicionais.

Quem transita em questionamentos tem desconforto no determinismo de um binário: mulher *ou* pedra? Seres se confundem a tal ponto que uma era outra. Ser tão "eu", tão nós, quanto o(s) outro(s). Não ser coisa alguma. Ser muita coisa. Nesse encontro, nesse gramado, somos.

É no âmbito das simplicidades, das experiências que estão nas nossas memórias, que este capítulo se escreve - não se fixa, pretende-se percurso. É a dúvida do lugar (e não lugar) das identidades e diferenças que motiva o caminhar desse (des)encontro com a não binaridade de gênero pelo gramado. Para tal, é necessário imergir nessas metáforas e narrativas, suspendê-las e então potencializá-las.

> **Steven**: Ah, sério? Então vamos lá. Vem cá, a Pérola e a Ametista também veem o futuro?
> **Garnet**: Ninguém consegue ver o futuro, consigo ver opções e trajetórias. O tempo é como um rio, que se divide em afluentes e até mesmo em lagos,

> ou precipitam em cachoeiras. Eu tenho um mapa e conduzo o barco.
> **Steven**: Ah, agora entendi. Olha o Big Rosquinha. Então, o que acontece se eu dizer oi pra Sadie?
> **Garnet**: O resultado mais provável é que a Sadie diga oi de volta.
> **Steven**: Hum, oi, Sadie.
> **Sadie**: Ah, oi, Steven.
> (VISÃO, 2013, 3min35seg)

Convidamos aquela que ler a entrar nesse tempo de memórias e narrativas, analisar as opções e trajetórias e mergulhar nesse rio de poéticas. Convidamos a fazer o que fizemos, juntas e juntos de nós. A ser afluente. A experimentar os possíveis. Dizer *oi.*

Nós temos mapas e barcos de várias vidas, espaços e experiências. Em alguns momentos de vida e escrita já nos colocamos a refletir sobre os atravessamentos que cercam a temática central desse livro e os sentidos que se engendram a ela. Entranto, durante esses movimentos, não avançamos ainda sobre o que categorizamos em nossa(s) pesquisa(s) como "não binaridade de gênero" em si. Pensada enquanto termo, não a tínhamos firmado como categoria construída sociocultural e, em especial, historicamente. Para além, não havíamos problematizado a disputa entorno do conceito, nem mesmo os locais que fomos assumindo nessa disputa.

Assim, chegou um momento de vida e pesquisa desse livro em que foi preciso dar "um passo atrás", "colocar em suspensão" algumas verdades, "ver as trajetórias", opções, dúvidas. Um movimento que nos colocou tanto suspensas, quanto hesitadas.

A intenção deste capítulo é pensar o termo "não binaridade de gênero" na lógica da identidade/diferença. Queremos pensar o que nos foi apresentado sobre ele; como nós fomos construindo aquilo que categorizamos nesse pensamento; como nós mesmas fomos nos inserindo na disputa, assumindo diferentes lugares e como esse campo se apresenta atualmente – também como nos posicionamos nele. Assim, nos colocamos a discutir os sentidos da não binaridade de gênero a partir de nossas narrativas.

Segundo a *différance* de Jacques Derrida (1986), o significado de algo é sempre diferido, adiado, fluido e incompleto – algo que sempre jogamos para depois, postergamos, miramos em um futuro que nunca vai chegar (RODRIGUES, 2012). Indicamos que todo esse processo seja encarado nessa perspectiva. Uma vibração pelos sentidos da não binaridade, que adia sua definição, que a compõe e a torna, cada vez mais, inconclusa.

Durante as tradicionais buscas por referências e levantamentos de produções acadêmicas que uma pesquisa costuma demandar, foram poucos os trabalhos que encontramos que utilizassem o termo "não binaridade de gênero" (e termos relacionados: "gêneros não binários", "pessoas não binárias", "não binarismo" etc.). Mesmo nos que encontramos, em nenhum momento o termo era pensado ou mesmo concebido enquanto categoria para se pensar aquelas pesquisas. Ora, estamos nós então realizando algo novo, acionando outras categorias (aparentemente pouco exploradas) e nos encontrando com outros sujeitos. Há implicações em pensar categorias pouco analisadas. São necessários alguns cuidados.

Continuamos a acreditar que nós não sejamos capazes (e duvidamos que alguém seja) de definir plenamente o que tem se estabelecido enquanto "não binaridade de gênero" – até mesmo pensando que nenhuma definição é plena, estável ou totalizante. Contudo, começamos a acreditar que temos qualquer responsabilidade em explorar os sentidos do termo. Se em nossa perspectiva teórica somos a todo momento instigadas a desconfiar de algumas verdades, devemos ser também instigadas a problematizar as verdades que sustentam a(s) nossa(s) vida-pesquisa(s). Como exemplo, a própria verdade da existência da não binaridade como uma identidade ou/e diferença ou/e experiência ou/e o que quer que já tenhamos operado ou estejamos no movimento de operar.

Pensando com Michel Foucault, investigamos um termo localizado, algo que nesse tempo está recortado dentro de um campo de ideias possíveis e armado de ferramentas teóricas. Uma dada época que define as condições que sustentam como *verdadeiro* algum discurso sobre as coisas (FOUCAULT, 1999). Em outras palavras, olhamos para a não binaridade de gênero dentro desse período histórico que estamos, em meio a contextos sociais e culturais que nos permitem pensar (e nominar assim) essa categoria.

Em função disso, trazemos nesse capítulo duas pesquisas localizadas que movimentaram e movimentam nossos investimentos na não binaridade de gênero. "Diversidade de gêneros e ensino de biologia: casos de prazeres e corporeidades não binárias" (DOS REIS, 2015) e "'Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem

e não ser mulher': tecendo saberes e experiências da não binaridade de gênero" (DOS REIS, 2018) servirão de base para pensar os sentidos que já demos ou estamos dando à não binaridade de gênero, bem como nós fomos aprendendo e problematizando tais sentidos. Retornamos, então, a encarar a procissão poética de nossas vidas narradas.

1.1 "Sou não binário": refletindo identidades

> **Rose Quartz**: Isso não é admirável, Steven? Esse mundo está repleto de tantas possibilidades. Cada ser vivo possui uma experiência exclusivamente sua. As coisas que eles veem, os sons que eles ouvem, as vidas que eles vivem, são tão complicadas e também tão simples. Espero ansiosa por sua chegada. Steven, nós dois não podemos existir juntos. Vou me transformar em metade de você. E quero que saiba, que sempre que você adorar ser você mesmo, serei eu, te amando e amando ser você. Porque você será uma coisa extraordinária, porque você será um ser humano!
>
> (LEÃO, 2013, 10min01seg).

O ser que se movimenta nas identidades. Que se transforma. Que é e não é. Que deixa de ser. O encontro no gramado diz de cada ser vivo que possui uma experiência exclusivamente sua. Dessa coisa extraordinária. As identidades que se relacionam aos sons, às simplicidades e às complexidades. Esperamos ansiosas no gramado uma procissão que vem de outros tempos, de outras memórias. Encontros que datam de tantos e tantos anos.

Em outubro de 2014 encontramos o site *Espectrometria não binária*. Ele trazia informações daquilo que estava se construindo como não binaridade de gênero e costumava ser utilizado como fonte de argumentos em diversas discussões que ocorriam no âmbito das redes sociais. Quando se começou a elaborar a pesquisa "Diversidade de gêneros e ensino de biologia: casos de prazeres e corporeidades não binárias" decidimos que os assuntos que ali se movimentavam serviriam de foco para a escrita. Nesse sentido, incorporamos algumas verdades e hoje percebemos um voluntarismo forte na defesa de um ponto: a não binaridade de gênero enquanto *identidade*. Acreditávamos que, para ser coerente dentro de uma proposta de pesquisa em educação, a "não binaridade de gênero" precisava ser pensada como "gêneros não binários". Assim, teríamos certas características próprias da identidade que facilitariam a legibilidade dessa experiência. Encarávamos, ainda, que ao conferir identidade ela traria certa eficácia discursiva, material e política – o que se poderia almejar de uma pesquisa na área de educação para além da eficácia política?

A partir desse pensamento construímos a pesquisa na perspectiva da diversidade (o próprio nome já dizia: "diversidade de gêneros e ensino de biologia..."). Existiam gêneros para além do binário feminino/masculino, outras tantas construções que mereciam um olhar atento de uma pesquisa. Defendemos tal argumento e nos constituímos como pesquisadoras de identidades, ajudando a inserir a não binaridade dentro do debate social nessa mesma perspectiva. Por isso, nos propomos a pensar brevemente a não binaridade de gênero enquanto possibilidade identitária.

O que pressupõe a identidade? Ou seja, o que implica defender a(s) não binaridade(s) de gênero enquanto identidade(s). O que pode querer dizer uma identidade não binária ou uma identificação com um gênero não binário? E, junto a Stuart Hall (2000), quem precisa da identidade? Em outras palavras, por que é potente (ou não) criar uma lista (assumidamente incompleta) de tantas possibilidades identitárias para o gênero?

Antes de realizar esses dois movimentos, achamos importante reconhecer que o conceito de identidade é plural e complexo. Existem muitas pesquisas e diferentes perspectivas, enfoques e intenções quando se trabalha com grupos identitários ou o conceito de identidade em si. Escolhemos nos debruçar sobre a identidade a partir de estudos pós-estruturalistas e culturais.

Dito isso, (re)corremos à Kathryn Woodward para discutir o que significa pensar não binaridade de gênero como uma identidade. No capítulo da autora no livro *Identidade e diferença* (2000) é possível mapear seis elementos que atravessam as identidades, os quais são trabalhados aqui em consonância com a pesquisa produzida em 2015 (que entrevistou cinco estudantes que se colocavam como não binárias).

O primeiro desses elementos é que as identidades "adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas" (WOODWARD, 2000, p. 8). Como estamos engendrados em um sistema de classificação, simbólico e de linguagem binária, quando pretendemos descrever a não binaridade de gênero acionamos o sistema do binário feminino/masculino. O próprio nome

escolhido para descrever algumas experiências de gênero indica isso: transfeminina, demi-menino, travesti não binária, transmasculino etc. Quando olhamos algumas explicações dispostas na internet, isso se intensifica: "parcialmente feminina", "parcialmente masculina", "muito pouco masculino", "masculino de centro, mas não totalmente masculino" etc. Pode-se imaginar, a partir disso, que não apenas os nomes dos gêneros e as explicações estarão atravessadas nesse sistema de representação binário, mas também toda a performance de gênero: a escolha de um nome social, seleção de roupas, acessórios, modificações corporais, etc. "Performance de gênero" é um conceito desenvolvido por Judith Butler (2003) e diz respeito ao processo de executarmos (performarmos) uma série de práticas que produzirão significados de gênero sob nossos corpos. Com esse movimento, Butler questiona a continuidade de sexo-gênero (além de questionar a própria ideia de sexo) refletindo que o mesmo corpo tem a potência de performar diferentes identidades de gênero – estando, não obstante, sujeito a regulações e resistências; conferindo a essa performance o caráter de *perfomatividade* (que não é igual à performance, mas que a possibilita e/ou restringe).

Será justamente por conhecermos bem esse sistema binário que poderemos perceber essas performances e, por consequência, qualquer legibilidade em uma identidade não binária. Será por ter uma percepção do que é totalmente feminino ou totalmente masculino, dentro do sistema, que perceberemos as marcações identitárias da não binaridade: o trânsito, a mistura, o rompimento/atravessamento das fronteiras e a fluidez. O que poderá ocorrer é o

tensionamento desse "aprisionamento" a esse sistema simbólico, como é o caso de uma das pessoas entrevistadas:

> E eu não acho necessário ficar explicando como eu me sinto em tal momento. Porque, não sei, ainda sou meio confusa quanto a isso tudo. Porque é complicado você explicar como eu me sinto dentro da não binaridade. Não vão ser coisas binárias que vão significar como eu me sinto, sabe?! Me sinto tipo, "sabe um homem..." não é desse jeito. Não é "como uma mulher..." não é. Então, é complicado pra caraca. Eu acho estranho. (Entrevista com Estudante 4, 2015)

Quando pensamos em uma defesa da não binaridade como uma identidade, caímos em alguns questionamentos feitos a partir da provocação dessa pessoa: uma identidade que se propõe não binária poderia ser plenamente explicada utilizando uma estrutura da matriz binária? As palavras seriam suficientes? Há possibilidade de construir palavras para não binaridade? Poderíamos apontar que falta sistema?

Isso nos lança ao segundo elemento tratado por Kathryn Woodward (2000, p. 9): uma identidade é relacional. Nesse sentido, trabalhar a não binaridade é (se) relacionar diretamente com a binaridade. Acreditamos que pensá-la como identidade, nesse ponto em específico, seja sinalizar que iremos construir um pertencimento identitário a partir do encontro com os outros. Seja quando nos diferenciamos daquilo que encaramos como totalmente feminino e totalmente masculino, seja quando nos aproximamos de experiências (que estão sob o nome

de "gêneros não binários"), podendo essas serem próximas às nossas. Assim, a construção se daria tanto numa rejeição ao binário (ainda que utilizando o sistema para dizer dessa identidade) quanto numa ligação, por exemplo, com uma das definições de gêneros que o site *Espectrometria não binária* traz.

Nas entrevistas ficou nítido esse movimento de refletir o quão relacional é uma identidade:

> Eu vim para o Rio em 2010 pra fazer engenharia e eu me descobri uma pessoa trans-masculina não binária em, acho que uns, acho que não tem nem um ano, mais ou menos. Comecei a estudar, pelo feminismo eu descobri a transexualidade e comecei a estudar e me identifiquei bastante. Aí você começa a entrar naquela fase de negação: "Eu não sou trans." Não é uma categoria que você quer estar. Mas aí como as identificações eram muitas e eu acabei me identificando como trans: "Não, eu sou mesmo isso, porque tudo o que as pessoas viveram e tudo o que elas passaram eu me via na história das pessoas". (Entrevista com Estudante 2, 2015)

Para além das problematizações realizadas nesse trecho (o engendramento simbólico para dizer da não binaridade, a própria ideia de haver um binário uniforme e fixo, a identificação a partir de experiências próximas, a transexualidade e a não binaridade tidas enquanto categoria), queremos trazer aqui o risco de cairmos em um novo binário, dessa vez definido pela construção de um pertencimento

"binário" *versus* "não binário". Para uma pesquisa que se pretende desestabilizadora dos binários, nos parece agora equivocada a defesa de uma perspectiva que acabe nessa nova construção. Como se deslocar, portanto, de um pensamento que constrói mais e mais binários? A identidade, sendo relacional, pressupõe binários? Há possibilidades de escape?

Acreditamos que a terceira proposição que trazemos para essa discussão possa ajudar a tensionar ainda mais esses questionamentos: a identidade é "marcada pela diferença" (WOODWARD, 2000, p. 9). Como adiante iremos adentrar no pensamento da diferença mais a fundo, nos permitimos discutir, por ora, apenas alguns aspectos.

Para Woodward (2000, p. 12), só há possibilidade de delimitar fronteiras identitárias balizando o que está dentro a partir daquilo que deixamos de fora. Assumir uma identidade não binária pode ser afimar que nenhuma das masculinidades ou feminilidades conhecidas comportam as experiências. Como faz uma das estudantes em uma entrevista:

> Eu me descobri agênero faz um ano, um ano e alguns meses, na verdade mais ou menos, quando eu comecei a me identificar como agênero. Eu sempre tive essa coisa de não conseguir me identificar bem com nenhum dos gêneros, isso foi uma coisa que sempre me incomodou um pouco. (Entrevista com Estudante 3, 2015)

Poderíamos pensar a identidade *A-gênero* muito mais como uma identidade "A-binário", em especial se nos propomos a defender que existam gêneros para além do feminino/

masculino. Percebemos, pela leitura de Kathryn Woodward (2000, p. 13), que a identidade necessita da negação da diferença – o "a" como prefixo que nega, "anti". Assim a NÃO binaridade enquanto identidade aloca o binário feminino/masculino enquanto diferença – o que não deixa de ser um movimento interessante (considerando a dificuldade que a categoria "diferença" traz para um enquadramento de experiências). Não podemos, entretanto, novamente cair nos perigos de, ao identitarizar a não binaridade, tratá-la como una (Eu) e tratar o binário como O Outro[7] (no lugar de oS OutroS). Pensar identitariamente pode ser caminhar em direção à diversidade, ou seja, à criação de um rol de possibilidades que estão enquadradas no campo do diverso, não da diferença. Haverá pluralidade dentro da própria não binaridade: "Eu prefiro falar: 'Gênero Fluido'. E Gênero Fluido é só uma coisa guarda-chuva para os gêneros que eu me sinto." (Entrevista com Estudante 4, 2015).

E então chegamos à quarta construção da autora: ver que a identidade se sustenta tanto na afirmação quanto na exclusão (WOODWARD, 2000, p. 15). Nesse sentido, a não binaridade enquanto identidade será negociada com as diferenças e outras identidades dentro de um universo da diversidade. É o que defendemos em alguns momentos quando (re)produzimos o chamado espectro de gênero: identidades balizadas pelo binário e que vão construir afirmações ou exclusões para se definirem.

7 Indicamos que nesse livro quando "Outro" estiver em inicial maiúscula, refere-se à questão ontológica e filosófica da alteridade – aquilo que não está dado na (nossa) identidade, que lhe apresenta limite – utilizando como referência principal Jacques Derrida (1987). Isso para diferenciar o uso corriqueiro de "outro" (em inicial minúscula), que dirá apenas de exemplificações não específicas ou de simples distinção de duas coisas quaisquer.

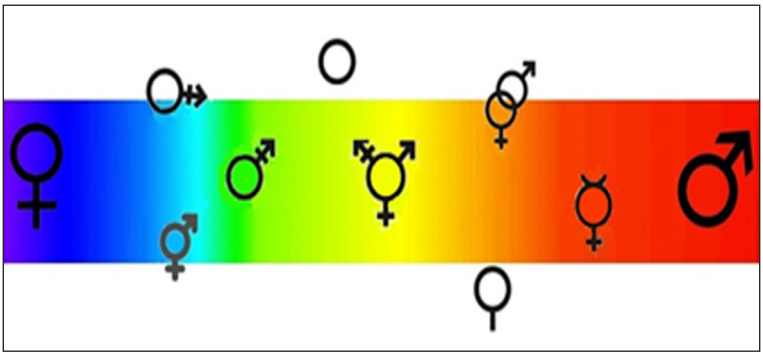

Figura 1 – Espectro de gênero. O polo esquerdo simboliza a identidade 100% feminina e o direito, 100% masculina. Nas cores do espectro entre os polos e fora da linha se localizam os inúmeros gêneros não binários – meramente representados por alguns ícones já definidos.

Fonte: Arquivo pessoal

Pensávamos no espectro como a materialização da diversidade, a materialização gráfica dessa negociação entre o que se entende por feminino e o que se entende por masculino. Se "menino veste azul e menina veste rosa", nós seríamos as nuances de qualquer outra cor no espectro. Pensamos aquelas falas e experiências como identidades: afirmações e exclusões; localizações.

Não consideramos, entretanto, que pensar identitariamente seja tornar as territorialidades de um espectro como territórios fixos (identidades rígidas). Trazendo Stuart Hall, chegamos à quinta discussão - a identidade como uma "'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 1997, p. 13). Em outras palavras, a identidade pode ser um processo flexível. Quem se identifica como não binário, provavelmente,

já se identificou dentro do binário. E, para além, a identificação não parece ser completa, mas fragmentada e aberta a (re)(des)construções. Como indica a entrevista:

> Me identifico como bi desde 2007 (me assumi em 2008), como trans não binário em julho de 2013 e como pan e neutrois desde agosto de 2014. O sentimento de gênero dominante pra mim é neutralidade, e posso resumir meu gênero como neutrois, o que tenho feito desde agosto de 2014. O nome completo atual do meu gênero, que pude formar em março de 2015, é blurfluximprigênero de cadoneutrois e pangênero. Essa é provavelmente entre a décima e a vigésima designação que invento para explicar meu próprio gênero não binário.
> (Entrevista com Estudante 1, 2015)

Esse trecho nos agita a pensar em dois sentidos interessantes que dizem da identidade: o primeiro que ela é provisória. A pessoa que continua a dar nomes incompletos para explicitar sua experiência de gênero. A pessoa que parece não se incomodar com o trânsito, mas que já se utilizou de vinte identidades para significar suas experiências. O segundo é que ela é uma invenção. Recusamos, ainda que tenhamos pensado a não binaridade enquanto identidade, qualquer essencialismo. Se o binário de gênero é construído socialmente, a transgressão a ele não poderia ser diferente. A invenção pode ser um guardar consigo mesma um ato de resistência, re-existência: criar rotas de fuga nos territórios que já estão determinados (SEGURADO, 2007). Inventar uma nova nomenclatura de gênero é, assim, um próprio (re)inventar-se, pensar em novas formas de se movimentar simbólica e socialmente.

E então trazemos para a discussão o último atravessamento apontado por Kathryn Woodward: "a construção da identidade é *tanto simbólica quanto social*" (2000, p. 10, grifos da autora). A relação dessas duas dimensões trará conformações identitárias não apenas para as pessoas, mas também para qualquer coisa que se engendre nas políticas de certa identidade. Quando pensamos as questões de gênero, por exemplo, construir uma identidade não binária será perpassar por esses fatores de ordem tanto material quanto subjetiva. É o que parece mostrar mais uma entrevista:

> Já tem bastantes meninos tomando este tipo de nomenclatura pra si: "sou homem trans não binário", porque a gente quer se hormonizar, a gente quer passar por tudo, então tem alguma coisa ali que a gente acha que não é certo, então a gente não concorda com binários de gênero então a gente vai contra isso. Tipo, eu sou um homem trans e posso usar batom, por que eu não posso usar batom?! Posso usar sim. Eu posso pintar minhas unhas e se eu quiser comprar roupas femininas, por que que eu não vou comprar?! Vou continuar sendo um homem da mesma forma, usando batom ou não, usando salto ou não, usando maquiagem ou não, usando cabelo grande ou não, então é isso. (Entrevista com Estudante 2, 2015)

O esforço para a afirmação de certa identidade terá tanto causas, quanto consequências na materialidade. As proposições expressas na fala, os modos de ser/estar/fazer que ali vibram, o argumento de utilização de acessórios e modificações corporais irão repercutir socialmente, causar de-

sestabilizações, rejeições, aprovações, exclusões etc. Pensar a não binaridade de gênero como identidade, nesse sentido, servirá para desestabilizar o próprio binário de gênero: dizer de sua invenção, questionar sua estrutura simbólica e social.

Todos esses atravessamentos podem ser esgarçados quando nos debruçamos sobre as não binaridades enquanto identidades. Outros questionamentos poderiam ser feitos: o que é preciso ter para algo se constituir como identidade? "Apenas" um pertencimento subjetivo (e não dizemos que isso é o que ocorre em todos os casos) é suficiente? A não binaridade pode ser entendida como uma identidade cultural? Reconhecemos uma história, uma cultura, uma linguagem que diz da não binaridade? O que significa afirmar "sou não binário"? Que armadilhas e potencialidades estão imbricadas nessa fala?

Para além dessas questões – que consideramos extremamente potentes – queremos pensar, para finalizar temporariamente essa discussão de identidades, outra interrogação já anunciada: quem precisa da identidade? Ou melhor, se os sujeitos não binários se propõem ao rompimento das fronteiras e já questionam algumas ordens sociais que encerram experiências, por que anseiam por identidades? Essa questão fica mais forte e necessária quando nos movimentamos nas narrativas que construímos entre nós na pesquisa mais recente – em que a recusa à identidade é mais acentuada, ainda que esteja reconhecida a sua potencialidade política.

Kathryn Woodward (2000, p. 11) diz da existência de um processo de identificação que é permanente e contínuo.

Um processo no qual procuramos saber de nós mesmas, uma compreensão que se dá por meio de "sistemas simbólicos". Se, no início, acabamos por adotar uma identidade que vem do exterior do nosso eu, vamos continuar a nos identificar com aquilo que desejamos ser. E seremos, ainda, incentivadas à identificação.

Nesse sentido, é interessante destacar que não são apenas as pessoas que se identificam como não binárias que terão necessidade da identidade, mas todas as pessoas que se fixam em identidade de gênero. Na nossa constituição enquanto sujeitos de gênero, desde crianças, somos impelidos a pensar dentro de algo, a nos sentirmos pertencentes; e somos culturalmente cobrados: temos um nome, frequentamos escolas que nos dividem por faixa etária e gênero, somos questionados a respeito de nossas identidades sexuais, nos classificamos em raça e etnia, etc.

Talvez seja exatamente essa a motivação que atravessa o sujeito. Ainda que construa o desejo de romper com a estruturação binária, não necessariamente irá construir o desejo de romper com a necessidade de identificar-se. O sentimento de pertencimento, ainda que imponha quaisquer fronteiras, talvez seja mais confortável que se colocar sempre à margem das questões identitárias.

Mas, claro, há quem narre a não binaridade na margem, na fronteira, desterritorializada. E é aqui que encaminhamos, então, para pensar a não binaridade enquanto diferença, não diversidade. É o movimento que tentamos realizar entre nós, nesta pesquisa mais recente, e que temos considerado mais potente. E então parece termos encontrado o que queríamos:

a diferença. É a animação quem traz a recusa, é a indecisão que se instaura no gramado que nos agita.

> **Steven**: Ah, você é inteligência e força, o pacote inteiro.
>
> **Garnet**: Obrigada.
>
> **Steven**: É porque você é uma fusão?
>
> **Garnet**: Tenho que guardar alguns dos meus segredos.
>
> **Steven**: Ah, por favor eu quero saber! A parte forte de você é a Ruby e a parte inteligente é a Sapphire?
>
> **Garnet**: As duas são tudo. Quando duas Gems se fundem, o resultado é uma coisa maior que a soma de suas partes, é por isso que eu sou tão legal.
> [...]
>
> **Steven**: E como é que é, ser uma fusão?
>
> **Garnet**: Você se fundiu.
>
> **Steven**: Eu quero dizer, o tempo todo, você se esquece de quem você era?
>
> **Garnet**: Você se esquece que já foi sozinha. Sabe, quando você se funde, você não se sente duas pessoas, você se sente um só ser e seus antigos nomes podem ser os nomes do seu braço esquerdo e direito.
>
> **Steven**: Garnet, quando você se divide desaparece?
>
> **Garnet**: Eu incorporo meu, quer dizer, o amor de Rubi e Safira. Eu sempre existirei nelas, mesmo se um me dividir, mas a força desse amor me mantém unida, então eu ainda posso ser Garnet por muito tempo.
>
> **Steven**: Por isso que você é tão legal.
> (FICANDO, 2014, 5min29seg).

Os diálogos, as fusões, as forças, o plural, as pistas que agora o gramado e a animação lançam podem apontar a construção da diferença. Aquilo que difere, aquilo que produz outras possibilidades, aquilo que experiencia: a dúvida e a incompreensão das formas outras de existência dizem de um movimento inconcluso, um caminhar indecisível.

Continuamos nos movimentando nas questões. O convite permanece. Tendo finalizado a pesquisa de 2015 (esse primeiro momento de pesquisa atrelado a não binaridade de gênero e a relacionando às questões identitárias), foram iniciados em 2016 os encontros que trazem materiais direcionados a esse livro. Foi um começo de uma nova pesquisa, mas que estava engendrada em antigas verdades construídas na anterior.

1.2 "Não sou binário": refletindo diferenças

Foi durante o ano de 2016 que entramos em contato com pesquisas e pessoas que faziam vibrar em suas escritas a categoria *experiência*. O encantamento e a conexão com a pesquisa se fizeram na escrita e na leitura. Foi quando entendemos com Roney Polato de Castro (2014) que uma *pesquisaexperiência* se constrói em um percurso de (des)subjetivações, em um percurso que vai transformando o formato rígido e "pesquisadora". Assume-se, então, outras possibilidades de vivenciar a vida e a pesquisa – que serão sempre provisórias e momentâneas.

Junto à experiência, conhecemos mais a fundo o campo dos estudos pós-estruturalistas e iniciamos um período de

problematização daquilo que encarávamos como verdade: a identidade não binária. Pensando sempre que "não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11), fomos aos encontros abertas ao rompimento. Foram eles que nos instigaram; e começamos a questionar essa construção e colocar em xeque a própria potencialidade (e necessidade) de identificar-nos. Passamos a nos debruçar sobre a não binaridade enquanto *diferença*.

Por isso, propomos dialogar apenas duas questões: i) o que pressupõe a diferença? Ou ainda, o que não pressupõe a diferença? E, junto a Derrida (2001), ii) quais a potencialidades do "não", do "nem isso, nem aqui"? Em outras palavras, por que é interessante (ou não) afirmar-se na negação: "não sou binário"? Utilizamos, a partir de agora, as narrativas produzidas entre nós quatro.

Para iniciar, escolhemos pensar a diferença a partir da mesma perspectiva que pensamos a identidade: as pistas que Kathryn Woodward (2000) e Stuart Hall (1997; 2000) lançam – e também Gilles Deleuze (1988), Tomaz Tadeu da Silva (2002) e Elizabeth Macedo e Alice Casemiro Lopes (2011). Assim, elencamos seis atravessamentos que consideramos importantes quando se pensa a não binaridade nessa chave.

O primeiro ponto que colocamos em discussão é aquele que Kathryn Woodward (2000, p. 15) traz para comentar que a diferença pressupõe hibridismo e heterogeneidade. A diferença como aquela experiência em que não mais é possível a classificação ou identificação, a delimitação de uma fronteira, o enquadramento, o resumo em uma unidade básica, mas

que é cercada por elementos das identidades (mesmo colocando em suspensão tais elementos).

> E eu acho que o meio disso [do ser homem e do ser mulher] é o perfeito assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa. (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Hibridizar-se, como indica o movimento da narrativa, é parte da produção da diferença, da criação de, nos termos de Homi Bhabha (1996), um "terceiro espaço": a possibilidade de inventar, fazer emergir outras posições. Não é a proposta, no entanto, que esse espaço (ou novas posições espaciais, novos espaçamentos) seja considerado como uma nova identidade, mas justamente como a introdução de uma diferença na geografia do gênero. Uma geografia que se propõe a preencher de olhares todos os espaços intersticiais. Relacionamos essa ideia com a proposição deleuziana de *entre-lugar*, um (des) território que se configura como sítio, onde se articulam elementos do passado e do presente, do interior e do exterior, da inclusão e da exclusão: caracterizam-se pelo interstício, pela fenda, pela brecha (FISCHER, 2010).

Nesse sentido, pensar a não binaridade de gênero enquanto diferença implica em rejeitar uma atitude territorializante, que buscaria fixar as experiências em fronteiras bem

estabelecidas. As fronteiras, os limites, aqui são borrados, embaçados e, então, podemos esgarçar a própria ideia de fronteiras de gênero. Não é mais interessante experienciar a não binaridade apenas como uma nova identidade, que joga com as identidades hegemônicas de feminino e masculino lançando-se de uma para outra e reciprocamente, mas, no máximo, como um identificar-se/diferenciar-se (em verbos, em ações, em movimentos perpendiculares, em entre-lugares).

Chegamos, então, à segunda implicação da diferença que escolhemos discutir com a não binaridade de gênero: sua ilegibilidade. A ideia é explorada por Derrida (1986) no campo dos estudos linguísticos, mas acreditamos ser potente para pensarmos, uma vez que: se não há território, espaço conhecido, lugar... como podemos ler? Como podemos, aliás, (d) escrever? Incentivamos imaginar o gênero (e a não binaridade) como um texto a ser lido. O que Derrida apresenta é que talvez, simplesmente, "o conceito tradicional de leitura não resiste à experiência do texto; e, consequentemente, que o que você lê é uma certa ilegibilidade" (DERRIDA, 1986, p. 162).

O conceito tradicional de leitura não resiste à experiência do texto.

Nosso conceito tradicional de gênero, seu limite de construção binária, seu dimensionamento apenas em ser mulher/ser homem talvez possa não resistir às experiências na diferença que vêm sendo produzidas. Talvez seja potente, assim, pensar como se produz essa resistência às experiências, à expansão dos conceitos tradicionais, ao trabalho desconstrutivo. Derrida (1986) lança outra pista também potente: não

é apenas em textos singulares, mas está no limite de qualquer texto. Nesse sentido, acreditamos que pensar o texto específico da não binaridade como diferença seja tensionar o limite de qualquer texto do binário de gênero, seja explorar esses limites, lançar todo o gênero ao estranhamento da diferença.

Quando lançamos o olhar à produção da diferença, passamos pela ilegibilidade desse processo, a imprecisão, a falta de território simbólico legível para abordar uma experiência. A não binaridade de gênero pode evocar signos e símbolos do binário de gênero, entretanto, podemos utilizar a mesma perspectiva de significado e significante para dizer dela? Todos esses elementos não podem ser e são (des) (re)construídos?

Pode ser um movimento interessante, como o que é instigado em outro momento da conversa sobre as resistências de outras pessoas às expressões de gênero:

> Os preconceitos que sofri e sofro, é por eu estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede, por exemplo eu tenho corpo feminino e tô vestida de forma masculina. As pessoas, quando eu chego num lugar, já olham pro meu peito, pra ver se eu tenho peito, pra ver se eu sou uma menina mesmo. As pessoas ficam querendo saber.
>
> [...]
>
> É aquela coisa né, o corpo feminino tem que acompanhar acessórios femininos e vestimentas femininas, e o masculino a mesma coisa: acessórios masculinos e vestimentas masculinas. E quando você mistura os dois num corpo só as pessoas ficam mais confusas ainda. Elas ficam tipo "Ah mas

> você não é sapatão? Mas você não é...". Não sei, confunde as pessoas. Aí tem gente que enxerga na maldade, tem gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo, de não saber o que é, mas não de maldade. Curiosidade. Às vezes não sabe fazer a pergunta da forma correta, mas a gente sabe quando é na maldade e quando não é.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

A expressão de gênero não é um momento posterior à identidade, mas a constitui (BUTLER, 2003). Assim, esse conceito está relacionado à materialização física das verdades que se produz sobre si e sobre os gêneros – o próprio ato de narrar-se pode ser entendido como uma expressão de gênero, por exemplo. Expressar-se é se colocar à disposição de leitura. Montar-se pode ser querer ser lido de uma forma específica. Estar incoerente com o padrão da linha de montagem é estar ilegível. E, quando há impossibilidade da leitura realizada a partir da uma chave de classificação clássica (a referência hegemônica dos gêneros), abre-se espaço para a invenção de outra leitura, que pode colocar o sujeito no lugar do estranho, do desconhecido. Pensar a não binaridade de gênero enquanto diferença, nesse ponto, implica em fomentar a confusão. Quando os significados e significantes conhecidos já não servem mais para ler aquele corpo, aquela roupa, aquele acessório, aquele cabelo etc., as consequências da ilegibilidade se materializam (seja em violência, seja em curiosidade). Os símbolos e significados podem até ser conhecidos (como o uso de um batom ou uma blusa larga), mas a conjugação deles é que torna também o corpo estranho – como uma pala-

vra formada por letras conhecidas, mas que não se encaixa no idioma como um todo: uma leitura muito parcial que tem a possibilidade de uma interpretação equivocada.

Não há previsão para o desdobramento da relação que se estabelece na ilegibilidade, na diferença. Como discutiremos em outros momentos desse livro, a maior parte dos casos está ligada ao desconforto, a uma tensão que se expressa, em especial, na exclusão e rejeição. Assim, em um primeiro momento podemos pensar no processo de abjeção. Mas, em movimento paralelo, é também possível a produção do encantamento, do fascínio (o que seria desse livro sem essa possibilidade tangencial?).

Passando ao terceiro ponto, direcionamos essa discussão para pensar como a diferença está imbricada em multiplicidade. Trazendo Tomaz Tadeu da Silva, "a multiplicidade é a capacidade que a diferença tem de (se) multiplicar" (2002, p. 66). Assim, ela não pode ser considerada enquanto pluralidade ou diversidade, como exploramos nos processos identitários. A multiplicidade é evasiva, é rizomática. Podemos com ela perceber os desdobramentos da diferença, as reverberações e as novas produções, mas isso não significa dizer que esses processos se constituem de forma a criar limites, fronteiras e identidades.

Quando pensamos essa questão no gênero (e na não binaridade dele) entendemos que as pessoas irão experienciar a diferença ao binário de múltiplas (e infinitas, talvez) maneiras, sem que se estabeleça a necessidade de fixação em uma forma específica de definir, nomear ou experiênciar o seu gênero. Como indica João Manuel de Oliveira (2012), ver a mul-

tiplicidade no gênero tem sua potência, uma vez que ela nos faz investir em possibilidades outras de pensamento sobre o próprio gênero; sobre sua complexidade e força emancipatória[8] . É justamente a *ambivalência e definição múltipla* que disparam novos olhares aos feminismos contemporâneos, às movimentações LGBTTIs[9], aos estudos de masculinidades, etc; tudo isso sendo marcado e habitado pelo múltiplo e não pelo uno.

As narrativas dos nossos encontros indicam para essa complexidade e exploração das possibilidades. Quando se questiona sobre a necessidade (ou obrigação) de uma identidade binária, muitas vezes se questiona junto a necessidade mesmo do identificar-se. É o movimento que surge em um encontro:

> Tem uma menina lá do grupo que falou que eu seria *demiboy*. Aí eu falei com ela "Ah, não sei. Eu me defino como gente e acho que isso já tá bom demais". Pra mim tá bom demais. Já está ótimo. Eu falei assim "Ser gente no mundo é tão difícil hoje que então eu acho que já tá bom demais". Aí ela ficou toda assim. Mas eu não falei por falar. É isso. Eu não me defino não. Eu acho que quanto mais

8 O autor defende a questão emancipatória do gênero, e aqui acompanhamos sua ideia, na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (2000; 2003). A emancipação se dando através do reconhecimento dos processos de igualdade e de diferença e da busca de maior autonomia para a promoção desses processos – que não estejam exclusivamente atravessados pelas hierarquias e dicotomias.

9 Elegemos a sigla LGBTTI para indicar grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais. Entendemos que existam muitas combinações desses termos no esforço de representar a diversidade sexual e de gênero. No entanto, acreditamos que nenhuma combinação dá conta da diversidade de identidades que habitam esses grupos.

> limites você por, mais limites você vive. Você se limita o tempo inteiro. Tipo "Ah se você é demiboy você tem que andar assim e assado; se você é aquilo você tem que andar assim, assim, assim e assado; se for mulher assim, assim assim...". Não. Quanto menos regras você colocar, tipo, vai ser feliz. Vai ser feliz. E vai ser gente, não ter que ser aquilo ou isso. Vai correr atrás da sua felicidade do jeito que você achar melhor, do jeito que você se sentir melhor. Sei lá.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Assumindo essa perspectiva de pensar que cada pessoa irá experienciar a não binaridade de um jeito – em outras palavras, irá se diferenciar do binário de sua maneira – e que "quanto mais limites você por, mais limites você vive", acreditamos que quantas são as pessoas, quantas serão as experiências e quantos serão os terceiros-lugares a preencher. A multiplicidade de sentidos (e formas de sentir) que vão se produzindo para a não binaridade de gênero aproximam-na da perspectiva da diferença. É por ser atravessada pela diferença que é possível pensar percorrendo tantos caminhos.

O quarto ponto que acreditamos ser potente é pensar que *diferença* não quer dizer *diferente* (SILVA, 2002). Como já apontado, se pretendemos encarar a não binaridade enquanto diferença, ela perderá sua força quando categorizarmos uma "pessoa não binária" ou quando fizermos o movimento de territorialização dentro daquele espectro. O diferente pode ser considerado uma nova identidade, ainda que difira do padrão hegemônico ou aceitável socialmente. Ele ocupa um território, tem lugar nas hierarquias, está incluso nas políticas

identitárias (seja enquanto detentor do direito, seja enquanto marginalizado).

Uma política que agregue o diferente, apesar de interessante em alguns casos, não nos pareceu ser adequada nessa temática. Seria uma política da diversidade, não da multiplicidade. Concordando com Gilles Deleuze (DELEUZE, 1988), o diverso já está dado, já é catalogado. A diferença, no entanto, é o comparativo que está no fora – aquilo "pelo qual o dado é dado como diverso" (DELEUZE, 1988, p. 355). Assim, arriscamos pensar que dentro do diverso teremos o idêntico e o diferente, o normal e o anormal, o aceitável e o rejeitável – teremos identidades binárias. Entretanto, não teremos a diferença. Quando narramos experiências, parecemos rejeitar as identidades que irão compor um quadro diverso. Rejeitamos o diferente, mas também o idêntico.

Trabalhando então a não binaridade de gênero enquanto diferença e nos aliando à Deleuze, percebemos que quando tomamos a diferença como uma simples oposição, ela já perdeu sua força. O diferente se opõe ao idêntico. A diferença irá tensionar os padrões que definem a identidade. Nesse sentido a não binaridade não se opõe ao binário de gênero, mas o desloca, preenche os espaços, transita, flui.

> Tipo, eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher. Mas eu não sabia o que era. Então eu sempre me assumi mulher e aí falei "Ah, sou mulher". Em pautas feministas assim, "me assumo mulher" e coisas do tipo. Mas eu sempre estranhava quando eu falava "eu sou mulher".
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

A potencialidade da não binaridade enquanto diferença nos parece estar no não ser. Se para Judith Butler (1998) em alguma medida nós somos constituídos enquanto sujeitos por meio de exclusões e diferenciações, acreditamos que as afirmativas se perdem nas narrativas de diferenciação e dão lugar às negativas. Torna-se sujeito a partir do não ser, da rejeição, do estranhamento.

Na mesma perspectiva, relacionamos a quinta discussão que propomos à diferença: o devir, o adiar de sentidos. No início deste capítulo já indicamos nosso interesse sobre a *différance*, o adiamento que tomamos como potente para comentar sobre essa temática. A "différance não é, não existe, [...] não tem existência nem essência" (DERRIDA, 1991, p. 37). Assim, a não binaridade de gênero enquanto diferença "não é". Terá sempre sentidos adiados, inacabados, em trânsito. Sua definição é interrompida, negada.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2002), a diferença é um *devir-outro*. Tomando devir como rizoma, contágio, multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997), podemos influir que a não binaridade enquanto diferença não se pretende uma forma definitiva, não se resume ou se conclui em um formato, mas *tende*, *adia*. Quando dizemos que a não binaridade nos parece um devir-outro, apontamos para as linhas de fuga, para o escape à normalização e à essência. E caminhamos em direção à vibração dos terceiros-lugares, dos espaços desterritorializados.

Nesse movimento, indicamos que olhar a não binaridade como diferença nos expande à possibilidade de rompimentos com os jogos de identidades (sejam essencialistas ou não),

com as políticas determinantes que vêm sendo promulgadas acerca dos gêneros e das sexualidades. Michel Foucault (FOUCAULT, 2004a) nos traz que os sujeitos estão engendrados em uma situação estratégica de luta em relação a esses jogos de identidade, que não estamos em momento algum fora das relações de poder, apartados da situação. Mas defende: não estaremos (ou estamos) sempre presos, mas, ao contrario, estamos sempre livres na possibilidade de mudar as coisas.

Encaramos que a diferença nos traz essa possibilidade de transitar nos signos ainda sem significados. Em outras palavras, nos lança à produção de novas subjetividades ainda não capturadas. Uma das narrativas produzidas em conversa sobre utilização da língua pode servir para exemplificar esse trânsito e possibilidade de ultrapassar marcadores de identidade:

> Tem dia que eu uso o "o", tem dia que eu uso o "a", tem dia que eu uso o "x", tem dia que eu uso, sei lá, o "@". Então depende. Eu não tenho muito esse problema não. Aí tem gente que fala "Ah, mas e se te chamar de "a"?". Ué gente, o que tem o "a"? "E se eu te chamar de 'o'"? Eu "Ah o que que tem?". É realmente uma letra do alfabeto. Não vai definir quem eu sou. Não vai definir o que eu penso. Não vai definir nada. Eu que tenho que saber quem eu sou. Agora se o outro acha que deve me chamar de "a", se ele acha que deve me chamar de "o" ou se ele acha que não deve me chamar de nada... pessoa... humano... tá tudo ótimo. Eu tô feliz desse jeito. (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Parece-nos que, para algumas pessoas, a questão da utilização das flexões que são marcadoras de gênero na língua portuguesa (e, em contrapartida, a utilização das formas alternativas a essas flexões binárias *a*/*o*) não é influenciadora quando se joga com a não binaridade. Pensando-as enquanto marcadoras identitárias, tais formas da língua – mesmo sendo subjetivantes – não tomam a centralidade da discussão quando tomamos a não binaridade como diferença. Nesse sentido, é encarar que, sendo um devir, tal função da língua não pode "definir quem eu sou" (porque nada pode).

Vale dizer que observando possibilidades de linhas de fuga para as experiências que visam romper com o binário da língua, Laís Virgínia Medeiros (2016) sinaliza que qualquer proposta de linguagem que pretenda representar as pluralidades de gêneros não vai ter seus alicerces ou ferramentas nas noções clássicas gramaticais de flexão de gênero. É necessário um estranhamento dos sentidos, regras e possibilidades que as estruturas linguísticas promulgam. Repensar, testar, esgarçar, ironizar e provocar as palavras – e seus conceitos –, os enquadramentos e possibilidades. Ainda assim, como conclui o trabalho de Laís Virgínia Medeiros (2016) essas desestabilizações que podemos fomentar sempre irão compor uma disputa entre o que já está construído sobre a língua e o "acontecimento enunciativo" – o Outro que se pretende incorporar.

Aqui ligamos o último ponto para essa discussão – pensar que a diferença está nos sentidos que escapam àqueles definidos no âmbito das culturas (MACEDO; LOPES, 2011). Assumir a não binaridade de gênero enquanto diferença, en-

tão, é assumir que a tentativa de a representar no âmbito da cultura será falha e incompleta. As ferramentas culturais nos darão apenas meios de captura para alguma tentativa de legibilidade. Mas, sendo diferença, sendo trânsito, nunca será uma captura completa ou totalmente justa.

Seguindo no exemplo da língua portuguesa, podemos perceber que a narrativa do primeiro encontro Caracol/Elfo parece apoiar esse apontamento: "tem dia que eu uso o 'o', tem dia que eu uso o 'a', tem dia que eu uso o 'x', tem dia que eu uso, sei lá, o '@'". Apesar de algumas pessoas, que localizam sua experiência de gênero entorno da não binaridade, reclamarem desse espaço da construção linguística, para outras essa questão é muito mais fluida e não determinante. Não há um investimento, uma vez que não será essa gramática que poderá dizer de sua experiência na diferença.

Outra narrativa nos ajuda a refletir:

> Igual eu, eu não sei direito como me tratar. Tem dias que eu me sinto... que eu me sinto confortável de uma forma, tem dias que eu me sinto confortável de outra. É bizarro. Não sei explicar direito. Às vezes eu uso, eu vou falar assim "Tô cansada". Aí falo assim no feminino e fico "cansada, cansada, cansada" e fica tipo na minha cabeça. Aí eu tento tipo, não sei, quando eu vou conversar com alguém e eu tenho que usar pra me referir a mim é, tipo, tem uma palavra que eu tenho que colocar ou o masculino ou o feminino eu vou falar de mim, eu tô conversando, eu meio que apago a última letra. Eu falo mais baixo, não sei. Tipo "Ah, eu tô cansad...". Aí meio que some a letra. E dá pra entender. Não

> sei, pelo menos as pessoas entendem. Você tá falando alto a palavra e... É estranho.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Há um sentimento de estranheza, de explicação "inconsistente" da experiência e expressão. Parece-nos uma confusão provocada pela diferença: pela fuga dos sentidos que a cultura traz e que, no caso da não binaridade, parecem ser insuficientes para se explicar (e mesmo para se entender: "eu não sei direito como me tratar"). Estando todos os sujeitos engendrados nos padrões culturais, como abordar experiências quando há diferenciação? A diferença escapa da produção de uma explicação justamente quando percorremos espaços ilegíveis, não descritos pela ordem identitária.

Ainda dialogando com a narrativa, refletimos sobre a alternativa utilizada na oralidade – que busca anular uma definição binária de gênero – como uma tentativa de escape aos sentidos da cultura. Relacionamo-la também, com o conceito principal de *différance*: o adiamento. O adiamento da relação com a língua. Deixar para depois – ou nunca – uma tentativa de marcação de gênero a partir da fala. Adiar a construção identitária. Consideramos muito potente esse movimento proposto no encontro. Enquanto somos forçadas a ansiar pela presença, pelos marcadores que dirão de uma identidade, podemos ser forças a fugir e ansiar pela diferenciação, pela não marcação; talvez, pela não binaridade enquanto diferença.

Voltando aos questionamentos do que implica dizer "não sou binário", escolhemos pensar com Jacques Derrida (1986) as potencialidades da negação, do "nem/nem". É inte-

ressante se debruçar sobre algumas movimentações (e aqui destacamos que ele não fala explicitamente de gênero ou, ainda menos, de não binaridade de gênero) que escapam e desorganizam a lógica filosófica binária, ligada à ocidentalidade. Essas palavras, experiências, conceitos, movimentações "nem/nem", "nem isso/nem aquilo" estariam atreladas à diferença.

Durante toda sua argumentação, a discussão da *différance* nos parece advogar que os binarismos são sistemas de violências. Nesse sentido, olhar para a não binaridade de gênero, na perspectiva do "não sou binário" pode ser uma tentativa de desestabilização de alguns jogos de violência que se firmam entre masculino/feminino. Vale ressaltar que aquilo que o autor defende enquanto indecisíveis (essas realidades "nem/nem", nem isso/nem aquilo) não pode ser considerado como experiência à parte, como algo que viria para solucionar o sistema binário violento. Mas que servem, ao menos, no processo de desconstrução.

A tentativa de desconstruir (nos termos do autor), desnaturalizar, dessacralizar essas violências nos parece uma das principais potências da não binaridade de gênero enquanto diferença. No mesmo sentido, pensar outras formas de comunicação, de "dizer sobre", de fazer política também é interessante. Temos conquistado direitos no campo identitário que afirmam a diversidade e legitimam novos lugares para as experiências de gênero e de sexualidade. Entretanto, o entre-lugar exige uma mudança epistemológica. Como realizar políticas de diferença? Como pensar em materializações daquilo que só temos capturas? Como assegurar direitos? É possível fazer essa movimentação do concreto?

Diferença, talvez, implique também em questionamentos. É um caminho feito de interrogações, muito mais que de afirmações; a clareza que dá lugar ao estranhamento; a estabilidade, fixidez que é atravessada pela fluidez, pela incerteza, pelo movimento. O gramado se move junto à procissão, nós nos movemos, fluímos. A não binaridade de gênero, se pensada enquanto diferença, estará no trânsito, na fronteira – vibrando pra a desestabilização desses limites. E então, desestabilizamos árvores em pessoas, narrativas em danças, grama em memória. Caminhamos nos encontros. Nossas poéticas estão aqui.

1.3 Atravessadas por identidades e diferenças: pistas da não binaridade

> **Pérola**: O que aconteceu, Steven?
> **Steven**: Acho que magoei muito o Ronaldo.
> **Pérola**: Oh, Steven! Os humanos levam uma vida chata, curta e insignificante, então inventam histórias para se sentirem parte de algo maior. Querem jogar todos os problemas do mundo sobre um só inimigo para poderem lutar, em vez de admitirem uma complexa rede de forças além do controle de qualquer um.
> **Ametista**: Que triste. E hilário!
> (O MUNDO, 2013, 6min30seg)

Como Ametista que, observando o diálogo, acha tudo aquilo triste e hilário, também nós nos aterrorizamos e deliciamos com as discussões que travamos no gramado. Qual-

quer sentido que tenhamos ensaiado para a não binaridade de gênero parece-nos curta, uma rede complexa que sinaliza para incompletude, para insuficiência. "Que triste. E hilário!".

Terminamos este capítulo deixando a amarga impressão de termos construído outro binário: a não binaridade enquanto identidade *versus* a não binaridade enquanto diferença. Acreditamos que nosso tratar com a filiação teórico-metodológica tenha nos colocado nessa construção que consideramos falha e injusta. Para finalizar, então, pretendemos explorar essa relação e (tentar – em tentativa e em tentação) ser mais pragmáticas, pensando os "sentidos da não binaridade de gênero" através de alguns pontos.

A partir das análises que realizamos entorno das pesquisas, podemos ter dado a entender que identidade e diferença se constituem em um binário (desses como constituídos no pensamento ocidental: oposicionais e hierarquizados). Entretanto, não encaramos identidade/diferença nessa perspectiva. Entendemos que as construções da identidade e da diferença estão imbricadas em um mesmo processo.

Assim, não pretendemos mais pensar a não binaridade de gênero como identidade ou como diferença. Além de injusto com as experiências e narrativas produzidas, vai de encontro ao referencial teórico adotado nesses trabalhos. A perspectiva pós-estruturalista tende à problematização e desconstrução do "ou", prezando pelo "e" – desconsiderando identidade/diferença enquanto opostas. A identidade tem a diferença como marcadora, ocorrendo tanto através de "sistemas simbólicos", quanto através de "exclusão social". "A

identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença" (WOODWARD, 2000, p. 40, grifo da autora).

Todas as falas produzidas em 2015 – as quais discutimos enquanto identidade – possuem potencialidade de serem revisitadas e entendidas dentro de um processo de construção mais complexo. Essas envolvem, sim, muitos direcionamentos identitários, mas que também são atravessadas pela diferença. No mesmo sentido, podemos nos debruçar sobre as narrativas produzidas nos nossos encontros, privilegiando a perspectiva da diferença e complexificando as análises.

Visualizamos um processo parecido em uma das narrativas que se produziu, enquanto conversávamos sobre classificação, gênero e nomeações:

> **Caracol**: E você acha que existe essa necessidade de nomear o gênero?
> **Irene**: Eu acho que não há necessidade, mas enquanto a gente viver em um sistema que coloca toda essa carga de opressão[10] em cima da gente, eu acho que essas nomeações viram mais um símbolo de resistência, uma identidade pra você se caracterizar. Porque você é oprimido, você não é igual às outras pessoas que possuem uma vida totalmente diferente da sua; que possuem, digamos, privilégios e direitos seus básicos são

10 Não abordaremos as questões discutidas nesse livro em uma chave teórica que dê conta de discutir com coerência o conceito de "opressão". Ainda assim, optamos por manter as narrativas em suas versões originais. O que podemos elucidar é que tratamos, nessas narrativas, opressão em paralelo à corrente foucaultiana de "relações de violência" (FOUCAULT, 2004a). Essas ocorrem em uma dinâmica assimétrica de poder, além de possuírem a característica de se tornarem frequentes e marginalizar grupos sociais específicos.

> negados. Então eu acho que a intitulação, os rótulos servem bem mais como uma resistência. Mas quem sabe assim, num futuro, talvez em um mundo livre de opressões não haja necessidade de se caracterizar ou se identificar, se chamar, nomear seu gênero como trans ou cisgênero, etc. [...]
> **Caracol**: E você nomeia seu gênero então como "trans não binário"?
> **Irene**: Sim, é isso.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Dialogando, reconhecemos a importância das políticas identitárias e reconhecemos, ao mesmo tempo, que elas têm limites quando se trata de tentar abarcar as experiências da não binaridade de gênero em uma representação eleita como símbolo da luta. Como fala Michel Foucault em uma entrevista, a política de identidade (sexual, no caso da fala do autor) é útil, mas ela nos impõe limites. "Penso eu que temos (e devemos ter) o direito de ser livres" (FOUCAULT, 2004, p. 266).

É importante afirmar que defendemos a não binaridade de gênero como uma categoria válida para estudos e problematizações na área dos estudos de gênero, sexualidade e educação. Incluímo-nos no campo refletindo apenas sobre políticas identitárias e, após reconhecer certo "fracasso" (ou insuficiência de tais políticas), partimos a um tensionamento. Nesse sentido, quanto concerne às experiências da não binaridade de gênero – com suas características já exploradas de multiplicidade e ininteligibilidade – consideramos ser mais potente o mergulho na diferença.

> Por mais que eu fale que eu sou uma pessoa não binária, eu não concordo. Porque eu acho que eu sou uma pessoa. Eu não sou um rótulo. E um rótulo você põe em coisas, você não põe em pessoas. Em pessoas você põe amor, você põe carinho, você põe essas coisas, mas não rótulos. Então eu não concordo. Eu acho muito melhor você existir sem a necessidade de ser isso ou aquilo, do que você ter que mostrar isso o tempo todo. Então eu sou um pouco contra essa questão de você rotular o tempo todo. Então assim de você ficar se afirmando.
>
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

Tomamos a partir dessa narrativa a perspectiva foucaultiana (e deleuziana) de esgarçar tais políticas identitárias investindo em diferenciação. Mas, embora tentemos seguir tal direcionamento como já sinalizado, deixaremos fortes questionamentos quanto à possibilidade de políticas da diferença e, talvez, ouviremos: "mas, se não há possibilidade de política, de concretude, por que pensar essa temática?".

Acreditamos que estamos contribuindo para a inserção dessa categoria na área de estudos, bem como para a construção de saberes sobre a não binaridade de gênero de diferentes formas. As defesas que assumimos nas pesquisas, a evolução (no sentido da palavra: *transformação*) do pensamento nesses trabalhos, os momentos em que foram/estão sendo construídos dizem muito da nossa inserção no campo e, em especial, do sentido que temos dado à não binaridade de gênero, do sentido que ela vem (nos) ganhando enquanto termo/conceito.

Vale ressaltar, ainda, que não é possível esperar coerência de nós sujeitos. As últimas narrativas apresentadas aqui indicam isso. Somos sujeitos incoerentes, talvez, porque insistimos nos binários. Nesse sentido, aquela pessoa que rejeita classificações poderá assumi-las em alguma dimensão (no nome social utilizado, na preocupação com o corpo, nos parâmetros para dizer do binário feminino/masculino); bem como aquela pessoa que preza por uma identidade não binária poderá fomentar o questionamento se não estiver criando novas caixinhas, novas restrições à experiência. Mas, acreditando que identidade/diferença é um falso binário, tomamos que não é necessário que haja hierarquias nesse processo que é permeado por essas duas dimensões. Não é necessário valorar em outros binários (bom/ruim, efetivo/ineficaz, necessário/descartável).

Por fim, na tentativa de sermos pragmáticas – "Que triste. E hilário!" – elencamos alguns pontos que, a partir das pesquisas, das narrativas, dos encontros e das demais fontes (não acadêmicas) que produzem saberes, parecem dizer da não binaridade de gênero:

a) a não binaridade de gênero ainda não é um termo "consolidado" academicamente;

b) os sentidos da não binaridade de gênero estão em disputa. Há produção de conhecimento que tensiona para uma visão exclusivamente identitária, há outras que prezam pelo rompimento com qualquer "caixinha". Ainda assim, todas parecem se localizar em volta desse mesmo conceito – que, talvez, o deixe mais confuso;

c) a não binaridade de gênero parece estar sempre permeada pela definição da recusa em "ser 100% homem" e em "ser 100% mulher". Em outras palavras: um grupo/categoria que se cria "em diferença à"; conjunto de experiências que dizem do diferenciar-se do binário;

d) em consonância a isso, há (implícita ou explicitamente) uma construção de saberes que dirá o que é "ser homem" e o que é "ser mulher". Essa construção geralmente se dá a partir dos parâmetros de masculinidade hegemônica e feminilidade hegemônica. Ainda que, em algumas narrativas, se reconheça que esses padrões mereçam desconstrução, que são injustos e que estão "na sociedade" (não nessas pessoas), o posicionamento delas é pensar/narrar uma experiência na não binaridade;

e) as pessoas (incluso as participantes dos encontros) que narram experiências da não binaridade de gênero geralmente têm leitura teórica (e constroem conhecimento com tais leituras) acerca de gênero e sexualidade. Em outras palavras, as pessoas se debruçam especialmente sobre perspectivas feministas, sobre os estudos LGBTTIs, sobre estudos da pós-modernidade para compreenderem gênero e dizerem dessas experiências;

f) a não binaridade de gênero parece estar ligada a processos de subjetivação que sinalizamos, a processos de diferenciação do binário de gênero (daquele gênero a que as pessoas foram designadas ao nascer e do outro) e a processos de identificação (em geral, as pessoas entram em contato com outras que narram essa não binaridade e "se veem" naquela experiência);

g) quando ocorrem esses processos de diferenciação e identificação, se constitui, também, a multiplicidade que a não binaridade parece produzir. Assim, as experiências da não binaridade serão diferentes entre si – o que, caso seja tomada enquanto identidade, levará a produção de novas nomenclaturas de gênero;

h) o momento histórico no qual os movimentos identitários de gênero e sexualidade se encontram dizem muito da possibilidade de pensar a não binaridade de gênero. Em especial, dizem de algumas estratégias que as pessoas utilizam para narrar as experiências;

i) a não binaridade de gênero parece ser um termo cunhado nos movimentos sociais e na internet, principalmente pelas juventudes. Isso não significa afirmar, entretanto, que são experiências ilegítimas. A internet, a propósito, parece ser um espaço de encontro entre as experiências, de aprendizado sobre tais questões e, principalmente, de socialização e construção de identidades/diferenças.

As experiências de não binaridade de gênero com que tivemos contato e que estudamos nos permitem elencar apenas esses fatores, com essas palavras. Acreditamos, no entanto, que tantos outros saberes estejam sendo produzidos sobre essa temática – alguns, aliás, que possam divergir dessas proposições e mesmo da ideia de criar essas proposições.

> Eu acho exatamente essa questão das pessoas se dizerem "não binárias", legal. Mas se rotulam. São rótulos. E eu acho que às vezes as pessoas ficam

> tão presas aos rótulos que elas se esquecem de viver, de ser elas.
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

O percurso que realizamos com este capítulo foi similar ao de um episódio de desenho animado. Contamos alguns momentos de uma história que temos feito ao som de narrativas, de encontros, de encruzilhadas. Contamos, em palavras, experiências que dizem da não binaridade de gênero. Contamos a não binaridade de gênero. Entretanto, um episódio não é capaz de abordar a história de toda uma animação. Nem mesmo uma temporada inteira é capaz de fazê-lo. Ainda assim, pode ser importante para o desenvolvimento do enredo. Assumimos a incompletude dessa construção, assumimos a complexidade da história. Talvez sejam nas incertezas que morem grandes potencialidades e, talvez, seja onde more também alguns apontamentos que nos permitem entender melhor a imersão dessa(s) pesquisa(s), desse livro.

Há apenas uma certeza: "Que triste. E hilário!" Contaremos nossas histórias, passearemos juntos por esse gramado, andaremos encontrando forças e pessoas e pedras e Caracol e Netuno e Irene e...

ENCONTRO MARCADO II:

17 HORAS, ALI NO RELÓGIO DO PARQUE HALFELD

O encontro é o momento de impressionar (e de se impressionar). Você garante que está tudo preparado, que as baterias estão carregadas, que não faltará papel ou caneta; palavras à boca ou ouvidos às palavras. Certifica-se que terá tempo, espaço e café. Chega antes ao local marcado, gosta da expectativa do encontrar e não reclama de prováveis atrasos.

O relógio do parque é um ponto de encontro, referência. É um local para casais, amigas, familiares, desconhecidas, vendas e promiscuidades. Tudo se agita naquele entorno. Ouvem-se meias-histórias enquanto se espera. Elas ganham sua multiplicidade comum entre concordâncias, risadas e silêncios. Tudo entra em comunhão com o chegar da tarde: as falas cruzadas e atravessadas por filmes, livros, poesias e músicas antigas. As emoções transparecem, todas elas. Quase se esquece do tempo. Se não fosse a ansiedade que martela os segundos, seria possível esquecer.

A primeira vez que Elfo chegou, as mãos já suavam. Depois de tanto pensar, tanto reconsiderar possibilidades, tanta expectativa e tanta realização: o encontro para construir e se movimentar junto chegou. O caminho é feito do relógio ao café desconhecido sem pressa e trocando palavras clichês que, se não servissem para aproximar, talvez perderiam seu uso no mundo. Os passos ziguezagueantes – atravancados pelas pessoas que correm, vendem produtos, arrastam crianças

e se encontram pelo parque Halfeld – não chegavam a atrapalhar, isso era função apenas da ansiedade.

O café é grande. A mesa escolhida é a do fundo. Sabiam que a gravação em áudio não seria das melhores, mas no encontro querem-se agradar. O lugar é aconchegante e confortável. Nada se ouve das conversas nas mesas vizinhas: podem ser alegrias, angústias, tristezas, surpresas ou expectativas que estão sendo dialogadas. Seja o que for, tudo fica entre a mesa. Da mesma forma, o que vibra nesse encontro fica ali. Os cafés são escolhidos.

Toda a apreensão se desfaz no primeiro relato. O compartilhar uma história, a imersão em uma vida, o encantar-se com as escolhas de palavras e a entrega àquela confiança desfia o planejamento, o expande para outras formas de sentir. É nesse momento que se percebe que toda essa construção será assim: um cotidiano esgarçamento das possibilidades, das palavras e das operações. Se até aquele momento todo o planejamento havia sido cortado, redimensionado e costurado, não haveria motivo naquele instante para ser diferente. O controle é ilusão e o café nos lembra disso. Os carros saem dos prédios ao lado fazendo barulho. O bolo do dia que acaba de sair do forno atrai diversos clientes. O cheiro de café e brioche invade o diálogo. Não há constrangimento para o que se conta e o que se ouve. Tudo que é lembrado já está consolidado na memória. Se o que é esquecimento está no silêncio ou nos olhares desviados, não se poderia saber.

Escrever entre lutas, infâncias, "patinhos feios" e feras. Imergir em uma trajetória de encantamentos por *drag queens*

e por um desejo atravessado pela paixão. O café lembra o parque: local de apresentações, fantasias e movimentações. O encontro é fluido, interrompido apenas pelos goles e pelos elogios ao café. Um ir e vir e voltar e andar e retornar por tantos e tantos espaços que estão na memória. Os caminhos de uma narrativa cinematográfica: a jornada do sujeito que se faz herói, protagonista da sua própria história.

O fim das conversas é sempre atrapalhado pelas mãos suadas que deixam escorregar o celular, pela emoção que faz tremer a mochila quando se coloca no ombro, pelos encerramentos que não eram como se imaginava. O percurso de volta é sempre o mesmo: com palavras menos úteis ao conhecer e mais úteis ao aprofundar. A despedida se dá com promessas de rever. O reencontro acontecerá, pessoalmente e nas histórias; acontecerá de reconhecê-las em outros encontros com outras pessoas, no ônibus, nos parques, nos cafés e nos filmes.

CAPÍTULO II:

NÃO BINARIDADE ENTRE PROCESSOS E ACONTECIMENTOS

Imaginem a cena. Um café, um café que brinca com a memória. Um café que faz viajar os pensamentos e odores e cantigas de ninar e historinhas e sonhos e encantamentos e dores e arrepios e gozos e quenturas. Um espaço e um tempo que esquenta. Mantém alerta. Faz vidrar. No café, os murmurinhos e os cochichos e as risadas e os contares e os suspiros fazem vibrar a atmosfera. Paira sobre as mesas uma mistura de toda palavra e respiração e fumaça de líquido quente que sobe. Por cima das mesas, ali naquele café de encontros: sente-se, agita-se, dialoga-se, conta-se...

> **Elfo**: Sim, filmes! Um filme, vou te dizer um filme que pra mim é um filme – toda vez que eu vejo, eu choro – que chama "Um lindo Boxeador". Assista. Ele é um lutador. Ele começa com um rapaz procurando ele tipo numa cafeteria aonde ele fazia shows – que no caso já era ela. E ela já tinha ido embora. Então esse rapaz, esse jornalista, vai atrás dela. Aí quando vai ver, o rapaz que tava procurando ela se mete numa confusão e de repente ela chega brigando, bate nos rapazes tudo com um salto alto desse tamanho, 18cm mais ou menos. Batendo e tal. E pega ele e leva pra o tal café onde que ele tava. E então ele começa a perguntar como que foi a vida dela, como que tudo começou. Então ela começa a contar que eles eram de uma família pobre, humilde e tal. E nisso ela co-

meça a contar que até que um dia num jantar ele aparece com a cara toda pintada, e o pai dele tipo olha com uma cara e os irmãos começam a rir e a mãe também. Aí o pai depois conversa com a mãe sobre essa questão. E se realmente ele fosse? A mãe falou assim "O que que tem? Vamos acolhe-lo do mesmo jeito". E isso me fez pensar muitas coisas sabe. E aí o filme vai em toda essa trama. E aí ele vai pra um mosteiro, pra ser budista. Aí o pai fica doente e a mãe vai presa. Aí ele sai do mosteiro todo dia pra ir visitar a mãe, levar comida pra mãe. Aí foi passando. Aí no meio do caminho eles mandam lá no mosteiro, mandam ele ir com um monge pra um lugar. Aí nisso ele vai. E ele guardava um batom dentro da roupa dele, sempre que tava sozinho ele via aquele batom e se imaginava. Ele simplesmente lembrava de quando ele era pequeno e eles foram ver uma luta. Aí tinha como se fosse uma luta aqui e ali tivesse uma moça dançando. Aí na hora que o lutador bate na cara do rapaz, ele se assusta. E ele se protege como que querendo chorar, aí ele vai ver a moça dançando. Aí ele se encanta. Aí então todo aquele encantamento daquela moça ele leva pra vida dele toda. Ele o tempo todo pensando naquela moça: "eu queria ser aquela moça". E aí o monsenhor que seguia ele no caminho virou pra ele e falou assim "Meu filho, você tem certeza que é esse caminho que você quer seguir?". Aí ele perguntou assim "Qual?". Aí falou assim "Você quer ir andando comigo até lá?". Aí ele falou assim "Pra falar a verdade, não". Aí ele falou assim "Então vai seguir seu caminho, volta pra trás". Aí ele volta correndo. E a partir daí ele cresce um pouco, conhece uma

trans e começa a trabalhar com ela. Aí o irmão dele mais velho, cisma de ser lutador. Aí chamou ele pra ir junto e ele foi né. Aí o que acontece: o irmão dele chega lá cheio de marra e tal e os meninos batem no irmão dele. Aí o mestre lá fala "Tira a mão dele" sei lá mais o que. Aí ele pergunta pro outro "Você quer ser lutador?". Aí ele "Eu não, é meu irmão que quer". Aí ele fala assim "Não, mas seu irmão aqui pra gente não dá. Chuta o saco". Aí ele falou assim: "Eu, chutar? Ah, pra mim não dá não". Aí ele falou "Chuta o saco". Ele chutou. Aí ele falou assim "Você fica, seu irmão vai embora". Aí ele virou e começou a treinar e a treinar, mas ele achava que não ia dar em nada. Só que aí ele virou um dos maiores lutadores de Kickboxing da Tailândia. Aí nisso ele começa a se maquiar. Um dia o professor encontra ele maquiando a esposa e ele maquiado dentro do carro. Aí o professor perguntou "Você gosta de se maquiar?". Aí ele falou "Sim", com muito medo, mas falou. Aí ele falou assim "Então tá". Aí na outra luta dele cobriram a cabeça dele. Aí quando ele chega pra luta ele está todo maquiado. Aí todo mundo começa a rir da cara dele. E tipo "Ah bonequinha, vem dar beijinho" não sei mais o que. Fazendo deboches e tal. E nisso ele começa a transição dele dentro do ringue. Então ele se torna uma linda mulher dentro do ringue. E assim, é lindamente lindo. Aí depois, no final do filme já, ele senta de frente pro espelho. Aí aparece ele homem conversando com ele mesmo mulher. Aí ele falando "Chegamos a onde queríamos, agora vou te deixar". Aí ela fala assim "Não, não vá". Aí ele fala "Não, quando você precisar de mim, é só me chamar que eu vou estar aqui". E as-

sim, pra mim foi um dos filmes que realmente me tocou muito. Tipo essa questão, essa transição, essa forma toda. E todo o carinho, toda forma que teve, o respeito depois dos outros lutadores com ele, que treinavam com ele sabe. Então foi muito bonito. E outros filmes que eu vejo.

Caracol: Com quantos anos você começou a assistir filmes com essa temática assim? Do boxeador, por exemplo, você assistiu como?

Elfo: Esse eu assisti, acho, tem dois anos. Tem pouco tempo. Porque o que aconteceu, eu coloquei lá no Google "filmes com temas trans". Aí veio esse, veio "Um lindo boxeador". Aí eu falei assim "Ah, que isso?!". Aí eu fui ver, comecei a ver. Aí eu gostei, baixei. Aí sempre que eu tava de bobeira, eu via. Assim, outros eu fui descobrindo aos poucos. Até mesmo porque por mais que a temática me chamasse atenção, por mais que as pessoas que na época não se chamavam trans, chamavam travesti, me chamassem atenção, você não tinha acesso a muita coisa. Era tudo restrito. Você não tinha acesso às travestis. Então há pouco tempo. Então digo há mais ou menos 5 ou 6 anos eu venho devorando tudo que eu podia sobre esse universo travestis, transexuais e tal. Eu vim devorando, vim devorando. Eu quero saber mais, quero saber isso, quero saber sobre aquilo. Eu quero ver filme, quero conhecer, quero ter contato. E basicamente eu acho que é uma mini vida, seis anos. É uma mini vida. E isso tudo eu posso dizer, como eu coloquei na minha monografia, que nada disso teria tido sentido se eu não tivesse conhecido a Antônia. Uma travesti que deu aula pra mim, de matemática. Ela estudava na Federal e

> infelizmente ela veio a falecer. Então talvez, tanta curiosidade, tanta coisa não tivesse acontecido se eu não tivesse conhecido ela. Tanto é que na minha monografia eu dedico, basicamente, a ela. O trabalho todo a ela assim.
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016) [11]

Nossas poéticas nos encontram no café. Nossas histórias até se misturam. O cenário, as personagens, a própria conversa sobre o passado: tudo embala nosso encontro que vai para um resgate na memória. A procura por sentidos outros, narrativas outras, possíveis outros, existências outras. Como continuar a produzir sobre não binaridade de gênero? Como não continuar a produzir sobre não binaridade de gênero? Revisitamos aquilo que nos alegrou, nos fez chorar, nos impressionou e nos encantou em busca de respostas. Respostas? Revisitamo-nos para tentar enxergar quais experiências estão em nossas memórias, em nossas formas de sentir, em nossas poéticas.

Para investir sobre os sentidos e experiências que se constituem acerca da não binaridade de gênero neste capítulo, pretendemos costurar reflexões sobre os processos de construção das subjetividades. Acompanhamos o filme *Um lindo Boxeador* mantendo o diálogo com nossas aspirações nesses encontros; a infância, a família, a juventude, a luta,

11 Não queremos sinalizar, com essa narrativa, que exista uma relação estritamente causal entre o encontro com Antônia e a identificação com a não binaridade de gênero. Em outras palavras, a relação com a travesti não é causa da não binaridade, mas um dos encontros que ajudou a produzir outras formas de pensar e enxergar o mundo para além do binário ser *homem* ou ser *mulher*.

o acontecimento: os espaçamentos (espaços e tempos) que são utilizados para comentar essa constituição enquanto sujeitos. Entendendo que o próprio campo de pensar *subjetividades* é um campo em disputa, localizamo-nos nele com uma perspectiva pós-estruturalista e foucaultiana, defendendo que essas dizem respeito às formas pelas quais vamos nos tornando sujeitos (e sujeitos de gênero, no caso) (FERRARI, 2010).

Assim, o debruçar sobre as narrativas será um percurso de investigação dos processos que constituíram e constituem os modos atuais de ser e fazer gênero – uma vez que nesses processos há uma constante invenção de outras possibilidades. Os modos como vemos, sentimos, aprendemos e fazemos se reconfiguram, ganham outros formatos conforme favorecem as potências de vida. Essas potências são aquelas do agir, do existir, que o pensamento espinosano diz aumentar com os afetos-sentimentos felizes, produzidos na relação conosco mesmas e com o mundo (DELEUZE, 2002). A potência de vida é, então, essa força que move em direção à conservação da existência, produzida a partir desses afetos que não estão ligados à tristeza, violência e extermínio.

Nesse sentido, investigar — indo atrás do conjunto de encontros, experiências e acontecimentos que movimentaram e movimentam as nossas vidas — é o que nos permite pensar os rumos que tomamos em um jogo negociado com prazeres, desejos, desconfortos etc. Um rumo que tende à vida.

Entendemos *acontecimento* — a partir de Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) — como algo que se produz por corpos

que estão em contato, que se chocam e se cortam e se modificam e se penetram e se... tantas possibilidades quantas podemos criar. Ainda que nos direcionemos aos processos, percebemos que temos acesso apenas a recortes deles, aos relatos dos acontecimentos.

Na perspectiva desse livro, o próprio ato de narrar-se no café estará imbricado como acontecimento nas experiências relacionadas às não binaridades de gênero. Dessa forma, sigamos com o mesmo sentido, intentando aqui fazer do acontecimento algo a ser notado, uma história a se contar. E "amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma bruma ou névoa" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 54).

Acreditamos ser interessante nos demorar sobre essas histórias. Fazemos, nesse momento, a mesma movimentação que já fizemos nos outros encontros: lançamos olhar às experiências, acionamos a memória e adentramos o(s) gênero(s) e coisas relacionadas. Todas nós, vivenciando estranhamentos e encantamentos, diferenciações e identificações, gozos e incômodos, lançamo-nos à pesquisa – uma pesquisa de si.

Fazendo esse percurso junto ao trabalho de Denise da Silva Braga (2012), acreditamos ser necessário pensar as narrativas acerca dos conhecimentos construídos sobre os processos de (des)subjetivação também dentro de uma perspectiva *queer*. Se a referida autora indica que a premissa dos questionamentos queer é apontar para um esgotamento e

insuficiência do binário homo/hétero, ampliamos essa visão para também considerar a inoperância neste capítulo (e livro) em trabalhar com qualquer perspectiva que não questiona o binário feminino/masculino. Faremos o caminho, assim, refletindo sobre as experiências, principalmente a partir de alguns acontecimentos que foram narrados nos encontros.

Tratar o acontecimento como uma névoa, o momento da conversa como uma bruma de produção de relações, conexões e saberes. A nuvem que paira sobre as mesas do café – essa que é feita de palavras e fumaça vinda do líquido quente que se agita – é tão potente e diz tanto dos gêneros quanto as narrativas guardadas na memória. O café as mistura, hibridiza, confunde os tempos e produz um lugar outro para a escrita desse capítulo.

> Toom: O que quer saber?
> Jack: Quando se deu conta que queria ser uma mulher? Quando tudo começou?
> Toom: Era minha primeira vez no Templo. Nunca tinha visto coisas tão encantadoras...
> (BEAUTIFUL Boxer)

O que queremos saber? Que perguntas nos cabe fazer? Que forma de perguntar temos que utilizar? Estamos no café realizando o mesmo movimento que Toom e Jack — a protagonista e o jornalista — fizeram: estamos percorrendo a memória para nos entender. Queremos nos entender na não binaridade, nas coisas tão encantadoras dos nossos caminhos. Antes, porém, de investir nos acontecimentos relacionados a ela que são percebidos nas narrativas dos encontros, nos

sentimos impelidas a dar um passo atrás e questionar as subjetivações e os sentidos construídos acerca de "binaridade de gênero" (ou binário ou binarismo). Separar e suspender. Para nos movimentarmos na negação (ou diferença), vemos necessário nos debruçar sobre a verdade que se institui implicitamente: a existência do binário ser mulher/ser homem.

Iniciamos acionando na memória uma lembrança: a provocação que Bruno Latour lança em seu livro *Jamais fomos modernos*, publicado em 1991. Na agitação dos pensamentos entre anti-modernidade, pró-modernidade, pós-modernidade etc., o movimento de Latour nos chama a atenção: colocar em xeque a própria modernidade, pensar o que a constitui e se, enfim, poderíamos afirmar que somos (ou fomos) modernos. Latour questiona logo nas páginas iniciais de seu livro: "e se jamais tivermos sido modernos?" (1991, p. 15). E se...

Tentando realizar movimento parecido, parafraseamos Latour para refletir "E se jamais tivermos sido binário?". Se o autor problematiza as lógicas separatistas de análises que ganharam forma na antropologia, intentamos algo parecido: a problematização da essencialização do binário feminino/masculino como representações plenas dessas categorias.

Escrever sobre *experiências não binárias para o gênero* envolve a movimentação em algumas "verdades" perigosas: aceitar "pacificamente" que exista um binário de gênero; pensar que o binário se institui da mesma forma para todas as pessoas; acreditar em unidades plenas dentro do binário e rejeitar atravessamentos, como os de sexualidade por exemplo. Em outras palavras, lançar olhar para o "ser mulher" ou "ser

homem" sem investigar se há e como se dão as pluralidades/multiplicidades dentro desses próprios termos. Nesse sentido, já nossos encontros levantam alguns questionamentos:

> Bem, aí a gente entra no ponto: o que é um ser feminino? O que é um ser masculino? A partir de onde que você parte disso? A partir de onde que se questiona isso? Você vai questionar a partir de um órgão sexual? Você vai partir da razão e a emoção? Vai partir de onde? Então a gente tem que saber de onde vai partir pra chegar a uma resposta.
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

Questionamentos esses que fazemos agora em outras perguntas: como entendemos o binário de gênero? Estando "nós" nesse jogo de disputa de termos, o binário existe apenas da forma como o percebemos? Quando pensamos em não binaridade o que significa, então, aquilo que encerramos enquanto binaridade? O que é a afirmação da nossa negação?

Vibrando com tais questões, defendemos com Rita Laura Segato (2012) a utilização da terminologia "binaridade"/"binário"/"binarismo" no lugar de "dualidade": uma vez que na dualidade a relação se estabelece complementar, mas na binaridade ela é suplementar. Ou seja, nessa última um termo suplementa o outro, e não o completa. Argumentamos que exista uma complementaridade forjada quando se pensa em feminino e masculino – ligada à construção da ideia de sexo biológico determinado pela leitura de genitais (bem como a própria produção de um conhecimento científico no qual essas genitais são uniformes e complementares: duais). Anne

Fausto-Sterling (2006) comenta a respeito da leitura e produção de saberes sobre os corpos e as genitais, defendendo que nossa ideia de "sexo biológico" parece ser tão construída quanto a ideia de gênero e, para além, o sexo da forma que é encarado serve para corroborar e legitimar uma visão binária do gênero, oferecendo conteúdo "científico" a mesma.

Assim, não observamos complementaridade entre feminino e masculino, mas uma construção em que a "hierarquia se transforma em abismo": o feminino é disposto como resíduo do masculino. De acordo com Michel Foucault (1982), estamos engendrados em relações de poder e a *binaridade* sinaliza para uma dificuldade de as duas unidades exercerem o poder na mesma medida. É inocente pensar que as duas unidades do binário de gênero coexistam não hierarquizadas de forma brutal. Jacques Derrida (2001) indicou, e aqui encaramos o gênero na mesma perspectiva, que nós não estamos diante de uma relação pacífica em que os dois termos se colocam cara a cara, mas uma hierarquia violenta onde um deles ocupa lugar de destaque e o outro é subjugado.

Isso, no entanto, não quer dizer que lançamos apenas esse olhar ao binário. Procuramos evitar as polarizações mais rígidas que no decorrer da história definem as mulheres como eternamente vítimas e os homens como algozes. Compreendemos que para tratar do binário de gênero é necessário tratar de masculinidades e feminilidades, nos seus plurais. Nesse sentido, reconhecemos com Miriam Abramovay e Anna Lucia Cunha (2009) que essas categorias dizem de uma multiplicidade de identidades que estão em situações sociais diversas.

Os sujeitos nelas localizados estão imbricados com significados do contexto e vivenciando constantemente processos de (des)construção. Em outras palavras em uma relação dentro do binário de gênero há outros atravessamentos (etnia/raça, classe, sexualidade, geração, etc.).

Nas nossas narrativas, percebemos que operamos a partir de parâmetros individuais – atravessados pela cultura – para nos entendermos no meio do caminho, no trânsito, no entre-lugar do binário ser mulher/ser homem. Quando narramos algumas experiências na não binaridade evocamos parâmetros para abordar o próprio binário de gênero. E, em geral, são de masculinidades e feminilidades hegemônicas que falamos.

> Tudo que era "de menino" me interessava. Minha mãe me colocou no ballet, eu odiava. Aí depois disso me colocou nos escoteiros, aí eu gostava mais ou menos. Aí eu quis fazer luta, e ela não quis deixar porque falou que era coisa de menino. Aí mais tarde meu irmão perguntou "Você quer fazer mesmo?", aí eu "Quero". Aí ele "Tá, vem aqui num treino meu". E o professor falou assim "Ah, faz um pega com um menino aí, vamos ver se você leva jeito". Eu fiz e tal, não sabia nada: peguei, rodei e tal. Aí o professor falou "Você leva muito jeito". E meu irmão falou comigo assim "Você quer fazer?", aí eu falei "Quero, quero continuar fazendo". Aí meu irmão comprou a roupa e tal, e aí ele que pagava a academia. Então foi um momento que eu me sentia super bem. Eu conseguia fazer o que eu queria, não me via de menina nem nada. E acaba que eu nunca me vi. Igual, entre as mulheres, entre as me-

> ninas tem aquele medo de "Ah eu vou ser estuprada, alguém vai me pegar" e eu não tinha isso. Porque se alguém encostar em mim, eu bato. Então eu tenho isso. Se me encostar, se me agarrar, eu bato, eu mordo, eu chuto... não quero saber. Então uma coisa que era assim, bem, uma coisa bem de menino. E ao mesmo tempo eu tinha e tenho a meiguice de menina. E eram coisas que, até pouco tempo, eram estranhas pra mim.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Problematizemos isso!

Os discursos de masculinidade ligados à força, à brutalidade, à possibilidade de autodefesa e de feminilidade relacionados à meiguice, medo, ballet são produzidos. Raewyn Connell (1997) defende que a masculinidade é um posicionamento nas relações de gênero, onde homens e mulheres se situam e se comprometem com práticas, experiências, éticas e estéticas. Expandimos essa defesa para pensar a feminilidade e, ainda, ir ao encontro de um próprio conceito de gênero em seu binário enquanto práticas, compromisso com as posições que são ensinadas e efeitos das práticas. Mesmo reconhecendo que são esses os discursos que tradicionalmente as instituições costumam investir (por isso mesmo: *hegemônicos*) e que parecem estar subjetivados em algumas narrativas, apostamos agora que "ser homem" e "ser mulher" não deve necessariamente perpassar sempre e apenas por esses ideais.

Com estudos ligados à educação escolar, Marília Pinto Carvalho (2001) indica que as masculinidades e as feminilida-

des vão se construindo em relação à "diferenciação hierarquizada". Na medida em que se cumprem com êxito ou não os parâmetros tradicionais, novas relações de poder vão sendo construídas, bem como novas definições particulares do que é "coisa de menino" e "coisa de menina". É nesse sentido que conseguimos pensar as categorias cada vez mais plurais: pluralidade dentro de feminilidades lésbicas, feminilidades negras, feminilidades jovens etc. E também um embaçar das categorias: masculinidades de mulheres e feminilidades de homens e...

Reconhecendo esse movimento de pluralidade nas últimas décadas, Amílcar Torrão Filho (2005) percebe-o como "liberação" – uma relativa flexibilização dos parâmetros tradicionais. Mas aponta que essa liberação para os gêneros (processo que o autor chama de *emancipação*, ou seja, de caminhar rumo a uma maior autonomia e independência em relação ao que é permitido ou não aos gêneros) é apenas parcial. Apenas alguns aspectos tidos como masculinos são liberados às mulheres e, no oposto, apenas alguns aspectos femininos dirão da personalidade de homens. Nesse sentido, é interessante pensar tal liberação como um local de disputa, onde apenas em alguns espaços e tempos será permitida a ambiguidade: a mulher poderá concorrer em esportes de luta durante as Olimpíadas, aos homens a ginástica rítmica continua negada; as mulheres poderão ocupar cargos de chefia em algumas empresas, mas, em geral terão salários inferiores. A questão se intensifica, ainda, quando as nuances de "ser mulher" ou "ser homem" se materializam no jogo dessas liberações. O caso de Tiffany Abreu, por exemplo, traz esse debate:

a primeira mulher transexual a disputar a Superliga Feminina de Voleibol gerou intensas discussões na sociedade no ano de 2017 entorno da validade e direito de sua participação em uma equipe feminina (PRADO; NOGUEIRA, 2018). Esses debates nos sinalizam que as liberações se movem não apenas, mas, principalmente, nas representações hegemônicas do binário – restando para outras identidades uma disputa mais tensa e acirrada em suas experiências de gênero.

A narrativa do encontro no café nos faz pensar com Daniel Welzer-Lang (2001) que temos estabelecido socialmente uma valorização das culturas de virilidade da masculinidade em detrimento do que é construído enquanto feminino: os homens que não condizem com os sinais de virilidade são associados às mulheres e/ou aos homossexuais. Nesse sentido, parece que, por vezes, é acionado no entendimento de si essa valorização da virilidade: a recusa e luta física contra uma violência sexual são "coisas de menino", enquanto que "a meiguice" (ausência da virilidade) é "coisa de menina".

> Ser mulher e ser homem é só uma construção social. Porque você nasce com, por exemplo, você nasce com o órgão sexual masculino ou órgão sexual feminino e eles vão lá e começam a te empurrar um monte de coisas que eles dizem ser do gênero que é do seu órgão sexual. Eu acho que assim ser mulher é uma construção social e ser homem é simplesmente uma construção social que empurram de goela abaixo pra gente. "Você nasceu com uma vagina então você vai ter que brincar com boneca.", por exemplo. Eu acho que tem bastante disso de as pessoas quererem impor pra você.

> Você é uma criança e você não sabe dizer não. Aí você só é empurrado. Só empurram aquilo goela abaixo. Não sei. Segundo a sociedade ser mulher é ser feminina, usar vestido, colocar batom, maquiagem. Ser mulher é você chorar vendo filme, ser homem você não chora. Ser homem é você ser forte, você tem que correr atrás de mulher e querer ser o macho alfa, se meter em briga, coisa assim. Pra sociedade, não pra mim.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Questionamos essa continuidade entre as categorias *sexo* e *gênero*. O exemplo de "'Você nasceu com uma vagina então você vai ter que brincar com boneca.'" encontra os estudos de Cláudia Vianna e Daniela Finco (2009) quando dizem que os significados dados ao gênero são fabricados sociocultural-historicamente e impressos nos corpos dos sujeitos, de meninas e meninos de acordo com as expectativas de dado espaço e tempo. Nesse sentido, o brincar de boneca é um significado de gênero que socialmente é "empurrado goela abaixo" para as pessoas que nasceram com vaginas. No mesmo movimento: "menino veste azul e menina veste rosa".

O acesso à categorização biológica (seja ela hormonal e/ou genética e/ou genital) para pressupor uma identidade é o que se tem entendido por "sexo" (BUTLER, 2003). Os estudos do gênero caminharam, por algum tempo, estabelecendo o próprio conceito de gênero como uma leitura social do sexo – as marcas biológicas dos indivíduos. Esse movimento, como já dito, ajudou na construção da fixação do gênero enquanto binário oposicional e complementar. Entretanto, entendendo

o gênero como matriz que vai atravessar e ser atravessado por uma multiplicidade de discursos (médicos, jurídicos, culturais, escolares etc.), Judith Butler (2003) vai indicar que o gênero não pode ser entendido apenas como uma impressão cultural que vai dar significado a um sexo (que seria já dado), mas sim um aparato onde a própria ideia de sexo é estabelecida. David Le Breton (2014) concorda ao afirmar que a ciência produz dados biológicos com o discurso de serem anteriores ao gênero, mas que já estão impregnados de uma dimensão generificada.

Nossos encontros e narrativas apresentam semelhanças. Estamos todas nas encruzilhadas do gênero. Mesmo experienciando a infância em lugares e tempos diferentes, o recurso de acessar essas memórias é presente e também a indicação que as construções do binário se iniciam nessa etapa da vida do indivíduo, ou mesmo antes dela (quando a família produz expectativas de gênero durante a gestação, por exemplo) (BRABO; SILVA, 2017).

> Então os estereótipos[12] são moldados desde que você é bebê. O menino vai vestir a roupinha azul. Não pode ser outra cor. Tem que ser azul porque é menino. A menina vai vestir o rosa. E eles vão brincar de brinquedos diferentes: a menina vai brincar com a casinha, com a pia de lavar louça,

12 Semelhante ao conceito de "opressão", indicamos que não estamos nos aprofundando em uma perspectiva teórica que discuta o conceito de "estereótipo". Ainda assim, manteremos as narrativas em suas versões originais, entendendo *estereótipos* como as representações hegemônicas (do que é ser mulher e do que é ser homem). Estão, assim, relacionados à norma binária das identidades de gênero – se sustentando por ela e colaborando para sustenta-la.

> com a vassoura pra já aprender desde cedo o que é ser mulher de casa; e os meninos vão brincar de bola, de soltar pipa, de várias coisas que vão ser privadas às meninas desde criança. A partir disso, evoluindo assim da infância, adolescência, vida adulta, isso vai sendo cobrado mais. Eu posso dar uma experiência pessoal minha, era quando eu tinha um cabelo imenso, eu andava na rua e as pessoas já me olhavam de lado assim: porque eu não posso ter um cabelo grande, porque isso é contra a moral e os bons costumes, e isso não é coisa de meninos, vamos dizer assim. Você tem que ter o cabelo curto, se não você já tá fora. E as meninas também, você não pode, por exemplo, quando uma menina raspa o cabelo: ou vão chamar ela de lésbica ou vão achar que ela teve câncer. Porque a mulher não pode ser dona do próprio corpo, não pode fazer o que quiser com o cabelo. E os meninos também, sabe. E tem o jeito. O jeito que você anda, o jeito que você fala, o jeito que você se veste. Se você tiver uma voz mais feminina, no caso, você já vira alvo de repressão: você não pode ter, você tem que ter uma voz grave e dita máscula pela sociedade.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Acreditamos que há dois investimentos principais na construção (e manutenção) de uma perspectiva binária de gênero. O primeiro diz do reforço e da (re)afirmação: "a menina vai [ter que] brincar com a casinha" e "os meninos vão [ter que] brincar de bola". O segundo investimento é o de proibição e restrições: "você não pode ter, você tem que ter uma voz grave e dita máscula pela sociedade". Os dois são investimen-

tos para que aprendamos a sermos sujeitos dentro dessa matriz binária, são regulatórios em processos de subjetivação; e, ainda, para que aprendamos a gostar de uma coisa ou outra, sentir prazer e desejo, alguns trâmites serão naturalizados, tidos como corretos, enquanto outros serão abominados, tidos como imorais.

Esses investimentos serão incessantemente repetidos ao longo da vida e essa repetição será de suma importância para que a norma vá se mantendo. Nesse sentido, o conceito de *citacionalidade* de Jacques Derrida (1991) – tal qual apropriado por Judith Butler (1998) para comentar sobre a performatividade – nos ajuda a pensar. A repetição da linguagem e a utilização de um signo retirado de um determinado contexto e inserido em outro produzindo significado é o que podemos entender por citacionalidade. Quando o a (re)afirmação e a restrição ocorrem continuamente em situações diferentes, mas invocando as mesmas justificativas ("coisas de menino" e "coisas de menina") percebemos esse movimento explorado pelo filósofo. Os significados vão sendo fabricados e reiterados.

Ainda na narrativa, somos levadas para uma dimensão das construções de gênero que vai atravessar todos os encontros: as marcas do gênero serão (re)produzidas também nos corpos, principalmente quando crianças, através de normas impostas pela família, pela escola e por outras instituições. Em outras palavras, quando se questiona "porque eu não posso ter um cabelo grande, porque isso é contra a moral e os bons costumes", se questiona as normas que estão sendo fabricadas nas relações de poder e que são, ainda, corporificadas.

Judith Butler (2003) vai afirmar que os investimentos no binário instituem uma *grade de inteligibilidade* através da qual ocorre a naturalização dos corpos, do gênero e dos desejos. Tal naturalização opera no sentido de conciliar "sexo genital feminino" e o "ser mulher", bem como o "sexo genital masculino" e o "ser homem"; e essas duas possibilidades se complementam em um desejo heterossexual. De acordo com Michel Foucault (2002), não podemos, entretanto, entender a norma como um elemento natural (da mesma forma que não podemos entender o gênero ou o sexo nessa perspectiva), mas algo a partir do qual as relações de poder estão fundadas, reguladas e legitimadas. Os reforços de utilização de determinadas cores, as regulações nos modos de ser e estar, os brinquedos que são dados às crianças e outros exemplos que as narrativas nos apontam como cobranças, são exercícios do poder atualizadores das normas de gênero. São técnicas para a instituição do "exclusivamente feminino" ou "exclusivamente masculino", para conformação dos corpos – do modo de cortar o cabelo ao modo de ser e estar no mundo –, para que se concretize a continuidade entre sexo, gênero e futuramente desejo.

A partir dessa discussão, corroboramos com Judith Butler (2014a) quando ela aponta que entender o gênero como norma não é apenas afirmar que se produzem verdades normalizadoras do que é "ser homem" e "ser mulher", mas principalmente dizer que a norma é construir sua identidade dentro do que se projeta enquanto exclusivamente masculino e enquanto exclusivamente feminino. Incorporando tal perspectiva, podemos entender que mesmo as pessoas que estão

excluídas do que a norma define como certo permanecem se organizando em relação a ela, já que é a mesma que vai conferir inteligibilidade ao campo social. Assim, se dizemos que não somos totalmente femininas ou totalmente masculinas ainda seremos lidas dentro de uma estrutura que funciona na relação do totalmente masculino e do totalmente feminino.

Ou seja, ainda que *abjetos*, os sujeitos estão subjetivados em um entendimento binário. O conceito de abjeto é caro para as teorizações da diferença e as correntes *queer*. A abjeção representa tudo aquilo que horroriza, que causa repulsa, asco. E pior, aquilo que, se em contato, pode contaminar o meio. Assim, a personificação da abjeção – o ser abjeto – tem significado de perigo, por ser um temido contaminante, mas também pelo poder, uma vez que tem a capacidade de ameaçar os esquemas estruturais já estabelecidos e consagrados. O abjeto é, assim, aquilo que incomoda a ordem e que coloca em xeque a pureza (MISKOLCI, 2014).

Diferenciar-se do binário é tomá-lo como referência de linguagem. É se utilizar do mesmo para comentar essa diferenciação e, talvez, criar novas formas de identificação que se proponham expandir as existentes. Parece-nos ser incoerente afirmar que algum sujeito esteja à margem da norma ou fora dela. O abjeto não se localiza nesse sentido; ao contrário, está imbricado na norma, se referenciando por ela e também lhe servindo de parâmetros. É o que também indica Rita Laura Segato quando diz que os trânsitos, as circulações entre as posições, as fronteiras "passam a ser todas colonizadas pela lógica binária" (2012, p. 125). Já observamos com nossas nar-

rativas de si que a linguagem para dizer dos processos da não binaridade está localizada dentro dessa estrutura, o que nos possibilita apenas ter um olhar de sombra desses processos de diferenciação e identificação. Mesmo por meio desses discursos temos apenas algumas capturas dessas diferenças e identidades, vultos de movimentações.

Mas ao menos tensionar a constituição do binário nos lança precedente, nos movimenta no que era impensável. Latour (1991) inicia seu livro *Jamais fomos modernos* com a aposta que aquilo que entendemos por modernidade vivencia uma crise. Talvez, e só talvez, a efervescência das discussões das pluralidades e de não binaridades de gênero sejam indícios de uma crise do binário. Parafraseando o autor: enfim, se jamais tivermos sido binários, pelo menos não da forma como a crítica nos narra e as *instituições tradicionais nos projetam*, as relações tormentosas que estabelecemos com as outras naturezas-culturas seriam transformadas. "Nosso tecido não é mais inteiriço." (LATOUR, 1991, p. 13).

Mesmo sendo essa matriz construtora do binário de gênero e da heteronormatividade [13] repleta de fortes investimen-

13 Diz-se "matriz": um conjunto de normas e regras, social e culturalmente construídas que institucionalizam a heterossexualidade como padrão normal para a sexualidade humana. Tal matriz pressupõe relacionamentos sexuais (e românticos) entre os dois polos sexuais biológicos e que estes devem acompanhar os polos de gênero, sendo qualquer relação desviante dessa regra uma aberração - mesmo aqueles indivíduos que não se obrigam às relações sexuais ou românticas, isto é, aqueles que assumem identidades assexuais. Ainda dentro dessa matriz, a relação entre os dois polos se situa em um regime de dominação/submissão – na qual o macho, homem e heterossexual supostamente tem direito de dominação sobre a fêmea, a mulher. Para Rita Segato (1998) e Judith Butler (2003) a heteronormatividade é a matriz base para o estabelecimento do poder e da naturalização dos corpos, gêneros e desejos. Ela é a primeira inserção do poder na socialização do sujeito e pode ser apresentada como uma grade de símbolos culturais e sociais que se estabelecem de forma cognitiva.

tos, ela não é infalível: os sujeitos terão linhas de fuga – ainda que atravessadas pelas normas. Em outras palavras, ainda com Judith Butler (2014a), podemos entender nossos encontros como conversas entre sujeitos que possuem *espectros de descontinuidade* e *incoerência* com a norma; que inventam as linhas de fuga, mesmo que nas narrativas percebamos que a experiência não binária é capturada a partir de relações com o binário de gênero, seus parâmetros e normas. As narrativas e percepções são dinâmicas, prosseguem e podem ganhar outras configurações para discutir os parâmetros de compreender feminino e masculino e se compreender distante de um pertencimento a uma dessas categorias. E nessa dinamicidade que continua a movimentar aquele encontro no/com/pelo café, nos esbarramos com o filme entre um gole e outro, entre uma passagem e outra, entre um ponto e outro.

> **Toom**: É bonito o cabelo da mamãe. Posso usar o cabelo comprido?
> **Mãe**: Os garotos não podem usar cabelos compridos. E não podem usar roupas de meninas.
> **Toom**: Por quê?
> **Mãe**: Porque ririam de você. Toom, quer que riam de você?
> [...]
> **Pai**: Por que ele é assim?
> **Mãe**: Toom ainda é criança, não separa o que é bom do mau.
> **Pai**: O que vai acontecer se for uma travesti quando crescer?
> **Mãe**: É o destino. Não podemos fazer nada sobre isso.
> (BEAUTIFUL Boxer)

Toom-criança se fascina, se questiona, se educa; movimenta as pessoas do entorno com as simplicidades e complexidades da curiosidade e do desejo. O destino, queremos confundir com construção. Intentamos um devir-criança, aquilo que não separa o que é bom do mau. Esqueçamos os binários. Imaginemos outras realidades possíveis: outros futuros, outros passados, outros presentes. Quando nos debruçamos sobre as concepções de gênero que se produzem nas narrativas, acompanhamos olhos e olhares sobre as forças que estão se vetorizando em corpos e fora deles. No narrar, nos encontros, dá-se um encontrar com as próprias fronteiras, as próprias demarcações e, por isso, pensamos ser importante também acompanhar dois processos de (des)subjetivação que marcam a territorialidade de pessoas em relação à não binaridade de gênero: um primeiro processo de diferenciação em relação ao binário (um sentimento de desajuste ao que é estipulado para ser mulher e para ser homem) e um outro processo de identificação como experiências de pessoas que divergem das identidades binárias. Em meio a esses dois processos há, ainda, atravessamentos de encantamentos, desconfortos e encontros.

Para Judith Butler (1998) nós vamos nos constituindo como sujeitos singulares a partir de "atos de diferenciação" daquilo que é externo à gente. Nesse sentido, o tornar-se diferente enquanto construção a partir dos padrões será parte subjetivante das não binaridades:

> Esse negócio de classificar, eu não vejo sentido nisso. Igual minha mãe: "Nasceu uma menina, não

sei o quê, tem que namorar menino". Eu nunca me senti feminina. E desde a infância, eu já sabia que eu era diferente. Eu ainda não sabia o porquê, mas alguma coisa eu via. Tanto é que quando minha mãe me falava que alguém era meu namorado, eu fechava a cara e falava que não. Aí um dia minha mãe me perguntou "Ah, de quem é que você gosta?". Aí eu respondi assim: "Da Amanda", que era minha vizinha. Aí minha mãe não gostou. Eu fiquei dois dias sem ver a Amanda.
[...]
Eu percebi que eu não era uma menina. Aquela menininha, aquela coisa, fofinha. Mas eu também percebia que não era aquele menino. Que eu caía sempre, que o mais másculo que eu chegava era um menino gay. Aí aquilo começou a me incomodar muito e eu não comentava com ninguém. Porque, infelizmente, quando você vê que é diferente, se sente diferente, você tem medo que as pessoas te ironizem.
(Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Porque desde criança eu nunca me identifiquei com os padrões de gênero que a família, que a minha família esperava que eu me comportasse dentro. E foi só com 16 anos que eu fui me descobrir como uma pessoa trans não binária. Tendo em vista que eu não me sinto confortável dentro dos estereótipos masculinos, nem dos femininos.
(Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

E se você pensa por esse lado, você brinca de boneca porque você vai crescer e vai cuidar do seu filho, te dão panelinha pra você cozinhar. Ai

> isso é muito ridículo. E aí os homens lá, brincando de carrinho e de espada. Nossa! Eu sempre quis aquelas espadas de plástico, sabe? Eu sempre quis brincar daquilo. É muito maneiro. Eu quase comprei uma esses dias. Tipo aqui em Juiz de Fora mesmo. Eu passei numa loja e tinha uma espada de brinquedo e eu fiquei "humm... eu quero muito comprar". Acho que porque eu não tive quando criança. Aí eu fiquei com muita vontade de comprar. Mas aí eu pensei que precisava comer e era mais importante que uma espada de brinquedo.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Observamos, pelas narrativas, que as pessoas passam por um momento de desajuste à norma. Tempos em que "se estranhava"; percebia que "tinha alguma coisa de errado" ou não se sentia "confortável dentro dos estereótipos". Nesses momentos se constituiu o que denominamos, com Judith Butler (1998), como "processos de diferenciação".

O processo que narram que levou à percepção de estranhamento e desconforto é o processo da diferença, mesmo que mais tarde as experiências de gênero sejam dimensionadas enquanto diversidade, caso se assumam identidades não binárias – com contornos e fronteiras específicos de cada realidade. A diferença se produz na não identificação com os *padrões*, no não se encaixar no "ser homem e não ser mulher", no não ser uma menina e também não se perceber como "aquele menino".

Chamamos atenção ao encontro de Caracol/Elfo, onde é narrado que a mãe proíbe o contato com Amanda. Entende-

mos essa repreensão, logo após a criança (de quem se esperava um comportamento ligado ao feminino e, logo, uma atração afetivo-sexual por meninos) ter declarado seu gostar por Amanda, como uma das formas de regulação para o binário de gênero. Como aponta Judith Butler (2014a), existe certa regulação de gênero que está implícita nas regulações da sexualidade. Assim, encarando que essas duas categorias caminham juntas dentro da construção da heteronormatividade, pensamos que algumas narrativas de diferenciação dirão dessa retroalimentação de regulações gênero/sexualidade.

Ao fazer memória da diferenciação, é comum fazer acesso à infância como marco para narrar que *desde muito tempo, sempre* ou *nunca* esse processo de diferenciação ocorreu. Também como nas narrativas do trabalho de Deyse Logaray (2014), podemos pensar que procuramos, ao resgatar a infância, algum caráter de n*ormalidade, legitimação* e mesmo *justificativa* de quem somos. O não corresponder aos padrões de comportamento da infância adquire uma marcação quase essencialista: *nunca* houve adequação, *sempre* houve diferença. *Nunca* e *sempre*, termos geralmente utilizados sem datação, sem talvez a reflexão que esses processos são construídos.

Entretanto, em concordância com Michel Foucault (1988), acreditamos que aquilo que temos como práticas, identidades, diferenças e crenças não são naturais ou parte de algum tipo de evolucionismo, mas são produzidas dentro de relações de saber-poder junto a dispositivos sociais, históricos, políticos e culturais. Assim, pode ser potente pensar em

acionar a infância muito mais para refletir sobre os momentos iniciais das construções das diferenças que para legitimar algum caráter essencialista dessas divergências.

Acreditamos que os processos ligados à diferença que são narrados dizem de subjetivações que vão organizando, valorando e marcando os sujeitos. Para além disso, é significativo que a todo momento acione-se lembranças tristes para dizer das experiências: o que para nós parece apontar para uma valoração negativa. Quando se visita a memória, tendo passado pelos processos que já ocorreram, o momento da diferença é pensado como desconfortável e, por vezes, até mesmo cruel. As narrativas desses processos de diferenciação indicam para um quadro de abjeção, sobre o qual já alertou Judith Butler (2000): o sujeito acaba sendo constituído por forças de exclusão e de abjeção. A abjeção diz desses lugares de incômodo, estranhamento, diferença e desajuste. As pessoas experienciam esses territórios e trazem para suas narrativas de construção de gênero.

Pensando com Tomaz Tadeu da Silva que "a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas" (2000, p. 60). Acreditamos que essas memórias dizem muito da perspectiva desse livro e, ainda, que não estão localizadas apenas nessas lembranças da infância, mas que vão percorrer todas as suas trajetórias de constituição enquanto sujeitos de gênero, estando presentes até os dias de hoje.

Mas percebemos que, ainda que os processos de diferenciação estejam atravessando as narrativas, não são os

únicos que parecem constituir as não binaridades. Concomitante a esse processo, outros se produziram enquanto *identificação*: momentos em que nos identificamos com pessoas que sentiam algo parecido, que tinham narrativas de si semelhantes e que experienciavam o gênero nas diferenças, algumas vezes de forma não binária. Em outras palavras, momentos em que nos vimos na história do outro.

> Eu nunca tinha tido esse contato. Eu fui descobrir as pessoas não binárias quando eu entrei na faculdade. Que eu fui pra uma mesa, tava tendo uma mesa, e tinha um menino trans, uma mulher trans e um não binário. E eu fiquei tipo pensando naquilo. Foi na minha primeira semana da faculdade. Eu fiquei pensando naquilo e comecei aí a pesquisar e tipo "oh". Eu sentia que eu me encaixava naquilo. Mas ainda não falei pra ninguém.
> [...]
> Foi tudo pela internet. Eu não conheci ninguém pessoalmente. Eu não conheço ninguém pessoalmente que seja não binário. Eu conversei com uma menina que prefere ser chamada no feminino, e com um menino que não prefere ser chamado no masculino. E foi só.
> [...]
> Teve um que eu tava no Tinder e aí a bio[grafia] dele era "não binário e trate no masculino". E aí tipo eu nem me interessei, mas aí eu dei match pra conversar com ele sobre isso. E aí a gente começou a conversar. E aí tipo ele deu like em mim também, deu match né. E aí a gente começou a

> conversar sobre isso.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

E agora temos uma experiência de acolhimento; em oposição à experiência de abjeção, rejeição. Se antes estávamos vivenciando a diferença ao binário de gênero, ao realizar alguns encontros e desestabilizações de si, procuramos uma experiência de diálogo e identificação à não binaridade de gênero. Alinhando-nos aos estudos de Luciana de Oliveira Dias, percebemos que as identidades ao mesmo tempo em que pemitem uma territorialização, pressupõem uma desnaturalização e subversão de fronteiras, assim "os processos de identificação mais que destacar as homogeneidades enfatizam as heterogeneidades" (2010, p. 59). Em outras palavras, quando nos identificamos também marcamos nossa diferença. Ou seja, ainda que se esteja em contato com "pessoas não binárias" – indentificando-se com suas narrativas, que podem servir como confirmação das possibilidades de invenção e existência dessas realidades – haverá concomitantemente um reforço à diferença ao binário. Haverá uma comprovação do estranhamento e do "não se encaixar" experienciado desde a infância. Junto a isso, alguns encontros se fazem acontecimento e tensionam para um repensar das identidades assumidas.

> Até 2012, não 2011. Eu sabia que eu era diferente. Eu só não sabia o que eu era. Eu gostava de meninas, mas se eu visse um menino, dependendo do corpo, o corpo dele me atraía. Mas não no sentido sexual, tipo "eu quero o seu corpo". E aquilo ficava uma coisa meio estranha na minha cabeça. Aí eu

fui fazer o cursinho pré-vestibular lá no CPS [Centro de Pesquisas Sociais da UFJF]. Aí eu conheci a Tânia. Aí eu me apaixonei, literalmente, por ela. Ela era uma travesti. Aí eu falei assim "Ah, tem alguma coisa de errado na minha cabeça, tem alguma coisa acontecendo". Aí teve um dia que o professor de literatura levou um texto pra gente da Juliana Perucchi, que ela tava fazendo uma pesquisa sobre gênero. Aí tava lá: "Ninguém nasce mulher, torna-se". Aí eu "Hum, eu gostei dessa parte". Aí depois tinha o comentário da Guacira e tal. Aí a partir daí eu disse "Eu preciso do livro dessa mulher". Então eu fui procurar. Aí eu comecei a entender, tipo "Eu posso ser isso, ou eu não posso ser; eu posso ser masculina, mas eu posso gostar de homem". Eu falei assim "Que doidera! Eu posso ser nada disso, eu posso não gostar de ninguém. Eu posso gostar da inteligência da pessoa. Eu posso me relacionar com ela por causa da inteligência." Então isso tudo me encantou, sabe. Então realmente eu acho que quando você procura, você começa a ler realmente, você começa a se perceber: "Poxa eu sou um pouco assim, um pouco assado".
(Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

Então quando eu descobri essa questão toda de gênero e tudo, foi mais ou menos... faz uns 5 anos. Aí uma pessoa de São Paulo virou pra mim e falou assim "Por que você se veste assim?", eu "Por quê? Minha roupa tá estranha?", e ela "Porque essa roupa não combina com você". Aí eu "Por quê?" e ela disse assim "Porque você não é essa pessoa que você ta tentando ser". E eu "Como

> você sabe?", daí ela "Ah, senta lá perto de mim e vamos conversar". Aí ela sempre procurava sentar perto de mim no congresso, eu ia e almoçava, eu ia e depois do almoço a gente conversava, a gente fazia tudo junto. Aí ela foi e falou comigo "Por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?". Eu queria ir com uma camisa social, uma calça, um sapato social. "Ah, mas minha mãe...". E ela "Vem pra eu ver como você fica". Aí eu fui. E ela virou e falou pra mim "Você fica linda assim". Eu peguei e fiquei toda sem graça. Aí foi isso que ela falou comigo e um pouco mais da questão, falou da Teoria Queer, falou do pessoal que estudava isso.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

A série de encontros que se movimentam nas narrativas nos sinaliza a pensar junto à Maria Luiza Heilborn (2002) que o modo como o indivíduo se torna um sujeito social, através dos diferentes espaços sociais que ele poderá se inserir, pode influenciar a forma com a qual este enxerga o entorno e a si próprio. As instituições (familiares, escolares, jurídicas, médicas etc.) não se constituem como únicos espaços de subjetivação. Há, para além delas, uma rede de significação que se constrói: as relações afetivo/sexuais, os encontros inesperados, a internet, as amizades. São diferentes (des)territórios que vão ser potentes para a constituição binária e não binária do gênero; que irão emergir em tensionamentos, provocações, subversões e rompimentos. A inserção dos sujeitos em diferentes espaços sociais poderá influenciar fortemente nas formas de perceber o mundo e se relacionar com ele.

Por exemplo, a pessoa de São Paulo que proporcionou o encontro com a Teoria *Queer* a apresenta para além da teorização, apresenta primeiro através da provocação: "*Por que amanhã você não vem do jeito que você gostaria de vir?*". A narrativa vai ao encontro de Tomaz Tadeu da Silva quando esse sinaliza que os pensamentos queer vão, justamente, contestar, questionar, desconfiar das verdades e "formas bem-comportadas" de saberes: "a epistemologia *queer* é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa" (2004, p. 107). O questionamento, um dos fortes marcadores desses estudos, é colocado em ação. A perversidade é a dúvida lançada, a impossibilidade que se faz possibilidade, o devir. Da provocação à sedução à subversão: "aí eu fui". A dúvida não é mais desconfortável, estranha e aterrorizante, ela é um estímulo, criadora, potência. É a produção de um novo corpo, de uma nova expressão. Não se desestabiliza apenas a família ao sair de casa "com uma camisa social, uma calça, um sapato social", a desestabilização ocorre também e, principalmente, no próprio ser, no modo de estar e fazer.

Recorda-se, ainda, outro encontro que significou repensar os paradigmas de relação e identidade. O apaixonar-se pela travesti provocou um sentido de realidade – o mesmo sentido de questionamento do que antes era tido como impossibilidade. A confusão que se dá é desestabilizadora. A identidade é descontinuada por diversas provocações, desde a infância até a paixão. Para Michel Foucault (1996) investir sobre as descontinuidades é pensar nas fronteiras dos processos, o instante em que se curva o rumo, o momento de virada. A narrativa continua no próprio registro desses limites do processo da não binaridade:

> Então ela mudou muito minha vida. Aí eu confundi minha cabeça em tudo assim. Porque eu me apaixonei por ela e tal, tudo bem que eu sempre tive uma quedinha, mas eu não achava que podia ser real, sabe?! Então foi a partir daí que eu comecei a ler algumas coisas, a procurar. Aí então a questão do não binário veio assim, de uma forma, de uma paixonite, de um estonteio e de uma infância aonde eu não me encaixava, que minha mãe colocava laço e eu tirava. Minha mãe falava "Ah é bonitinho" e eu arrancava o lacinho. Então foram coisas que, sei lá, foram juntando aos poucos.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

O movimento é de se jogar a novos encontros: se debruçar a procurar e ler sobre as questões de gênero e de sexualidade. *Escolher* a inserção. Os processos de identificação podem produzir, ainda, lugares limitantes para as identidades. Ou seja, mesmo que a não binaridade de gênero se produza em um entre-lugar (e por vezes permaneça nele, sempre em trânsito), a identificação com uma experiência pode constituir regimes de verdade; pode constituir limites para se operar dentro da diferença. Esses regimes de verdade (FOUCAULT, 2004b) são os tipos de discurso – bem como a forma de sua produção – que vão ser acolhidos e trabalhados enquanto verdadeiros. Em outras palavras, o regime de verdade é o conjunto de práticas e estratégias (como enunciados científicos, por exemplo) que constroem o que é tido como verdadeiro e, por consequência, o que são as subjetividades. Está imbricado nas relações de poder e sempre sendo disputado. No nosso caso, o que parece entrar no jogo de disputa por vezes é a

tradução de uma experiência específica da não binaridade de gênero em única possibilidade "verdadeiramente" aceitável de rompimento com o binário.

Vale lembrar, no entanto, ainda trazendo Luciana de Oliveira Dias (2010), que esses não são processos de identificação sem especificidades, mas processos que emergem da subalternidade. Sendo assim, mesmo que, em alguma medida, se movimentem na direção de criação de um regime, produzem junto uma *ambivalência*. Esse contexto faz tanto com que haja uma reinvindicação política de direitos quanto com que apareçam rachaduras nas formas de fazer políticas (geralmente binárias, oposicionais e identitárias).

Mesmo que algumas fronteiras se estabeleçam na tentativa de captura da experiência não binária de gênero, isso sempre estará provocando desestabilizações na compreensão (binária) de gênero. Mesmo que alguém tenha tido o sentimento de que "encaixava naquilo" que a pessoa não binária descrevia durante uma fala, e isso possa ter produzido limites de uma "identidade não binária", a desnaturalização do binário continuará produzindo efeitos.

Outra questão foi discutida em todos os encontros e chamou atenção durante a produção de narrativas de identificação: a presença de artefatos culturais e redes digitais como locais de (se) encontrar.

> Desde quando eu vi aquela mulher Roberta Close, eu tinha 12 ou 13 anos, eu falei pra minha mãe "É isso que eu quero". Aí minha mãe desligou a televisão e mandou eu dormir. Então, eu não sabia

como que fazia, não sabia como funcionava, mas eu sabia que era aquilo que eu queria. Aí a prima da amiga da minha mãe nasceu como homem e se tornou uma mulher. E se contava isso sempre, foi contando, foi contando. E eu pensando "Eu preciso achar essa pessoa, porque eu acho que ela vai me entender". E eu nunca conheci. Até ir pro VisiTrans que encontrei com ela lá, que não sabia que ela tava mais perto de mim do que eu imaginava.
(Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Foi um grupo da internet. Eu tive que descobrir tudo por mim mesma e não tive ajuda de quase ninguém porque eu era uma pessoa meio antisocial. E depois de um tempo eu comecei a sair mais, até que eu conheci uma menina que é daqui da UF mesmo, que é do B.I. [Bacharelado Interdisciplinar], num ato pelo Fora Levi Fidelix. E a gente começou a conversar e tudo. E a gente criou uma amizade depois de um tempo. Ela foi conversando comigo sobre várias coisas e também me ajudando a caminhar nesse processo todo.
(Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Eu comecei a pesquisar, eu comecei a conversar com pessoas que são trans não binárias. E aí tipo tirar dúvidas e coisas assim. Porque eu acho que antes de se assumir, eu nem sei se eu vou assumir algum dia, se um dia eu assumir eu quero ta com tudo bem resolvido. Não simplesmente virar e falar assim. Porque são duas etapas, vamos dizer assim: se assumir lésbica e depois ter que se assumir trans. E, não sei, se assumir trans deve ser mais difícil até.
(Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

É interessante observar como as mídias digitais estejam circundando esses processos de identificação. Da Televisão ao Tinder, elas os constituem e possibilitam encontros. Em uma análise mais ampla, como a de Marcio Caetano (2009), percebemos que a mídia tende a apagar outras possibilidades de identidades e práticas que não as relacionadas à matriz heteronormativa. Entretanto, muito em função da multiplicidade e caráter interativo, elas podem aparecer como aproximação às realidades subalternizadas de gênero.

Fazendo relação com as análises de Christian Metz (1980) sobre imaginário do cinema, podemos perceber que os processos de identificação por essas mídias se constituem de forma primária: uma identificação feita com a tela como espelho da própria experiência. Como é narrado: "não sabia como que fazia, não sabia como funcionava, mas eu sabia que era aquilo que eu queria". Ainda que as experiências e a identificação não tenham se fixado naquela visão espelhada da experiência de Roberta Close (que aquela visão não tenha servido como modelo pleno), a imagem e o momento ficaram guardados à memória, produziram subjetivações.

Alguns outros encontros também se produzem na ordem das realidades virtuais da internet. Dominique Wolton (2003) vai apontar a internet como um outro lugar que está mais dissociado dos territórios rígidos, que servem, ainda, para legitimar algumas "novas" identidades e que as reforçam por meio dos laços que se produzem. Assim, a comunicação virtual que compõe as identidades parece funcionar como linha de fuga, desterritorialização: um encontro com a diferença que não opera da mesma forma que abjeção, mas que leva as experiências às possibilidades de ser. As dúvidas e cons-

ternações da infância podem ser retomadas, mas isso ocorrerá através da conversa com quem se tornou *diverso*, com quem já significou a diferença em identidades não binárias.

As redes virtuais e as conversas proporcionadas podem, ainda, funcionar como uma espécie de "laboratório social", onde experimenta-se (des) (re)construções do "eu". A internet, como desterritório, oferece possibilidades de encontro e de experimentação, de invenção de identidades a partir das experiências de diferença, que não serão mais abjetas (ou não, ao menos, naquele desterritório). É possível experienciar a não binaridade de gênero, performar o entre-lugar, tensionar as fronteiras dos gêneros. É pelas relações que se estabelecem virtualmente – e que depois se expandem às realidades não virtuais – que os processos de identificação se potencializam: pensando sempre que as identidades não se constituem em estruturas rígidas e fixas, mas que, como indica Stuart Hall (1997) é uma "celebração móvel", continuamente (trans)formada pelos atravessamentos e relações a que nos expomos.

Nesse sentido, com os processos de identificação em curso as pessoas não *são*, não há uma fixidez invariável. Até mesmo o desejo de estar "com tudo bem resolvido" como pré-requisito para se "assumir" dentro de uma identidade não binária entra em xeque, uma vez que os processos são contínuos e sempre haverá (des)subjetivação. A continuidade desse movimento, nos faz passar por intensidades, por forças e por labirintos que têm dinâmicas particulares. O que era, parece não ser mais. As questões são suspensas. O café nos deixan-

do vidrados e nos elevando àquela nevoa que paira sobre as mesas.

> Toom: Parece que ao saberem quem sou, meus oponentes batem-me com força. Então eu bato ainda mais forte. O público adorou quando eu fiz aquilo. Especialmente os jornalistas. Mas não sabem que faço aquilo para dizer... desculpa. Não gosto de magoar estranhos. No ringue, não tenho escolha.
> (BEAUTIFUL Boxer)

A dinamicidade de uma luta. Todas as emoções, sensações, prazeres e pesares que ela movimenta; descontinuidade e continuidade. Vamos, naquele café, nos perdendo pelos labirintos de poéticas de nossas memórias, fazendo saltar ilusões e desculpas e desejos e outras auroras possíveis. Outros amanheceres que desconfiam dos binários. Apesar de termos investido em dois processos gerais (de diferenciação e identificação), observamos que outros tantos estão nas memórias atravessados às experiências de não binaridade. Quando produzimos as narrativas, olhamos as lembranças na ideia do filme em que "não temos escolha": os processos acontecem e não temos controle sobre eles (quem iremos encantar, quem iremos decepcionar). Rememorando o passado vamos nos guiando pela névoa dos encontros, acontecimentos e lutas. Esses outros processos se confundem, se misturam, se ramificam, se rizomatizam aos dois já trabalhados.

> Aí minha mãe depois, quando começaram as paradas aqui em Juiz de Fora. Às vezes minha mãe

> me trazia pra ver. E eu me encantava com as drags. Eu achava aquilo fantástico. Bem o que eu quero pra minha vida. Eu tinha uns seis ou sete anos. Então foi assim, eu sempre tive essa admiração muito grande pelas travestis, pelas drags. E eu queria abraçar, queria tocar, e minha mãe "nãão". Aí quando minha mãe começou a perceber ela começou a parar de me levar. Aí eu vim com minha tia. Então era uma coisa minha, que eu via que não era igual. Era totalmente diferente. Enquanto todos achavam estranho, eu tava lá encantada.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Utilizamos outra narrativa de infância para sinalizar experiências que foram atravessadas pelo encantamento com a arte que repensa os padrões de gênero e é produzida pela comunidade LGBTTI. A arte de *Drag Queen* encanta, fascina e seduz. A fala de "o que eu quero pra minha vida" e as realidades de criança são retomadas. Refletindo sobre o encantamento com Adilbênia Freire Machado (2014), percebe-se que podemos passar a construir e recriar mundos a partir do encontro com a arte *Drag Queen*: o encantamento sendo o elemento que nos dá ferramentas para alguma coisa ganhar um sentido político e uma perspectiva epistemológica. O encantamento não como um objeto a ser estudado, mas como algo que impulsiona o agir.

A partir do acontecimento de encantar-se, podemos (re)criar possibilidades de existência e dar mais sentidos à diferença. Mas uma incompreensão: quando a mãe percebe o encantamento e as potencialidades que ele pode produzir

– "eu queria abraçar, queria tocar" –, há uma tentativa de controle, de cerceamento. Percebemos, como já sinalizado, um investimento na proibição, na restrição para que a única possibilidade de existência válida seja dentro do binário mulher/homem. "Eu bato ainda mais forte". Os enfrentamentos, os encontros e os acontecimentos fazem girar o coração, girar o passado que não volta, girar as narrativas. Ressignificar os encantamentos e as restrições. Deixar que o giro dos ventos traga novas ideias.

> **Netuno**: E eu acho que o meio disso é o perfeito assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa.
> **Caracol**: Implora e obriga né.
> **Netuno**: É. Nem implora, obriga mesmo. Se implorasse seria até melhor.
> **Caracol**: É, a gente poderia recusar.
> **Netuno**: É: "não". Mas isso, tem um monte de gente recusando aí.
> **Caracol**: Sim.
> **Netuno**: Apesar de passar por muitas coisas, essas pessoas estão aí.
> (Primeiro encontro: Caracol e Netuno/2016)

> A cobrança começa dentro de casa. Começa no útero. Aí eu acho isso horrível. Porque não é o

> sexo sabe. Não é o órgão genital que vai te falar "É um menino ou é uma menina". Poxa, é uma criança, é um bebê. E deveria ser respeitado como tal. Então eu vejo que a sociedade te cobra isso. Mas você pode desviar isso. Você pode ir contra. Só que pra você ir contra, você precisa ter força. Você precisa resistir a muita coisa. Porque se você não tiver a fim de resistir, você nem começa. Então eu penso muito assim sabe.
> (Terceiro encontro entre Caracol e Netuno, 2017)

> Porque você é oprimido, você não é igual às outras pessoas que possuem uma vida totalmente diferente da sua; que possuem, digamos, privilégios e seus direitos básicos são negados. Então eu acho que a intitulação, os rótulos servem bem mais como uma resistência. Mas quem sabe assim, num futuro, talvez em um mundo livre de opressões não haja necessidade de se caracterizar ou se identificar, se chamar, nomear seu gênero como trans ou cisgênero, etc.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

As narrativas dos encontros operam com uma palavra (outro processo) importante, quando nos propomos a lançar um olhar às experiências que se localizam marginalizadas pela matriz heteronormativa: a "resistência". A resistência que pode ser agenciada no mesmo sentido da recusa, "apesar de passar por muitas coisas"; que procura acessar linhas de fuga que não necessariamente destituem o binário de gênero (ainda que seja um desejo), mas que move atravessando-o, em

desestabilização. Em conferência ministrada, Judith Butler (2014) pensa a vulnerabilidade em relação à resistência e, em certo momento, à "resistência não violenta" [14] – como a indicada nas narrativas. Nas práticas dessa resistência não violenta a própria vulnerabilidade é usada como forma de resistir a algo. Em outras palavras, é de interesse da autora, e também nosso, as possibilidades que forjamos para que a vulnerabilidade se modifique em afirmação da nossa existência, da nossa potência de vida. Uma modificação que seja reinvindicação de direitos.

Dialogamos as narrativas com Judith Butler (2014a) quando pensamos na intitulação de gênero como um mecanismo de resistência para reverter um quadro de "privilégios e direitos seus básicos são negados". O que faz parece ser uma afirmação da existência, reinvindicação ao espaço público e igualdade. Percebemos uma relação teórica e política: a resistência não violenta como perspectiva possível para desestabilização – em certo nível – das estruturas binárias. Não há consenso, no entanto, nesse ponto: para algumas a resistência se localiza, justamente, na recusa aos rótulos. Para outras, ainda, a localização da existência (e todas as outras possibilidades ligadas à não binaridade de gênero) é o próprio ato de resistência.

De acordo com Michel Foucault, o processo da resistência é um dos elementos das relações de poder. "A resistên-

14 Judith Butler vai trabalhar o conceito de "resistência não violenta" como aquela que não se constrói a partir do embate. A autora utiliza do exemplo da formação de barricadas frente a uma ação policial repressiva: não há enfrentamento físico, mas uma luta de permanência em determinado espaço através de outros mecanismos.

cia se apoia, na realidade, sobre a situação à qual combate" (FOUCAULT, 2004, p. 269). Nesse sentido, essas divergências, apostamos, estão ligadas aos diferentes espaçamentos e às diferentes relações de poder pelas quais as pessoas estão engendradas: são diferentes respostas, diferentes formas de "negar" o binário.

Outro atravessamento nos processos de (des)subjetivação que percebemos nas histórias contadas é o do prazer. Lemos nas narrativas de encontros e experiências uma aproximação com o universo de "coisa de menino" e/ou "coisa de menina" a partir do prazer que se produziu com esses contatos. Como diz uma delas: "foi um momento que eu me sentia super bem". Para Michel Foucault (1984), são as relações de poder que irão gerar as estruturas de significantes que irão constituir a interpretação de prazeres. Essas estruturas (ou matrizes) serão as práticas em que somos levados a prestar atenção em nós mesmas: quando nos deciframos, nos reconhecemos e nos movimentamos em nosso desejo. Como consequência disso, vamos estabelecendo relações para descobrir, a partir desses desejos e prazeres, *verdades* sobre nós mesmas. Estamos entendendo "verdade" na teorização foucaultiana (FOUCAULT, 2004), como o conjunto de normas que vai descriminar o verdadeiro do falso e conferir a essas dimensões efeitos próprios de poder. Assim, falamos em "verdades sobre nós mesmas" a partir da atribuição de sentido de verdadeiro ou falso, tendo como parâmetro aquilo que se produz como nosso desejo/prazer ou não.

Podemos pensar a prática de luta, a rejeição ao ballet e o escoteirismo enquanto práticas de decifração, reconheci-

mento e enunciação de prazeres. Prazer, inclusive, em romper com a continuidade sexo-gênero. Parece haver ainda um sentimento de prazer ao afastar-se do ser menina por não ter tido "aquele medo" de estupro. Mas vale lembrar os prazeres se transfiguram – com isso nossos entendimentos de verdades vão se modificando também ao longo do tempo. Atualmente, vemos essa produção de conhecimento acerca das experiências não binárias se materializando em outros ambientes:

> Aí eu troquei de psicanalista e tal. E ela conversando agora comigo, ela falou assim "Você é bem feminina, não tem como negar". E então ela falou assim "também não tem como negar que você tem o feminino e o masculino. E os dois são muito fortes. Mas isso não está na sua cabeça". Foi meu primeiro conselho, porque eu agia de uma forma, de uma maneira, que eu vivia infeliz por conta disso. Porque isso me confundia, eu chorava. Aí então ela vem trabalhando isso em mim. "Não, a gente vai fortalecer o seu lado masculino, porque o seu lado feminino já está ótimo. Porque assim, é isso. É essa meiguice, o carinho, o cuidar do outro. Isso tá ótimo. A gente tem que tirar até um pouco, porque às vezes é em excesso. Porque não há uma coisa que seja tão diferente. Todo mundo tem. É como se fosse um garotinho desde criança, então a gente tem que virar esse garotinho. Não perdendo esse lado meigo, esse lado carinhoso". Aí eu falei assim "Ta". Então a gente vem trabalhando com essas questões.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Novamente aciona-se a dimensão do prazer quando há comparação ao desconforto vivenciado anteriormente: "eu vivia infeliz por conta disso". O pretérito imperfeito traz para a narrativa a perspectiva de transformação que o trabalho realizado em conjunto com a psicanalista tem produzido: um efeito conciliador das expectativas de gênero com o sentir-se. Ser uma "pessoa não binária", aqui, parece não passar, necessariamente, por um repensar dessas expectativas, como elas são produzidas e as maneiras de desestabilizá-las. O que é desestabilizado é a matriz de continuidade sexo-gênero-desejo. Em outras palavras, a ideia de práticas esperadas de cada gênero parece ser mantida (o ser mulher com "a meiguice, o carinho, o cuidar do outro", o ser homem com as práticas de virilidade), entretanto, agora elas podem coexistir no mesmo sujeito, podem ser fortalecidas. A narrativa da conversa com a psicanalista traz essa perpetuação das expectativas para cada gênero. Pela fala é possível identificar que o posicionamento da profissional é generificado, ou seja, a mesma trabalha com a perspectiva de existirem "características femininas" e "características masculinas".

> **Jack**: Então, quando é o grande dia?
> **Toom**: Dentro de 24 dias, 4 horas e 42 segundos.
> **Jack**: Está impaciente, não é?
> **Toom**: Tenho de ir me encontrar com certas pessoas.
> **Jack**: Sim, claro. Obrigado. Deixa eu pagar a conta. Uma última pergunta. O que é mais difícil? Ser uma mulher ou ser homem?
> **Toom**: É duro ser homem. E é difícil ser mulher. Mas o mais difícil é tentar não esquecer quem de

> verdade queremos ser.
> (BEAUTIFUL Boxer)

Movemo-nos nas poéticas das lembranças. Não queremos esquecer. Reconhecemos as dificuldades de qualquer identidade e qualquer diferença. Assumimos nossos desejos. O que é mais difícil? Ser homem ou ser mulher? Talvez seja a própria ideia do *ou*. Mas não há respostas totalizantes...

> Cada não binário ele é de um jeito, ele prefere ser tratado de uma forma ou de outra. Tem não binário que nasceu com órgão sexual feminino que quer ser tratado no feminino, e vice-versa, ou querem ser tratado no masculino. Não sei. Eu acho que depende muito da pessoa, do que ela quer ser chamada. Do que ela se sente confortável. E aí tem que ter cuidado com as pessoas, é uma coisa muito importante.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

A multiplicidade presente em tantas mesas de um café opera quando lançamos o olhar à(s) não binaridade(s) de gênero. Se "cada não binário ele é de um jeito", quantas são as pessoas, quantas são as experiências, quantas são as territorialidades no espectro de gênero? Não há respostas. No mesmo sentido que entendemos masculinidades e feminilidades (no plural) – as várias formas de ser homem e ser mulher – nos permitimos também pensar as não binaridades.

Os encontros, desconfortos, encantamentos e memórias inenarráveis ou inclassificáveis podem caminhar para a diferença com o binário de gênero – uma identidade na não

binaridade de gênero. É com esses processos que algumas pessoas operam atualmente em seu cotidiano, sua forma de enxergar o mundo e a si mesmas. A experiência provocativa do queer, o contato virtual com outras que dizem da não binaridade, as conversas com amizades que se fundam em função das questões de gênero, o apaixonar-se pelo abjeto, o pesquisar as dimensões da diferença: tudo isso constitui um processo que faz a construção desse livro, um processo de identificação com as identidades não binárias.

ENCONTRO MARCADO III:

19H30, ALI EM FRENTE À PADARIA

Às 19h30 a padaria Nova Fantástica não perdoa em movimento. Os jornais do dia já são escassos, restam apenas os de esporte da segunda divisão de algum campeonato. Muitas pessoas entram em função do cafezinho, por conta do pão que saiu uma hora antes e, até mesmo, pelos sanduíches e pelos sonhos de doce de leite. Outras tantas passam para comprar algum varejo cigarro de palha ou a promoção de salgado com refresco. Sendo início de noite, a televisão mostra alguma novela de canal aberto. Aquele é apenas o ponto de encontro para uma conversa. Mas, acompanhando bem a movimentação daquele espaço, não é difícil imaginar que o encontro esperado vai levar para outro lugar. Como uma rota traçada que as memórias fazem sem perceber.

O encantamento se materializa em movimento, em trânsito. É o que joga de um espaço a outro; que faz caminhar rumo à experiência. É a sedução do desconhecido que se mostrou indispensável. Movimentar-se na dinâmica do prazer. O encontro é o disparador do encantamento. Só se encanta quem encontra. E, no mesmo sentido, o encantamento é o disparador de novos encontros. O encantado sai do local, vai, caminha, transita e se movimenta. O encontrar e o encantar possuem acordo íntimo.

Netuno chega com suas habituais roupas largas e quase não precisa dizer para onde vai: o espaço (a biblioteca) era

pra ser um mistério, mas os pés caminham sem surpresa. Memórias e pés não se surpreendem com os paralelepípedos soltos ou com as confusas faixas de pedestres. Os espaços vêm carregados de signos, significados e significantes. O passeio, a galeria no *hall* de entrada, a escada, o longo corredor com as portas à esquerda e à direita: a noite que chegava mal iluminava aquilo tudo e rememorou-se todas as vezes que aquele espaço se fez subjetividade.

Um encontro no qual duas forças se deslocaram, duas em encantamento: uma encantada com dinâmica prazerosa de uma pesquisa, outra encantada com a dinâmica prazerosa da não binaridade de gênero. Dois disparadores para um encontro. As (im)possibilidades, remarcações, imprevistos e urgências não foram limitantes ao encantamento, apenas atrasaram conversas. Mas naquele início de noite, no *depois da janta* combinado, duas estavam subindo as escadas da Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora para o encontro.

Foi uma caminhada de poucas surpresas, como aquelas que acontecem nas margens da praia da infância. Você encontra conhecidos que se assustam com a sua presença naquele espaço, mas você mesma não se espanta (nem com a presença de outros, nem com sua presença, nem com o cumprimento silencioso). O final da caminhada é o início de um novo rememorar.

Sentadas no espaço de mesas reservados às conversas e leituras de jornais e revistas. Raras pessoas transitam àquela hora pela biblioteca, muito em função das condições

climáticas de chuva e frio. O início tímido, aconteceu como quem encara o mar pela primeira vez: escolhe-se ficar à beira, molhar devagar os pés e sentir a temperatura, o movimento das ondas e a profundidade daquela praia. Mas, assim como não se fica apenas à beira do mar, também a conversa não fica apenas na superficialidade. Da mesma forma como é o desejo e prazer de imergir entre as ondas, também se imergem entre as narrativas dos prazeres de gênero.

A conversa é de poucos tensionamentos, a leveza é o que conduz as horas que passam quase despercebidas. Poucos indícios mostram a passagem do tempo: o gravador que exige nova carga de bateria, o frio que vem com a noite, a boca que seca por tanta narração. O gato pula do banco para o chão, do chão para um colo e para outro, passa pela mesa, exige atenção e contato. As horas passam como se passa uma tarde na piscina depois de uma fuga da escola, ou como se passa toda a adolescência. Os assuntos se conectam, as histórias se ligam a vídeos assistidos imediatamente e às escritas antigas. Cidades, escolas, casas, piscinas, palcos e mapas astrais são construídos pelas narrativas e expandem aquele encontro para muito além das seções da biblioteca, para muito além das existências que ali estão.

Os temas anotados no caderno de folha reciclada se esgotam, a gravação é encerrada e os agradecimentos repetidos. A resposta tão positiva ao encontro deixa uma expectativa do que os próximos movimentarão. O sentimento de cumplicidade por lembranças compartilhadas traz a sensação já experienciada naquele espaço. O encantamento de Netuno

com a não binaridade de gênero se localiza, em acontecimento, em um encontro. O encontro com uma pessoa que gera o encantamento, que gera esse novo encontro de novos encantamentos. A narrativa movimenta o rememorar do encantamento pela não binaridade, pela pesquisa. É a partir do encontro *queerizado* que se coloca o trânsito e o diálogo. O mar de livros daquela biblioteca é um belo cenário para pensar o mar de questionamentos que surgem na conversa, na pesquisa e nas vidas.

CAPÍTULO III:

NÃO BINARIDADE ENTRE NOMES E CORPOS

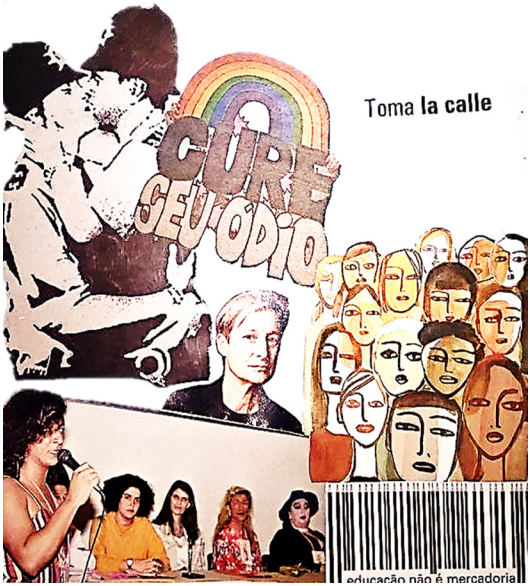

Figura 2 – Do concreto ao Queer.

Fonte: Construção própria.

O que pode uma imagem? Uma imagem que fala sobre esse capítulo. Fala sobre a imposição que desde a colonização é feita contra o cone-sul e os países periféricos: imposição de ideologias para que nos classifiquemos taxonomicamente e culturalmente com o que o norte dita enquanto correto teoricamente. Diz da invenção e retomada de nossos próprios modos de ser e fazer no mundo. Diz da pluralidade, dos desejos, dos gritos loucos, dos afetos. *Tomar la calle*; caminhar pelas ruas, pelas histórias e narrativas; pronunciar um nome; (re)in-

ventar a carne; adornar-se em frente o espelho; produzir uma obra de arte; produzir-se como obra de arte; inventar linguagens; produzir corpos; produzir-se como outra possibilidade de existência – tudo nos parece estar engendrado em produção paralela de saberes e experiências da não binaridade de gênero.

Andando pela biblioteca, em movimentos de procissão, somos muitas coisas – ao mesmo tempo em que não somos e nos recusamos em ser. Experiências que são multiplicadas também pelas reverberações das expressões que são discutidas nesse capítulo. Procura-se por algo entre as estantes; por narrativas; por encontros. Um encontro que vibra em questionar, em perguntar, em buscar, em pesquisar. As idas e vindas pelas seções. As idas e vindas por Clarice Lispector e Elizabeth Cutter e Graciliano Ramos e Judith Butler e Frank H. Netter e Federico García Lorca e Gilles Deleuze e Hans Christian Andersens. Encontros.

Encontramo-nos e encontramos com políticas e com poéticas.

> E assim, gosto de filmes infantis, principalmente que tenha monstros. Eu me identifico muito com monstros. Até essa semana comentamos disso na psicanálise. Que eu tava falando com ela que o meu sonho, quando eu fizer quarenta anos, é fazer uma festa da Bela e a Fera. Aí eu falei assim "Minha mãe quer que eu seja a Bela, mas nunca na minha vida, eu vou ser a Fera". Aí ela me perguntou "Mas a Fera era um príncipe lindíssimo". Aí eu falei assim "Mas eu quero ser A Fera, eu quero ser a fera com aqueles dentões, aquela roupa, aque-

> las coisas". Aí ela virou e falou assim "Não entendo". Aí eu falei "É assim que eu me sinto sempre. Sempre a fera. Os monstros não são ruins. Eles tem bom coração. Só que as pessoas não conseguem ver". Então isso foi sempre o que eu trouxe pra minha vida, as feras. O patinho. São livros que eu tenho aos montes. Porque cada edição sai de uma forma, eu tenho vários. Aí às vezes as pessoas querem me dar presente e "Ah, eu achei esse livro aqui do Patinho Feio, eu achei esse aqui da Bela e a Fera". Então acabam me dando. Então são coisas que me identificam. Desde pequeno eu tenho essa identificação com monstros e com o Patinho feio. Tipo eu não pertenço a esse lugar: eu não pertenço aqui, eu não pertenço ali. Essas coisas. Gosto de coisas tipo trolls, tipo aqueles monstrinhos bonitinhos. Gosto de elfos, coisas encantadoras também, coisas de magia. Me chamam muita atenção, sabe. E gosto muito de ler, desde pequeno. Gosto muito de livros de poesia. Gosto de livros, alguns livros melodramas.
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Estar entre filmes e livros; entre o "normal" e o monstruoso; entre o belo e o feio; entre nomes e corpos; entre palavras e performances; entre gravatas e unhas vermelhas; entre-lugares. "Eu não pertenço aqui, eu não pertenço ali." Nessa biblioteca vamos nos territorializando, desterritorializando e reterritorializando constantemente. Indo pelas brechas, pelas seções, espaços vazios e interstícios. Buscando essas posições e terceiros lugares.

O que provoca nossa busca de duas vidas na biblioteca da universidade? O que pode o encontro de dois corpos? O que pode esses corpos em choque com tantos outros? O que pode um nome? Que força tem uma imagem? Que potência tem uma representação? O que consideramos ao produzi-las? Que reverberações se desencadeiam? Como podemos nos ver nem aqui nem ali? Somos esses trolls, elfos, monstros e patinhos feios? Quais as produções a partir/com/pelo estranho?

A proposta deste capítulo é refletir sobre a construção de imagens da não binaridade de gênero. Procuramos investigar como que, após um processo de identificação com a não binaridade de gênero, a pessoas (re)inventam saberes, corpos, expressões e representações de si que dirão dessa experiência. Em nossas conversas essa questão apareceu permeada entre relações de prazer, de escolhas, de desconfortos, de imaginação, de (re)produções e de poder. Por essa razão, queremos dialogar com o conto d'*O Patinho feio*, de Hans Christian Andersen (2012).

Acreditamos que a escolha de imagens relacionadas à não binaridade esteja numa relação de construção da representação de si. Gilles Deleuze (1988) indica que a representação pode ser definida por quatro elementos básicos: identidade, oposição, analogia e semelhança. É circundando tais elementos, como defendemos, que a não binaridade de gênero pôde ser representada em nossos encontros – não apenas nas escolhas de vestimenta, corte de cabelo ou modificação corporal, mas em toda construção das narrativas.

É comum as imagens da não binaridade trazerem alguns signos de desestabilização do binário "ser mulher/ser homem" através de uma tentativa de representação da diferença – daquilo que não se suporta em uma identidade, mas que foi capturado momentaneamente. Como veremos nas narrativas, quando escolhemos aquilo que vai se constituir como imagem há muito em jogo e, nem sempre, esse movimento de escolha é realizado de forma consciente ou, ao menos, premeditado. Entretanto, percebemos que ele estabelece uma relação com (e uma reflexão sobre) a tentativa de representar a diferença: "é sempre em relação a uma identidade concebida, a uma analogia julgada, a uma oposição imaginada, a uma similitude percebida que a diferença se torna objeto de representação" (DELEUZE, 1988, p. 135).

Dentro dessas tentativas de (se) representar, construímos algumas narrativas que irão, desse momento em diante, servir de base à discussão desse capítulo. Essas foram produzidas mediante memória, desejos e afetações.

> **Caracol**: E se você fosse convidado, por exemplo, pra fazer um ensaio fotográfico sobre não binaridade de gênero? Que roupa você usaria? Como você se montaria? Como você planejaria isso?
>
> **Elfo**: Bem, a primeira coisa que veio na cabeça é uma questão nua. Pensei numa pessoa nua, tapando seu órgão e, às vezes, talvez pintar alguma coisa no olho, num lado e no outro lado não. Mas seu eu tivesse que usar uma roupa, talvez eu usaria uma coisa que eu gosto, aquelas saias escocesas. Talvez eu usaria isso e uma blusa tipo baby look mais feminina, com pregas. E uma gravata.

> Então seria mais ou menos assim.
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

A produção é de um corpo sem órgão(s), que rejeita a instrumentalização. Um corpo de acontecimentos, que se movimenta nos devires, que se abre para as potências da vida e se fecha para as armadilhas. "Corpo sem órgãos" é termo emprestado de Deleuze e Guattari (2008) que, para além de um conceito, diz de uma prática, um modo de vida a ser experienciado: um corpo que se entende dinâmico e complexo, formado pela multiplicidade de tantos outros corpos, mas não na concepção fragmentada da biologia.

O corpo sem órgãos como prática na não binaridade de gênero instiga a produção de um modo de vida que seja uma atividade simultânea de corpo e mente, de expressão e identidade, de pensamento e ação – rompendo com esses binários. Se o binário "ser mulher" ou "ser homem" já não faz sentido, indicamos a insuficiência desses outros. Um corpo que se cansou dos órgãos, que os esconde, que os faz sumir, sendo abarrotado, agora, por intensidades (DELEUZE, 2002).

Nessa produção de uma prática, acreditamos que o gênero (e, logo, a não binaridade de gênero) não se restringe apenas às dimensões subjetivas de cada pessoa – indicadas em outros espaços desse trabalho. Joan Scott (1990), em clássico texto para os estudos da área, apresenta que a construção do gênero aborda dimensões: os símbolos de dada cultura; conceitos que atualizam a norma e promovem interpretações específicas; uma noção que é política e serve de referências a instituições; e, finalmente, a *identidade subjetiva*.

Assim, imersas em todos esses elementos, é interessante pensar como se materializam visualmente nos corpos as experiências, identidades e diferenças. Como se produzem os sentidos dos símbolos utilizados, seus usos políticos e suas reverberações na organização social? Direcionamo-nos para três territórios que foram narrados e que podem nos dizer dessas expressões: os nomes utilizados por nós – bem como a utilização das flexões de gênero na escrita e oralidade –, as maneiras de lidar com os próprios corpos (como pensam suas potencialidades, desejos, desconfortos, formas e decomposições) e a construção de vestimentas e acessórios.

> – Como o mundo é tão grande! – disseram os filhotes. Pois, na verdade, tinham agora bem mais espaço do que quando se encontravam dentro do ovo.
> – Não julguem que isto é o mundo todo! – disse a mãe. – Estende-se muito para além do outro lado do jardim, bem para dentro da quinta do Padre! Mas nunca estive aí!... Estais pois todos juntos! – disse, levantando-se. – Não, não estão todos! O ovo maior ainda está ali! Quanto tempo vai demorar? Estou a começar a ficar cansada! – E voltou a deitar-se.
> (ANDERSEN, 2012, p. 12)

Não julguemos que isso é todo mundo. Há muito mais para além dessas narrativas, categorias, imagens e realidades. "Mas nunca estive aí!" Queremos visitar os espaços e narrativas que estivemos. "Quanto tempo vai demorar?" Não sabemos. Não temos pressa. Queremos nos demorar nos de-

talhes e caminhos possíveis. Mas podemos começar pelos nomes. Começamos nomeadas para dizer dessas experiências de (re)invenção. Os nomes que escolheram para nós, os nomes que nós recusamos e os nomes que agora nós escolhemos. Os processos de diferenciação e identificação (e tantos outros) encaminham também para esse momento. Se nos reconstruímos em diferenças outras, o que deixamos pra traz e o que inauguramos como existência a partir de agora?

Em cada pessoa o processo de escolha e utilização de um nome social, diferente do registrado, acontece de forma diferente. A vontade de assumir um nome social cresceu em Netuno, por exemplo, no decorrer dos meses em que a pesquisa foi se produzindo, entretanto desde o início outras de nós já utilizavam nomes sociais.

> **Caracol**: E como nome você adota geralmente *Ori* agora?
>
> **Elfo**: É, eu só uso *Ori*. Aí é bom que minha mãe não fica me perguntando tanta coisa também. Porque antes, os meninos me chamavam de *Orion*. Aí até eu não achava muito a minha cara, sabe. *Orion* faz lembrar uma pessoa tão máscula.
>
> **Caracol**: Tem um quê de deus grego.
>
> **Elfo**: Aí eu "ah, não tem nada a ver comigo". Aí eu tinha colocado *Oscar*. Porque juntando o meu nome todo dá *Oscar*. Porque é *Oriene Salviano Carneiro*. Aí eu usava o "O" do *Oriene*, o "s" do *Salviano* e o "car" do *Carneiro*. Aí eu "ah, sei lá. Esse *Oscar* também é meio estranho". Agora eu deixo

> só *Ori*, é mais bonitinho. Porque Ori não define nada, se é isso, se é aquilo. *Ori* está de bom tamanho.
>
> **Caracol**: Faz quanto tempo que você adotou *Ori*? E foi mudando... de *Oscar* pra *Ori* e tudo mais?
> Elfo: Tem 2 anos que eu venho mudando de nome.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

> Então, meu nome é *Cristal*. Eu escolhi esse nome mais por causa de uma neutralidade que ele traz. Porque, na prática, "cristal" é uma pedra e uma pedra supostamente não teria gênero. Mas as pessoas acabam tendendo a me tratar pelo feminino pelo fato de talvez identificarem *Cristal* como um nome feminino. Mas eu não me sinto muito confortável com isso. Mas eu também não me importo muito, porque eu gosto tanto da neutralidade dos nomes, mas fica muito difícil na prática. Então, tanto o feminino quanto o masculino pra mim parece de boas.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Teste, experimentação, invenção, corte e junção – um nome que vai se construindo a partir daquilo que eu acho "mais a minha cara". E o que é a *minha cara*? Qual *cara* eu possuo no hoje? Possuo apenas uma cara? A movimentação de Elfo e Irene nos faz imaginar os processos de construção de qualquer cara, de qualquer característica, de qualquer representação, de qualquer identidade.

Fomos percebendo nas narrativas que há investimentos políticos e poéticos em nossos próprios nomes. Há uma

certa busca por uma associação à neutralidade de gênero: fazendo com que não seja vinculado o feminino ou o masculino. A utilização de nomes sociais por pessoas transexuais do Brasil é, para Berenice Bento (2014), uma "criatividade inédita" no meio dos outros países. No nosso país temos legislações inovadoras que versam sobre a propriedade legal desse dispositivo. Apesar disso, nos encontros não se produziram narrativas de desejo de modificação dos nomes em documentos. A utilização dos nomes enquanto nomes sociais parecia bastar. Sinalizamos que é interessante pensar que o nome social pode ser considerado apenas como um paliativo em muitos casos, necessário para um convívio social mais harmonioso.

Leonardo Guimarães (2016), Berenice Bento (2014) e Caio César Próchno (2011) defendem que a questão do nome está ligada à questão de direito ao próprio corpo, à liberdade e honra. Se o nome exerce função nas possibilidades e capacidades civis dos indivíduos, corroboramos com essa perspectiva. Podemos compreender, assim, o cuidado com os nomes sociais quando as pessoas se percebem com experiências da não binaridade. E, ainda, esse como outro processo de afirmação da existência defendido por Judith Butler (2014a) e corroborado pelas observações de Karen Schwach (2012) quando indicam que, mesmo não constando nos documentos de registro civil, há uma importância na utilização do nome para autoestima e inclusão social.

Com Netuno as políticas e poéticas de escolha foram outras. Tanto para o nome utilizado socialmente, quanto para nossa pesquisa. Os dois se cruzam, confundem, perturbam as

lógicas binárias que separa vida de pesquisa. Por isso achamos potente trazer essas narrativas.

Assim que surgiu a oportunidade de escolha de algum nome diferente ao de registro, escolheu um referente a um amigo de infância. Disse: "é um nome que eu gosto bastante assim. Eu acho que combina comigo". Alguns meses depois, no entanto, começou a utilizar esse nome que estava apenas para pesquisa como um nome social (registrado, inclusive, nas pautas e documentos da Universidade). Tínhamos a preocupação de mantê-los ocultos, pensando na própria apreensão de preservar o anonimato de terceiros. Assumimos então "Netuno" como um nome na pesquisa, algo relacionado à sua história e ao seu corpo.

> **Caracol**: Você falou dessa [tatuagem] da banda e tem outras quais?
>
> **Netuno**: Eu tenho essa aqui [mostra o braço], Poseidon. Netuno, né! Poseidon e Netuno são os mesmos deuses.
> Caracol: Grego e romano, né?
>
> **Netuno**: Isso. Mas, sabe Bernini? Um escultor. Ele fez essa escultura como Netuno e Tritão. E aí o tatuador pegou a imagem da escultura e passou pro meu braço. Porque eu virei pra ele e falei: "ah, que eu queria fazer Poseidon". Aí ele achou essa imagem que me interessei bastante. Mas, Netuno e Tritão, Poseidon.
>
> **Caracol**: E você fez por quê?
>
> **Netuno**: Ah eu gosto muito de Poseidon. Ah, voltando pra aquele negócio do livro, o motivo de eu gostar é por causa de Percy Jackson . Por isso

> que eu gosto de Netuno, Poseidon. Eu tento dar uma sofisticada no porquê, mas não. É Percy Jackson[15] mesmo.
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Há ligação entre pessoa-nome-corpo. A imagem de Gian Lorenzo Bernini, escultor italiano, é incorporada. Um atravessamento que vem da leitura e que se torna pele. Netuno-mitológico, deus dos mares. Netuno-narrador, príncipe das águas.

> Tem outra história maneira. Que foi do dia que a gente ia gravar um clipe pra banda. A gente ia gravar um clipe de uma música nossa. E aí a gente via aqueles clipes assim super produzidos e a gente achava que era fácil fazer. Aí meu amigo tinha uma câmera GoPro, que podia entrar na água. E a gente ia fazer um clipe dentro da água. Foi um dos melhores dias da minha vida assim. Foi muito maneiro. Só que tipo, a gente foi ver as imagens e ficou uma bosta. Ficou muito ruim. E a gente ficou na piscina nadando, na piscina da casa do meu amigo assim, filmando com a GoPro. E aí tinha uma muretinha assim e a gente pulava todos juntos da muretinha pra piscina. E era muito maneiro. E a gente ficou assim a tarde inteira, até escurecer.
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

15 Personagem principal da série literária "Percy Jackson & os Olimpianos", do escritor estadunidense Rick Riordan. A série consta de cinco livros (lançados entre 2005 e 2009) que relatam a história de Percy, um adolescente que se descobre semideus (filho do deus Poseidon com uma humana) nos dias atuais.

Pareceu-nos justa, adequada, cuidadosa e poética a utilização desse nome para dizer dessa experiência de vida. Viemos nesse livro junto a Netuno, contente em seu reinado de água, questionando não apenas as nomeações particulares, mas toda estrutura de língua: a utilização de artigos, pronomes e flexões de gênero – seja na forma escrita ou falada. Escapar das flexões binárias de "a" ou "o" se tornou uma questão a se debruçar para algumas de nós. Utilizamos as mesmas narrativas trabalhadas em outros espaços desse livro:

> Às vezes eu uso, eu vou falar assim "to cansada". Aí falo assim no feminino e fico "cansada, cansada, cansada" e fica tipo na minha cabeça. Aí eu tento tipo, não sei, quando eu vou conversar com alguém e eu tenho que usar pra me referir a mim é, tipo, tem uma palavra que eu tenho que colocar ou o masculino ou o feminino eu vou falar de mim, eu tô conversando, eu meio que apago a última letra. Eu falo mais baixo, não sei. Tipo "ah, eu tô cansad...". Aí meio que some a letra. E dá pra entender. Não sei, pelo menos as pessoas entendem. Você tá falando alto a palavra e... É estranho.
>
> Eu acho que aos poucos, sei lá, uma hora talvez eu tenha que me assumir. Essa palavra assumir é meio estranha. É muito ruim se assumir. Assumir.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

> **Caracol**: E em relação aos artigos? Você gosta de usar "a", "o", "e"...
>
> **Elfo**: Ah, depende. Tem dia que eu uso o "o", tem dia que eu uso o "a", tem dia que eu uso o "x", tem

> dia que eu uso, sei lá, o "@". Então depende. Eu não tenho muito esse problema não. Aí tem gente que fala "Ah, mas e se te chamar de "a"?". Ué gente, o que tem o "a"? "E se eu te chamar de 'o'"? Eu "ah o que que tem?". É realmente uma letra do alfabeto. Não vai definir quem eu sou. Não vai definir o que eu penso. Não vai definir nada. Eu que tenho que saber quem eu sou. Agora se o outro acha que deve me chamar de "a", se ele acha que deve me chamar de "o" ou se ele acha que não deve me chamar de nada... pessoa... humano... tá tudo ótimo. Eu tô feliz desse jeito.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

As narrativas dos encontros colocam em questão a estruturação binária na língua e as formas de (re)existências dentro dessa estrutura. Acreditamos que, enquanto uma narrativa busca caminhos menos concretos e mais subjetivos (um caminhar particular à pessoa que fala, que não necessariamente será interpretado como "escapar" ao binário pela interlocutora), a outra não acredita na língua como parte da estrutura que define seu gênero – mais uma vez se aproximando de um entendimento do gênero na dimensão subjetiva. Estamos trabalhando a língua, aqui, junto à Maria de Luz Olegário (2016), entendendo como um ponto de reflexão, não apenas como uma tabela de regras que estão anteriores a qualquer construção cultural-social-histórica. Não está, mesmo, anterior aos desejos de quem se inscreve em uma sociedade e suas práticas de linguagem. Nesse sentido, a autora sinaliza e nós corroboramos para um olhar sobre as possíveis violências, formas de resistência e prazeres que se associam

às formas de falar e escrever e pronunciar na língua. É o que percebemos por alto nas narrativas: "é estranho", "eu tô feliz desse jeito".

Tomando ainda a língua como dispositivo que ajuda a compor a linguagem, ela não é um veículo dos pensamentos, algum tipo de espelho, mas sim algo que constrói realidades e verdades. Essa é uma teorização foucaultiana de linguagem: produzida em razão de relações de poder e produtora de sujeitos (FOUCAULT, 1996). Relacionamo-nos a isso defendendo que as ações – sejam por um viés ou outro (ou outros ainda mais que podem ser inventados) – terão potencialidade para a modificação de realidades. Em outras palavras, são ações micropolíticas de gênero que poderão desencadear efeitos diversos no nosso raio de sociabilidade (seja na família, na faculdade, na escola, na rua, etc).

Reforçamos essa ideia da linguagem com Judith Butler (2003), trabalhando que a mesma não se localiza apenas em uma dimensão externa na qual se projeta um "eu" e onde se encara a imagem idêntica desse "eu". Mas que as possibilidades para a colocação desse "eu" ocorrem devido a toda a rede de significação e normas, a todas as práticas que vão estabelecendo grades de inteligibilidade. Colocamo-nos nesse processo, nessa procissão de práticas na tentativa de estabelecer novas inteligibilidades para nossas existências.

Na biblioteca, nossas palavras, nossos nomes e nossas histórias prosseguem na agitação viva da dinâmica do pesquisar. Encontramo-nos com crianças, jovens e pessoas mais velhas; com pensamentos e sentimentos; com outros espaços e tempos; com resistências e acolhimentos...

> Sentiam-se como se estivessem em sua casa. Mas o pobre patinho, que saíra em último lugar do ovo e que tinha um aspecto tão feio, foi mordido, tosado, e dele escarneceram. Tanto as patas como as galinhas.
> – É demasiado grande! – diziam todos, e o peru, que nasceu com esporas e que julgava por isso ser imperador, inchou todo como um barco de velas enfunadas, foi direto a ele e gorgolejou, ficando todo vermelho na cabeça. O pobre patinho não sabia onde havia de meter-se. Estava muito desolado por ter assim um aspecto tão feio e servir de escárnio para todo o pátio dos patos.
> (ANDERSEN, 2012, p. 14-15)

Nossa busca na biblioteca segue, a jornada do patinho também. Nossas histórias se movem, e, agora, nos sentimos "demasiado grandes!". Sentimento antigo nos toma. Um sentimento que atravessa o pátio, atravessa a carne, atravessa o que dizem. Um sentimento que está na carne. E a carne que nos parece algo. A carne construída. A carne marcada. A nossa carne catalogada, rotulada e vendida. A nossa carne que reivindicamos como nossa e a (re)inventamos a partir disso. A linguagem que diz do gênero não se restringe à escrita ou à oralidade. As expressões da não binaridade podem ser multiplicadas a depender dos sujeitos que experienciam, como indica outra narrativa:

> Acho que meu próprio jeito ele já não condiz com o que a sociedade esperava que eu me tornasse, a minha vestimenta e as minhas próprias características físicas. Eu não me identifico e eu não

> pareço realmente nem um homem, nem uma mulher. E eu acho que todas essas características, incluindo coisas mais materiais (a roupa, o cabelo, as maquiagens), fazem parte do processo que eu me identifico e acaba refletindo na forma que eu me expresso.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Também as (re)invenções dos corpos são potencialidades para se pensar as expressões do gênero. O que as experiências imprimem nos corpos? O que os corpos imprimem nas experiências? Quais são os possíveis (des)territórios corporais das pessoas que se identificam com a não binaridade? Como as pessoas operam (re)inventando seus corpos, testando suas possibilidades?

> **Irene**: Eu me expressava muito pelo meu cabelo, era uma paixão, era uma segunda pessoa e eu cuidava com todo carinho. Eu gostava de pintar ele, eu tinha cabelo colorido um tempo atrás. E as pessoas já ficavam chocadas por eu ter um cabelo grande e ele ser roxo, ou rosa, que foram as cores que eu pintei. E eu gostava de me expressar muito através dele. Só que eu tive que raspar e optar por me expressar de uma outra forma: através de roupa e até mesmo maquiagem. Assim, na época que eu raspei eu usava quase um quilo de maquiagem na cara, um lápis preto super marcando o olho, porque eu vi que a partir do momento que eu raspei a cabeça eu ia ter mais cobrança sobre meu gênero e sobre o que eu sou.
> [...]

> **Caracol**: Você começou a pintar seu cabelo logo depois que você se identificou e se assumiu como uma pessoa não binária ou antes?
> **Irene**: Então, eu passei por um processo também de parar de querer alisar meu cabelo e deixar ele natural – ele era meio cacheado, meio ondulado. E o cabelo colorido tava um pouco na moda assim, uma amiga minha pintou e eu achei assim maravilhoso e fui pintar também. Aí eu pintei ele, primeiro de rosa, que era pra ser roxo só que não funcionou, aí ficou um rosa. Com o tempo eu fui deixando ele crescer, ficar normal, assim natural do jeito que ele é. Ele ficou imenso e as pessoas já estavam enchendo o saco porque eu tava com o cabelo grande e ele era roxo. E no começo desse ano eu tive que pintar ele de loiro, umas três vezes pra depois pintar de roxo de novo. Tinha que me alistar no exército, ia começar a fazer cursinho e aí eu vi que as pessoas iam encher o saco porque meu cabelo era colorido. Aí eu deixei loiro até junho mais ou menos, que foi quando eu fui cortar no salão e a mulher... eu não sei o que ela fez! Ficou horrível e eu tive que raspar. Aí a partir daí eu tive que me expressar de outra forma.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

A "paixão" e o "carinho" dispensado ao cabelo indicam o reconhecimento da potencialidade de expressar a experiência não binária. A troca de texturas, cores e comprimento pode ser um diálogo com a diferença: aquilo que o corpo demanda para que os processos de subjetivação possam também se materializar. Anderson Ferrari (2009) em seu diálogo

com o filme *Ma vie em rose* pensa o cabelo da personagem principal (Ludovic) como uma das suas ligações com o feminino, indicando o cabelo como um dos fortes marcadores de gênero da sociedade.

No mesmo sentido, pensamos o percurso narrado no encontro: "deixar ele natural", "pintar também", ir "deixando ele crescer", perceber as (im)possibilidade de se movimentar com aquele corpo, "cortar" e "raspar e optar por me expressar de uma outra forma" até que o cabelo cresça novamente. Acreditamos ser um percurso de reinvenção da própria materialidade, uma forma de inventar a existência corporal enquanto obra de arte – aquilo que promove certo ato de resistência, re-existência, de invenção e criação das linhas de fuga à norma, abrindo fissuras (SEGURADO, 2007).

No momento em que uma linha de fuga é bloqueada – quando há necessidade de raspar o cabelo, por exemplo – outras brechas de desterritorialidade são ativadas, outros países são criados, são demandados pelo corpo: "aí a partir daí eu tive que me expressar de outra forma". É mais que um "querer" (vontade), é um "ter que" (necessidade). Acreditamos que tal necessidade é subjetiva e visceral, mas também (como a narrativa mesmo sinaliza: "eu vi que a partir do momento que eu raspei a cabeça eu ia ter mais cobrança sobre meu gênero e sobre o que eu sou") uma necessidade de dar respostas às cobranças. Os locais de cobrança se configuram nesse caso, principalmente, entre as relações de movimentos sociais organizados. Assim, nos questionamos como faz Berenice Bento:

> Por que exigir das pessoas que vivem a experiência transexual que sejam subversivas, quando também compartilham sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não leva em si um componente subversivo, na medida em que desnaturaliza a identidade de gênero? (2002, p. 13).

As exigências fazem as brechas serem alargadas: "na época que eu raspei eu usava quase um quilo de maquiagem na cara". É um reinventar-se. O corpo deixa de ser estático, dado natural, biológico rígido. É, agora, invenção, possibilidade de ser e estar experienciando a não binaridade. Essas exigências e (im)possibilidades também estão narradas em outras conversas.

> Olha, são três coisas que queria no meu corpo: eu não queria ter quadril, porque eu tenho muito quadril; queria ser mais alto assim; e queria ter barba. Mas o resto assim não me incomoda. Tenho vontade de ter barba assim. Mas assim, eu não tenho, eu não iniciaria, não começaria a tomar hormônios. Eu não sei. Eu já pensei sobre isso, mas acho que não. Porque eu tenho vontade de engravidar, de ter filhos da minha barriga. E tipo tomar hormônio, ele tira essa, você fica infértil. Quando você começa a tomar hormônio a chance de você ficar infértil é enorme. E eu não quero ficar infértil. Mas quero ter filhos por inseminação. Não quero ter relações com homem.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

A narrativa se dá em um momento pós-reflexão sobre a corporeidade. Os desconfortos, desejos, cuidados e (im) possibilidades já foram pensados, avaliados. Apesar de, como indicado em outros momentos, a experiência pode ter sido denominada como "não binária" há pouco tempo, o pensamento sobre modificação corporal com hormônios já é algo considerado, ainda que temporariamente, descartado. A mobilidade do corpo é, novamente, percebida em justaposição a processos biológicos como o da concepção. Pensa-se em engravidar, rejeita-se o tratamento hormonal para ter barba em função disso, mas ao mesmo tempo rejeita-se uma forma de concepção dita "natural": escolhe-se "ter filhos por inseminação" – e significa-se essa escolha dizendo que não quer "ter relações com homem".

Os desejos e os corpos se estabelecem num jogo em que os (des)prazeres são negociados: o prazer de "ter barba" é negociado com o prazer de "engravidar", o prazer de "engravidar" é negociado com o desprazer da relação sexual com um homem. Em outras palavras, os corpos estão sempre *em aberto*, toda existência será negociada, medida – assim como os prazeres e desejos. Há um investimento cotidiano da desnaturalização. É o que aponta Letícia Lanz (2014) ao pensar que nas experiências de pessoas transgêneras[16] o corpo vem

16 Utilizamos, nesse momento, o termo trangênera/trangênero/transgeneridade por estarmos nos relacionando com a pesquisa de Letícia Lanz (2014). No levantamento teórico que a pesquisadora constrói está sinalizado que o termo não é uma "identidade gênero-divergente" a mais no rol LGBTQI, mas se trata de um termo guarda-chuva que diz da não conformidade com a norma binária de gênero. Assim, estão incluídas: "travestis, transhomens, transexuais, crossdressers, andrógin@s, transformistas, drag-queens, homens femininos, mulheres masculinas e demais identidades gênerodivergentes" (LANZ, 2014, p. 4).

aparecendo como um "projeto de transformação", um movimento de devires. Tudo isso implica na aceitação da aparência, na negociação e mesmo numa reconstrução de parâmetros e conteúdos.

Há ainda outras narrativas de experimentações corporais. Movimentações que foram escolhidas e outras "aproveitadas". Nessas, o prazer da modificação corporal se torna ainda mais evidente, bem como o planejamento para tal. São de corpos designados como femininos no nascimento que veremos essas narrativas. E então nos permitimos pensar: como se dá a subjetivação dos corpos designados como femininos? Quais atravessamentos são comuns às pessoas que foram designadas a esse gênero ao nascer? Como as experiências não binárias podem se expressar em corpos que são cerceados, auto-desconhecidos? Quais as linhas de fuga que são acessadas para que se possa atualmente pensar o próprio corpo enquanto estrutura aberta às (des)(re)construções?

> Aí minha mãe falou que ultimamente – é que eu comecei a tomar inibidor de hormônio feminino, porque eu tenho transtorno de humor (aí isso aumenta muito na TPM). Aí hoje minha voz se transforma, parte da noite ela começa a engrossar, tanto a noite quanto de manhã ela fica mais grossa. Aí ela "ah, mas tem que falar com essa médica, não tá dando mais. Porque você é muito esquisita, já anda com essas roupas esquisitas". Então eu sinto que as pessoas não entendem. É difícil ser aquilo que as pessoas acham que você deve ser. Você pode se sentir só humano, tem que

fazer o bem, ser uma pessoa de bem. É isso que levo muito na minha vida. Ser uma pessoa boa, independente do que o outro pode estar pensando toda hora. "Ah será que é isso... será que é aquilo?". "Ah como será que essa pessoa tem um relacionamento... será que não tem?". Então isso é uma questão minha. Mais ou menos por aí.
[...]
Igual eu te falei, eu comecei a malhar pra perder um pouco de peso e tomando esse inibidor que eu comecei eu vou ficar um pouco mais andrógena. Aí eu pensei "Vou adorar!". Porque vai chegar um pouco onde quero. Foi o que falei, eu quero aumentar um pouco meu tórax, eu quero aumentar mais. Existe só uma coisa que não gosto no meu corpo, que me incomoda. São os seios. Aí eu não penso em fazer cirurgia. Eu malhando, como já é pouco, eu malhando dá pra ficar muito bem. Aí eu decidi fazer isso. E também dependendo da blusa que uso, não dá nem pra notar.
(Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Aí, finalmente tomei coragem para conversar com a minha endocrinologista sobre a questão hormonal, só que ela não liberou, questão de hormônio para mim devido a questão de saúde e até mesmo o psiquiatra não libera, ele disse que por enquanto não.
(Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Caracol: E você continua com desejo nessa questão de tomar hormônio e tal?

Elfo: Sim, mas eu não pretendo tomar as doses que os meninos tomam normalmente. Quero uma

> dose um pouquinho baixa mesmo, só pra engrossar um pouquinho a voz. Como eu já tenho pelo natural, só pra acabar de completar. Porque eu já tenho naturalmente. Mas é igual eu falo, eu não me vejo tipo um homem totalmente barbudo com aquelas coisas. Não me vejo assim, sabe.
> [...]
> Ela [a endocrinologista] falou que não faria a prescrição da T [testosterona] pra mim, por motivos de saúde mesmo. Aí ontem ela até conversou comigo de novo. Aí ela falou assim: "Se a gente fizer, depois da sua cirurgia a gente vai conversar sobre a perda de peso, sobre suas questões de obesidade". Porque a minha obesidade é de família, sabe. Aí então ela falou comigo que seria mais aconselhável eu operar. Porque senão a gente vai chegar ao ponto que a gente vai perder o controle. Aí ela sugeriu e falou "Aí depois que você fizer isso, quem sabe eu não libero o hormônio pra você e tal".
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

O descontentamento com os seios é semelhante ao de outra narrativa sobre o quadril e a altura. No mesmo sentido, formas de (re)inventar o corpo já foram pensadas e, algumas, postas em ação. O efeito colateral do inibidor de hormônios (a transformação na voz) é visto de maneira prazerosa para umas – e como desconforto para outras (a mãe, por exemplo). A construção de uma figura "um pouco mais andrógena" através do inibidor e dos exercícios físicos, também é prazer: "vou adorar!". Todo o percurso do querer na utilização de dosagens de hormônios (em específico a testosterona) diz de uma cons-

trução de saberes que circundam o corpo, os prazeres e as invenções de si.

Em seus estudos acerca da travestilidade, Marcos Benedetti (2005) identifica os saberes sobre hormônios enquanto uma rede que vai sinalizar as identidades travestis. Acreditamos que as experiências na não binaridade se encaminham também nesse processo: não que o tratamento hormonal esteja efetivamente presente nessas experiências (de fato não está, de acordo com as narrativas), entretanto a consideração ao tratamento, o pensar das consequências, o vislumbre das (im)possibilidades é latente.

Essa escolha de *hormonizar-se* ou não é um optar por certo tipo de invenção corporal. Uma invenção que, como qualquer outra, vai além da experiência corpórea, mas que é atravessada por outros efeitos que dirão de seus desejos, perspectivas, linhas de fuga e (des)territórios. Nesse sentido, Stéphane Malysse (2002) vai indicar que em qualquer modificação corporal as pessoas parecem tentar controlar aquilo que foge do controle no convívio social, optando por uma forma física que se identifique e que personifique os desejos. Entretanto, esse novo formato corporal não diz apenas de algo estético, mas também ético, uma vez que as pessoas incorporam valores morais incluídos nas reconstruções.

Construir-se, assim, através de hormônios, de colorações, de exercícios físicos etc, é construir um aparato corporal e moral para dizer da diferença – e/ou identidade. Invenções que não podemos mais enquadrar nos binários material/imaterial, corpo/mente, tátil/moral, mas que são mutuamente

atravessadas por jogos de poder, prazer, desconfortos, desejos. Entretanto, mesmo que percebendo um debruçar, um pensar mais demorado de algumas pessoas sobre esses jogos, encaramos que não são apenas essas que estão imersas nisso, mas todos os sujeitos que produzem os corpos e gênero. O que nos faz levantar questionamentos:

> **Elfo**: Até onde que eu preciso ir, até onde que eu preciso provar pro outro que eu sou uma pessoa trans, que eu sou um menino, que eu sou uma menina ou que eu não sou nada? Até que ponto, sabe, vai tudo isso? Até onde que isso tudo vai acarretar na minha vida? Então a gente [na psicanálise] começou a conversar sobre isso. Sobre a questão que se fala muito de nome social e tal. Mas será até que ponto que o nome social define realmente a pessoa? Será que se eu falasse que eu sou Joãozinho, Mariazinha, faria alguma diferença eu sabendo quem eu sou? Então, trabalhamos muito isso na psicanálise. Trabalhamos a questão da cirurgia, até que ponto a cirurgia pra mim seria necessário. Se eu posso esconder os meus seios, se eu posso impedir que a pessoa toque e tal. Já que eu não preciso vê-los na relação. Então a gente questionou tudo isso.
> **Caracol**: E você chegou a alguma resposta? De até que ponto...
> **Elfo**: Sim, eu cheguei. Como eu tenho poucas glândulas mamárias mesmo e, assim, a gente chegou a um ponto que tipo a cirurgia no caso não adiantaria. Porque por eu ter poucas glândulas, se eu tiro o top é tipo um peito de um menino gordinho. Então ele não desenvolveu como um

> seio de mulher. Então eu não tenho um seio feminino, eu tenho um seio de um menino gordinho. Eu tenho gordura. Então a partir do momento que eu perder a gordura, eu tenho, digamos, um seio um peito mais reto. Aí nesse período também eu comecei a tomar um inibidor de hormônio feminino porque tava me dando quase que uma hemorragia por causa da "mosntruação". Aí a médica, a gente ia colocar um diu, aí ela falou comigo "Faz o teste com a medicação antes e depois a gente vê, se coloca ou não". Aí eu tô tomando a medicação, tá ótimo, tá legal. Só que aí por ter inibido o hormônio feminino, aí começou a nascer mais pelos. Aí começou a nascer mais pelo no peito assim, sabe. Aí foi legal. Aí acabou nascendo mais.
>
> (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

As decisões que são narradas nos parecem equilibradas com os prazeres e desconfortos. Responde-se às próprias questões que se levanta, mas na esfera pessoal: "eu cheguei" – talvez sinalizando exatamente a individualidade da resposta pra cada pessoa, o tempo de cada pessoa, os processos de cada pessoa. As forças que atuam na construção do gênero em um plano maior (que estão nas instituições, nas relações, na educação) são as mesmas forças que atuam em um corpo. Mas como cada sujeito vai significar e se significar em tudo isso – ou como é questionado "Até que ponto, sabe, vai tudo isso?" – não nos parece ser tão previsível ou totalizante. As pessoas, seus corpos e suas ações poderão se movimentar de formas particulares, jogando com as intensidades e direções dessas forças. O corpo não estará fadado, prescrito.

O corpo modificado, o corpo (re)inventado, mas também o corpo montado e desmontado a cada dia, a cada olhada no espelho, a cada teste no provador. Testamo-nos enquanto carne, testamo-nos enquanto sujeitos, testamo-nos enquanto existências que tomam nas mãos a possibilidade de invenção. Assumimos e abandonamos. Seguimos pela biblioteca de nossas narrativas em movimento de teste, de experimentação, de experienciação. Experiência de nós, experiências de corpos outros, experiências de patinho...

> O patinho sentava-se a um canto e ficava deprimido. Então sucedeu-lhe pensar no ar livre e na luz do Sol. Ficou com um tal anseio maravilhoso de flutuar na água que, por fim, não podia aguentar. Tinha de dizê-lo à galinha.
> – Que se passa contigo? – perguntou ela. – Não tens nada para fazer, por isso te vêm essas fantasias à cabeça! Põe ovos ou bufa que assim te passarão.
> – Mas é tão belo flutuar na água! – disse o patinho. – Tão belo pôr a cabeça debaixo dela e mergulhar até ao fundo!
> – Sim, é um grande prazer! – disse a galinha. – Ficaste bastante maluco! Pergunta ao gato – é o mais inteligente que conheço – se gosta de flutuar na água ou mergulhar nela. Não quero falar de mim... Pergunta mesmo à nossa dona, que mais inteligente do que ela não há no mundo! Crês que tem vontade de flutuar na água ou de pôr a cabeça debaixo dela?
> – Não me compreendem – disse o patinho.
> – Bem, se não te compreendemos, quem te com-

> preenderá? Certamente não pretendes ser mais inteligente que o gato e a mulher, para não falar de mim! Não sejas presunçoso, criança! E agradece ao Criador por tudo de bom que fez por ti! Não vieste para uma casa quente e não tens um ambiente onde podes aprender alguma coisa? Tu és um disparatado e não é divertido falar contigo! Acredita! É para teu bem que te digo estas coisas desagradáveis e é nisso que se reconhecem os verdadeiros amigos! Vê apenas se consegues pôr ovos e aprendes a bufar ou a fazer faíscas!
> – Creio que me vou embora, por esse mundo fora! – disse o patinho.
> – Vai pois! – retorquiu a galinha.
> E o patinho foi.
> (ANDERSEN, 2012, p. 17-18)

"E o patinho foi", fazemos também movimentos de ida, de prosseguir, trilhar. Se não compreendem a nós, cremos que vamos "por esse mundo fora!" As conversas nos auxiliam de todo, nos colocam a refletir as saudades e os desejos que temos. Os possíveis que encaramos para nos tornar quem somos, quem queremos ser. Para além das modificações corporais que se relacionam aos reajustes da ordem do biológico, há expansões que perpassam também performances com tecnologias de roupas, acessórios, cores e texturas. Que se passa conosco? Achamos interessante nos direcionarmos às construções cotidianas das imagens: quais as expressões ao sair de casa, o que se leva em consideração para planejá-las, que reverberações se espera ou não, como tudo isso será atravessamento, novas experiências do corpo, novas subjetivações. "O patinho foi", nós fomos.

> Eu gosto de misturar bastante, principalmente as partes de cima. Ou então uma roupa de uma peça só. Aí eu vou misturando assim as roupas que eu vou achando. Cada pedaço em um lugar e eu vou montando o *look* combinando. O que eu acho que vai ficar legal eu uso. Aí tem roupa que eu compro e não dá certo, aí eu já deixo guardado talvez pra uma outra ocasião. Mas geralmente vou misturando as roupas masculinas e femininas e também passando um pouco de maquiagem e aí fica bem, eu tô confortável comigo e que eu tô expressando quem eu sou.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

A narrativa diz do investimento na mistura de símbolos socialmente estabelecidos enquanto femininos com outros estabelecidos enquanto masculinos. "Cada pedaço em um lugar", cada um se movimentando em espaços diferentes, em ações diferentes, adornando para formar sua expressão. A maquiagem é recurso também utilizado, principalmente, após o corte de cabelo: a mistura se faz operar. Letícia Lanz (2014) explica que as escolhas de roupas e acessórios resulta de uma negociação entre *desejo individual* e a observância das regras e normas de conduta. Tanto nessa narrativa como também nas outras que observaremos abaixo, percebemos a perspectiva de realização do desejo individual da autora muito presente: "eu tô confortável comigo e que eu tô expressando quem eu sou". Em outras palavras, muitas vezes as "regras sociais de conduta" não são consideradas para a performance de corpo que se pretende produzir.

A *mistura* é característica marcante. O rompimento com o binário de gênero se mostra no distanciamento das experiências totalizantes de "ser homem" e de "ser mulher", o interesse está no híbrido para dizer da diferença (WOODWARD, 2000). Procura-se o ambíguo, a dúvida, a suspensão, as linhas de fuga. Os símbolos ainda são pensados enquanto masculinos e femininos e é justamente a partir dessa significação, nem sempre questionada, que se parece operar para ir "montando o look combinando". Em outros encontros vemos essa performance de maneira parecida:

> Então, ultimamente eu tenho tentado, não sei, eu tô fazendo algo que eu não fazia antes. Eu sempre coloquei roupas masculinas e me vestia dessa forma. Aí ultimamente eu tenho usado as roupas masculinas que é como eu me sinto confortável, mas tenho pintado a unha e coisas assim. E aí, tipo, a primeira vez que eu pareci de unha pintada as pessoas estranharam muito, ficaram tipo: "Mas por que você está assim? Por que você tá tipo com a unha pintada que é coisa de gente feminina?". Mas às vezes eu quero sair com a unha pintada, quero sair com uma maquiagem e tipo eu tô realmente tacando o foda-se para o que as pessoas vão pensar: eu com uma roupa masculina e unha pintada. Não sei. Esses acessórios ditos femininos eles, na cabeça das pessoas, eles acompanham um corpo feminino com uma roupa feminina e coisas assim. E fica estranho um corpo feminino, com roupa masculina, uma unha pintada, maquiagem.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Alguns investimentos em planejar as composições de vestimenta baseadas numa perspectiva não binária para o gênero são recentes. Além da mistura também presente nas narrativas anteriores, o *estranhamento* faz parte da construção da imagem: é uma dimensão pensada e planejada. Analisamos os estudos *queer* justamente pensando que é interesse e parte da epistemologia – esse estranhar, subverter e perturbar. Nesse sentido, acreditamos numa potencialidade queer na narrativa, ao estranhar a continuidade entre gênero-corpo-vestuário fixados em feminino ou masculino e provocar a descontinuidade, "eu com uma roupa masculina e unha pintada".

Richard Miskolci anuncia, em certo tom profético, que "é chegada a hora de estranhar as forças sociais, políticas e também teóricas que até hoje mantiveram 'xs estranhxs' alocadxs no desvio e na anormalidade" (2014, p. 22). É tempo de estranhar o individual e o político, de fomentar a inquietação. As narrativas fazem um percurso narrativo semelhante entre si: provocação, subversão, (re)existências a partir da composição do estranho, da dúvida, da questão.

> Igual hoje, a instrutora brincou comigo, falou "Ah, você comprou um short de malhar?". Aí eu "É né, tive que comprar". Isso é um pouco complicado, mas tá bom: eu compro uma blusa grande. Tanto é que a blusa é masculina. Geralmente é uma coisa que faço muito: roupas masculinas, roupas femininas, tudo junto, uso uma maquiagem. Tanto que eu perguntei se você ia gravar, porque se você fosse gravar eu ia vir com uma outra roupa.

> Então eu tenho essas questões. Não tanto a roupa, mas... por que não usar todas?
> Aí minha mãe me questiona: "Ah, as pessoas vão ficar olhando". E eu falo: "E daí? Eu quero usar". Porque é o que eu gosto de usar e ponto.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Os posicionamentos e questionamentos encontram os demais já observados: a mistura, o estranhamento, a dimensão do prazer individual na performance, a despreocupação com as percepções alheias. Há uma preocupação com a construção da imagem no nosso próprio encontro – "tanto que eu perguntei se você ia gravar, porque se você fosse gravar eu ia vir com uma outra roupa" –, um cuidado em performar experiências não binárias não apenas no que é cotidiano.

A questão "por que não usar todas?" parece rondar todas as narrativas. Por que não usar? Por que não se lançar às construções de estranhamento? Por que se produzir na fixidez se a subjetividade é a da diferença? Os efeitos colaterais de uma modificação baseada em tratamento hormonal ou cirúrgico não são mais uma questão. As roupas, os acessórios, as maquiagens são tão móveis quanto as identificações. E, para além, "a roupa é, ao mesmo tempo, um operador de socialização, um mecanismo de controle social e um veículo de libertação da tirania dos condicionantes culturais" (LANZ, 2014, p. 93).

> Exige uma certa coragem de você sair da forma que você realmente quer sair. Às vezes um monte de cara hetero e cis, quer usar saia, mas tem

> medo, sabe, do que a sociedade vai achar. Não sei. Não posso falar por hetero-cis também. Não sei como eles se sentem. É porque é aquela coisa né: do homem é homem, mulher é mulher. Tem que ter muita coragem pra sair, tipo, da forma que você realmente quer. Às vezes você tá se sentindo confortável, mas as pessoas olhando, traz o desconforto.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Há a percepção que as performances e regulações das expressões de gênero não estão presentes apenas nas pessoas que tem experiências de diferença. Mesmo as pessoas que se enquadram na norma, na identificação – "cara hetero e cis" – também terão suas limitações, suas negociações de prazeres. Todas as pessoas estão imersas na "matriz de normas de gênero" estudada por Judith Butler (2003). Todas exercem, atravessam e são atravessadas pelos jogos de poder, prazer, estranhamento. A realização individual de performar determinado gênero pode ser desestabilizada pelas relações sociais: "às vezes você tá se sentindo confortável, mas as pessoas olhando, traz o desconforto".

Beatriz Ferreira Pires (2003) vai investir nos jogos de prazer apontando que no ato de se apresentar de determinada forma, pode existir um voluntarismo em desestabilizar indivíduos que estão previstos na norma como "corretos". Há qualquer prazer nesses movimentos de manipulação corporal e práticas a eles relacionadas – inclusive na verificação da reação das outras pessoas. Em outras palavras, as produções dos corpos não são apenas experiências de si para si,

mas também atravessadas pelas relações interpessoais, pelos (des) (re)encontros que se dão com outros corpos, outras morais, outras experiências. O que se produz com o choque desses corpos é, também, plural e imprevisível.

> Voou para a água e nadou ao encontro dos belos cisnes. Estes viram-no e nadaram ao seu encontro, agitando as asas. – Vá, matem-me! – disse o pobre animal, curvando a cabeça para a superfície da água à espera da morte... mas o que viu ele na água clara? Viu a sua própria imagem. Já não era mais uma ave desajeitada, cinzenta-escura, feia e horrível.
> Era um cisne.
> Não tem importância nascer num pátio de patos, se se foi chocado num ovo de cisne!
> [...]
> Pensava como fora perseguido e ofendido e ouvia agora todos dizerem que era a mais bela de todas as aves belas. Os lilases curvavam os ramos para a água. Para ele. O Sol brilhava tão quente e tão agradável! Então agitou as asas e esticou o seu elegante pescoço e alegrou-se de todo o coração:
> – Tanta felicidade nunca sonhei, quando era o patinho feio!
> (ANDERSEN, 2012, p. 20-21)

Pensamos, também nós, como vamos nos colocando no mundo e sendo atravessadas pelo Outro. Mas o que vemos na água clara? Tantos possíveis, tantos encontros, tantas bibliotecas. Reiteramos, aqui, nossa percepção no investimento e

preocupação com as expressões de gênero a partir das narrativas analisadas nesse capítulo. Como o patinho se surpreende, cola estranhezas ao cotidiano, nós também as colamos a essa discussão: nós colamos narrativas e significados aos nomes, corpos, roupas e formas de estar e agir. Colamos imagens e sentidos. E nesse movimento de colagens, continuamos a nos produzir. "Não tem importância nascer num pátio de patos, se se foi chocado num ovo de cisne!". Nossos ninhos não determinam nossas imagens.

ENCONTRO MARCADO IV:

22 HORAS, ALI NO PORTÃO DO CONJUNTO DE QUITINETES

Os bares e esquinas das ruas do bairro São Pedro já foram temas de outros textos: os encantos que se passam, as emoções que se produzem, os amores que carregam, as poesias que inspiram. São também espaços dos encontros. Às margens da Universidade, a Cidade Alta respira movimentação; trânsito de madrugada a madrugada; risadas e companhia a todo momento. No outono, quando o calor já não é intenso e o frio começa a despontar como neblina, essas companhias e confidências parecem ganhar força.

Netuno, sempre solícito, gostou da ideia de gravar um curta-metragem cuja temática era: "O que eu já deixei de fazer por ser LGBTTI?". Netuno, sempre animado, já havia acionado outras três pessoas que poderiam gravar também (antes mesmo do horário combinado no portão da casa). Netuno, sempre animado, após a gravação convidou para um jogo de truco.

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Entre aprender a jogar, escutar Tulipa Ruiz, comprar brigadeiro feito em casa e acariciar gatos, muitos afetos se movem, muitos saberes também. As discussões ficam acaloradas: nacional-desenvolvimentismo, expressões de gênero, nova esquerda do Brasil e do mundo, fluidez das sexualidades. "Quando podemos marcar de beber algo?". "Ih, começou

a chover". Tudo é motivo pra entrar em mais uma rodada do jogo, pra adiar mais uma hora a voltar pra casa, para não ir à Universidade.

O jogo de truco daquela tarde se transporta a outro, de semanas depois. Uma quarta-feira à noite, na mesa do bar barato no alto do morro da Cidade Alta, com porção de batata frita custando a bagatela de 9 reais: "se você sair daqui tendo gastado mais de 8 reais é porque você deu mole!". A caminhada até chegar ali é feita lentamente – propositalmente assim. Términos de namoro, amadurecimento de relações, casamentos de uma semana e "agora vou assumir meu nome social!" fizeram com que os passos diminuíssem, que as lágrimas rolassem e que a respiração ficasse mais rápida. O caminho até o bar parece o melhor do encontro. Como um portão pode reverberar tanto!

Já no bar: afetos e saberes caminham juntos. Muitos planos, muitos sonhos. Pessoas que chegam a todo momento na mesa. O jogo de truco recomeça – Netuno levou o carteado.

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

Truco, meio pau, nove, doze!

O jogo de "eu nunca" e "eu já" também aparece. As experiências menos puritanas chegam à mesa entre risadas, cachaças e "Vamos fazer uma festa num motel?". Netuno sendo apresentado a todo mundo como masculino: sua primeira vez assim. A confiança para contar segredos aumenta de todas as partes – o frio também. "Pode ficar com meu casaco, Netuno! Está chovendo, mas isso pra mim não é nada não!". No final, a

conta ficou em 15 reais pra alguém (Será que deu mole? Não importa!).

O caminhar de volta à casa é mais apressado: de volta ao conjunto de quitinetes que carrega ensinamentos, alegrias, tristezas e a dimensão do espaço. "Você passou por isso só por minha causa? A gente podia ter ido a outro lugar" – foi o que Netuno perguntou. "Não". Foi exatamente o que precisava. Despedidas feitas de promessas de reencontros que sumiriam feito neblina.

No caminhar, a lembrança: "Você está apaixonado e isso não é um elogio, é uma repreensão". Mas, pelo que ensinou Netuno, apaixonar-se não pode ser isso, é cuidado! É recolher os cacos de vidro e colocar em uma lata com o bilhete "Cuidado, VIDRO", é pagar um pouco a mais, é emprestar o casaco e caminhar do lado.

CAPÍTULO IV:

NÃO BINARIDADE ENTRE ENUNCIAÇÕES E RELAÇÕES

No bar as pessoas chegam e saem. Há fluxo. Até a mesa se move: entre calçada, sinuca e balcão nos adaptamos à chuva que vem e volta. (Re)Encontramos antigas amizades, fazemos novas, conhecemos a nós mesmas. Entre cervejas e porções de batata frita, entre jogos e confidências, entre futuros e passados, nos deparamos com meninos, meninas, sorrisos, projetos, falatórios, embriaguez...

> **Caracol**: Você lembra o seu primeiro contato com o universo lgbtti.
>
> **Netuno**: Eu lembro. Nossa! Foi muito engraçado. Eu tava tipo, já tava pensando assim, eu tinha sei lá, eu era bem nova, eu já tinha ficado com menino, mas nunca tinha ficado com menina. Mas eu tava começando a sentir aquela atração assim por meninas. Aí eu comecei a pesquisar. Pesquisar na internet mesmo. Aí eu caí numa série, chama *The L word* sabe? É uma série muito sapatão. E tem assim, muito sexo sapatão. É tipo: Nossa! E eu naquela transição de criança pra adolescente assistindo aquela série, eu tipo engoli aquela série. Eu vi aquela série tipo em um mês assim, muito rápido. E assim que eu vi aquela série, eu comecei a tipo saber o que estava acontecendo. Porque explicava bastante assim, tipo tinha uns estereótipos e tals. Eu revi essa série e tem uns estereótipos assim. Mas tipo, pra mim aquela

série explicou bastante, muita coisa do mundo sapatão assim. Aí eu cortei o cabelo e aí eu me assumi lésbica.

[...]

Caracol: Eu lembro de algumas coisas que você falou da última vez que nos encontramos, acho que relaciona muito com o que falamos hoje. Aquela série que você comentou, *The L Word*...

Netuno: Você pesquisou?

Caracol: Pesquisei sim, mas não consegui ver nenhum episódio ainda.

Netuno: Ah sim. Mas não dá pra ver tudo também, é muita temporada.

Caracol: Sim. Daí eu queria saber se podia falar um pouco mais.

Netuno: Sobre a série?

Caracol: É, sobre a série. A sua relação com a série. E outras coisas que você possa lembrar já engatando nessa época: filmes, livros, séries, o que vier.

Netuno: Eram gostos bem infantis assim. Bem diferente do meu gosto atual. Coisas de *Garota Infernal* e coisas assim. E qualquer coisa que tinha um beijinho diferente de homem com mulher já era um diferencial assim. Me interessava bastante. Viravam e falavam: "ah, nessa série tem duas meninas se pegando". Aí eu tipo, virava e "humm", aí eu baixava e assistia. Até hoje eu tenho esses filmes no meu computador. E eu fui assistir de novo e são muito ruins. Pelo menos *Garota Infernal* acho muito ruim. Eu fui assistir de novo e é muito ruim. E tipo, quando eu assisti com 13 anos

ou 14 anos sei lá, eu fiquei: "nossa, que filme maneiro". Mas é bem bosta. Mas *The L Word* foi uma série que eu gostei bastante. Eu quase assisti de novo. E eu acho que assistiria de novo, só não tenho tempo e, sei lá, tem séries mais maneiras eu acho pra assistir. Se eu fosse dedicar meu tempo eu ia ver, por exemplo, uma série nova do que uma repetida. Mas eu assisti escondido. Eu lembro que eu ficava com vergonha da minha mãe ver. Eu baixava os episódios e ia pra casa da minha vó. Na casa da minha avó não tem internet. E aí eu escondia o computador no canto do quarto e ficava vendo quando minha vó ia dormir. Porque eu achava que ela ia ficar brava se ela visse. Talvez ficasse ou não, não sei. Mas essa série tem umas coisas meio infantis assim, com estereótipo e tal. Mas tem coisas legais também. Nessa série, *The L Word*, tem um homem trans que ele começa a ficar com um cara gay, gay cis. E tipo, era uma coisa que eu nunca tinha escutado falar assim de homem trans nessa época. Eu era uma coisa bem tipo ignorante assim. E essas coisas a gente não conversa muito, né. Principalmente com adolescente, criança. Aí eu vi na série assim e fiquei: "nossa". E aí esse cara da série, esse homem trans, começou a ficar com um homem gay cis. E aquilo foi muito diferente, porque você não imagina. Mas tipo, são coisas que não são impossíveis. E só de estar lá já abriu minha cabeça. Por mais que tenha o estereótipo e toda essa coisa.
(Primeiro e Segundo encontros entre Caracol e Netuno, 2016)

Só de estar lá já abriu minha cabeça. Só de estar no bar, só de estar assistindo uma série, só de estar num encontro, só de estar numa conversa, só de me relacionar. Abriu a cabeça, ampliou os órgãos, expandiu as formas de pensar. Pensar com o corpo, pensar com o Outro, pensar com as relações todas. Nós que ressignificamos os cantos da casa da vó, espedaçamos os silenciamentos dos nossos corpos com risadas de bar, com movimentos de carne (re)inventada. Acreditamos num fluxo dos espaços que frequentamos, um fluxo que ajuda a dialogar com as narrativas das experiências da não binaridade de gênero sobre as relações interpessoais que produzimos: os tensionamentos, os prazeres, os desconfortos, os enfrentamentos. Nós, *The L Word*, famílias, amizades, amores, estranhos: personagens que se encontram e brindam em potentes encontros.

> Acho que conforme a gente vai conhecendo as pessoas, conversando com as pessoas e se relacionando com as pessoas – não intimamente, mas relacionamento tipo amigos, família, até namorada sabe – você vai entendendo melhor, vai tipo acrescentando às coisas na sua cabeça e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes. Talvez uma coisa que você pensava de uma forma, depois de uma conversa você pode pensar de outra forma.
> (Segundo encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Com os verbos da narrativa, intentamos nesse capítulo pensar esse *conhecer*, *conversar* e *relacionar* com as pessoas como processos educativos para as experiências da não bi-

naridade de gênero e outras. Um encontrar em que "você vai entendendo melhor, acrescentando às coisas na sua cabeça e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes" nos parece fazer parte desses processos de (des)subjetivações. E então, discutir o que Michel Foucault (1989) vai denominar como "o governo de si por si mesmo": as formas que o sujeito garante para si liberdades e respeito aos desejos. Em outras palavras, como vamos exercendo soberania sobre nós mesmas e como isso vai constituir nossas vidas, como está articulado às relações que travamos com o outro. Nesse sentido não queremos aprofundar teoricamente o conceito de "governo de si", mas dialogar diretamente com os movimentos que fazemos cotidianamente e, então, jogar com nossas relações com o mundo. "Kate Arden: Sua história me tocou muito porque eu pensei: sou eu, são pessoas que conheço, com quem fui para a cama. Sabe, não gosto de mentira. Não estou interessada em deixar as pessoas confortáveis. Sabe? Quero fazer filmes que digam algo." (DIFERENÇAS, 2007, 19min42seg).

Nossas histórias se chocam no bar, nos encontramos e nos tocamos. "Sou eu, são pessoas que conheço, com quem fui para a cama", as narrativas de todas nós se aproximam. Nossas relações podem nos impulsionar para a diferenciação com algumas, mas concomitante, para a identificação com outras tantas. E queremos produzir. Queremos produzir pesquisa e vida "filmes que digam algo", política e poeticamente.

Para fazer tal produção de histórias dividimos as narrativas em dois blocos: o primeiro que diz da importância que damos às relações familiares (que se mostrou a mais forte na

construção das conversas), como elas se atravessam em outras relações (como afetivo-sexuais, amigáveis, profissionais etc.) e como tudo isso opera nas questões de gênero; o segundo discute o que se constrói quando os sujeitos se colocam socialmente à disposição de leitura, ou seja, o que se produz enquanto relação no encontro com a diferença.

A começar, trazemos as discussões acerca de família. Narrativas que dizem de intensidade, longos períodos, transformações e conversas.

> Desde criança mesmo, eu nunca fui o que minha família esperava. Eu nunca fui, ai, o homenzinho assim como eles queriam. Eu sempre me vestia com as roupas da minha mãe, da minha avó, pegava várias coisas e colocava no cabelo. E eu sentia uma repreensão por parte da minha mãe muito forte, porque teve até uma época que, quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, que minha mãe me proibiu de ter contato com minha madrinha e minhas primas porque a gente brincava de boneca.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

> **Caracol**: E a questão com sua família?
>
> **Elfo**: Bem, o que aconteceu: eu tava na psicanalista, fazendo análise. Aí quando eu coloquei essa bota, eu parei de ir. Aí ao decorrer do tempo da novela das 9. Aí minha mãe tá: "Ah é isso, ah é assim que aplica, ah mas não sei mais o que". Aí minha mãe me falou: "Por que ela não fala de uma vez pra mãe dela?". Aí eu "Ah, porque não é fácil falar assim". E ela "Ah é?!". Só que minha mãe percebeu tipo que existia um interesse. Aí no dia

que a Ivana virou pra mãe dela e falou que realmente ela não era menina que ela sonhou e tal blablabla a menininha. Aí eu virei e falei: "Ah, é tão difícil essa parte". Aí minha mãe falou: "Como que você sabe?". Aí eu falei "Ah mãe, quer saber?! Eu sou igual ela. Eu não sou menina, mas também não sou um menino". Aí minha mãe "Que?". E eu "Ah, eu não queria ser menino, eu não queria ser menina, eu não queria ser nada. Eu não gosto de ser nada". Aí eu disse "As menina eu não gosto de ser. O feminino que eu vejo é o feminino através das drags, travestis, transexuais. Esse feminino que me atrai. Não é um feminino, feminino tipo fêmea mesmo. Eu não consigo ver isso como a questão do feminino. Agora, já nesses eu já consigo". Aí minha mãe virou e começou a falar tipo "Ah, você tá traindo eu e seu irmão, que a gente desejou uma menina e tal. Aí você vem falar isso. Eu fiquei tão feliz quando o médico falou que era uma menina, que se deus mandou uma menina ele sabe porque e tal". Aí falou: "Você sabendo de tudo que pode acontecer nessa transição, você ainda tem coragem de dizer que você ainda quer ser um menino e tal?". Aí eu disse: "Eu falei que eu quero, eu não falei que eu vou fazer tudo".
(Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Netuno: Eu acho que aos poucos, sei lá, uma hora talvez eu tenha que me assumir. Essa palavra "assumir" é meio estranha. É muito ruim se assumir. Assumir.
Caracol: E a gente assume de diferentes formas, pra diferentes pessoas, digo.
Netuno: É. E eu acho que pra família é o mais di-

> fícil. Eu não sei como meus pais reagiriam. Eles nem iam saber o que é. Eu ia ter que explicar. Aí minha mãe eu tenho certeza que ela ia perguntar "Mas você quer virar homem? Você vai ter barba?". Eu tenho vontade de ter barba.
>
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

No movimento de reflexão sobre as relações que se constroem como importantes, as famílias vêm se configurando como espaços complexos, de tensionamentos. Percebemos nessas narrativas que desde a infância, passando pelo momento atual e até pelas possibilidades de um futuro, a família é percebida como um território de forte caráter de subjetivação carregado de expectativas. Encaramos, pelos relatos, que se produz uma rede de relações onde se aprende e onde se cobra esse aprendizado.

Ainda com Michel Foucault (2001) identificamos nos encontros o caráter regulador dessa instituição. Para ele é a família que será o ponta pé inicial da determinação da sexualidade, seguindo uma chave do que seria normal e anormal (incluso, aí, a correção ao "anormal"). Dessa maneira ela se caracteriza como um instrumento que governa a identidade, os corpos e as interações dos sujeitos. É a partir das diferentes práticas normativas apontadas por Foucault que a condução é realizada e os modos de ser e estar são regulados – seja no princípio de potencializar a norma, seja no princípio de corrigir o construído como desviante. Há correção, por exemplo, quando a mãe proíbe o contato com a madrinha e primas – ainda que as crianças tivessem a faixa de cinco anos de idade.

E tantas outras que não cumpriram as expectativas dos padrões que percebiam de suas famílias: "você tá traindo eu e seu irmão, que a gente desejou uma menina".

Pensamos agora com Isabelle Honorato (2016) a questão do assumir-se para a família que estava presente nos nossos encontros. "Essa palavra 'assumir' é meio estranha". É necessário estranhar! Esse termo "se assumir", para a autora, é um termo que faz referência às pessoas LGBTTIs que decidem "revelar o segredo" de suas identidades sexuais em especial para as suas famílias. Expandimos a ideia da autora para outras identidades e diferenças que intentam romper com a heteronormatividade. A família parece se tornar dimensão principal nesse processo: o balizador para as outras relações; talvez, o território que provocará maiores afetações a quem acabamos por "prestar contas".

Mas o que se produz de relações para as pessoas não acontece, claro, apenas dentro do âmbito familiar. Algumas narrativas nos ajudam a pensar sobre outros espaços e sujeitos que são importantes:

> **Caracol**: Quais os momentos que você se sentia mais à vontade, ou com menos desconforto, em relação ao gênero na adolescência?
> **Irene**: Eu sempre me sentia muito a vontade nas escolas que eu estudei. Porque eu tava longe da família, tava com pessoas que eu gostava, tava com amigos que de um certo modo me entendiam e me acolhiam. E mesmo nesses lugares assim, todas as minhas amigas foram, todos os meus amigos foram meninas porque os meni-

> nos não se identificavam comigo e me excluíam. E as meninas já se identificavam, me acolhiam e a gente criava amizade. E essas amizades eram muito fortes, era muito carinho envolvido e tinha vezes que eu não queria ir embora porque eu ia ter que lidar com tudo isso dentro de casa com todo esse inferno.
> **Caracol**: E hoje em dia permanece? Os momentos mais à vontade é entre as amizades?
> **Irene**: Não. Meu momento mais à vontade é em casa, dormindo. Sei lá, fazendo alguma coisa que não seja na rua. Porque eu vejo que na rua não vou tá tão confortável, porque as pessoas vão estar me olhando, me julgando. E mesmo saindo assim de noite com minhas amigas, com as pessoas que eu conheço, eu vejo que ainda há essa pressão, só que eu sinto mais confortável saindo com essas pessoas que eu convivo, que sozinho.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

Acreditamos que pelo acesso às linhas de fuga conseguimos nos agenciar aos nossos desejos, fazendo com que uma experiência da não binaridade possa escapar ao desconforto das relações de violência. Se na adolescência a família operava em desconforto, atualmente a casa parece ser o local mais prazeroso. No mesmo sentido, muitas vezes o conforto era sentido com o carinho das amizades em contraposição às dificuldades de relacionamento com a família.

Michel Foucault (1981) explora a questão da amizade como potencialidade para a criação de relações como formas de resistência. Traçando um breve histórico, ele aponta que a

homossexualidade se torna um problema no século XVIII em função do desaparecimento da amizade social entre homens – *amizade*, aqui, sendo entendida como uma relação intensa com certa liberdade, ainda que limitada, de experienciar afetos. Foi por isso que as instituições modernas fizeram o movimento de extingui-la (ou, ao menos, seu caráter sexual).

Retomamos, aqui, esse conceito para indicar que nas relações de amizade, mesmo não sendo essas no modelo estritamente foucaultiano, conseguimos multiplicar as formas de nos relacionarmos e, com isso, produzir novas subjetividades, novos aprendizados. Também a partir delas podemos nos lançar na tentativa de produzir práticas e modos de vida que se distanciem das relações de violência.

> Kit: Você nunca vai encontrar um grupo de pessoas que se amem mais. E que se preocupem umas com as outras tão amavelmente como essas amigas. Você pode me dar qualquer exército ou assembleia de Deus e eu colocaria o meu passe contra porque elas são tão unidas e totalmente leais.
>
> (LAST, 2009, 12min27seg)

The L Word nos traz a mesma movimentação que experimentamos no bar: nossas amizades movimentando emoções, desejos e deslocamentos. Os encontros que parecem impossíveis em outras situações e tempos, a união e lealdade que é difícil ser experienciada, o rechaço a outros espaços. Operamos com as narrativas dentro desse modo de pensar:

as amizades construindo subjetividades que possibilitaram maior segurança e prazer com suas diferenças, identidades e corpos. Chama-nos a atenção, por exemplo, para além do bar, a dimensão escolar: geralmente associada aos casos de violência e bullying, é significada em alguns casos como um território de prazer – um local de acolhimento, em oposição à família. Mas, claro, em apenas alguns casos.

> Era muito gostoso, muito gostoso mesmo. E foi separando assim. Não sei, mas acho que são ciclos assim. As amizades têm ciclos. Acho que é muito difícil você manter uma amizade. Porque não é só você. Assim como manter um namoro. Relacionamentos são difíceis né. Pessoas são difíceis. Foi rolando uma afastada e é isso. Nossa, mas essa época foi muito boa. Muito boa. Era muito maneiro. Gente... nossa!
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

> E pessoas me colocavam apelido, me chamavam de baleia, me chamavam disso e daquilo e tal. Aí isso me irritava. Só que aí na primeira série meu irmão começou a me ensinar a bater nas pessoas. Então, da primeira até o terceiro ano eu sempre bati nas pessoas. Tipo, eu pedia pra pararem, eu pedia pra não fazer, as pessoas continuavam fazendo. Então eu acabei exaltando meu lado agressivo. Aí foi onde o médico falou comigo, que "Você foi uma criança agressiva, com transtorno de humor". Ele falou assim "Você caía na depressão e ficava sozinha, se isolava de tudo". Porque aí eu não conversava. Nunca fui de conversar com

> muita gente, sempre evitava as pessoas que eu conversava. Aí ele falou assim "E de repente, na hora que você não aguentava, você explodia, você agredia". Aí ele falou assim "E a sua agressão chegava mesmo a machucar, você não agredia só pra falar para". Eu machucava. Até na oitava série, foi quando eu machuquei um menino, e o menino teve que levar ponto na cabeça. Porque eu bati a cabeça do menino no poste. Ele tinha cuspido na minha cara dentro da sala.
>
> (Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

As narrativas nos sinalizam para a briga de forças que podem atuar quando nos relacionamos. Os exemplos das escolas nos saltam os olhos. Pensamos com Berenice Bento (2011) que a escola não está isolada em uma ilha, alheia a qualquer disputa que se trava em sociedade. Ainda que majoritariamente a produção de saberes aponte para situações parecidas às de exclusão e repressões expostas em uma narrativa, muitos atravessamentos (como espacial, temporal, econômico) podem influenciar para realidades mais parecidas às da outra narrativa. O que cabe refletir é que as forças que estarão vetorizando nas relações fora da escola também estarão dentro dela (com os mesmos formatos ou não). As relações que se constroem fora da sala de aula, estão também dentro dela. Os contornos se embaçam, caminhando para uma confusão e ineficiência de pensar lugares completamente isolados.

Para encerrar esse bloco apontamos para outra relação que se saltou às demais (operando, também, num jogo com a relação familiar): a importância dos relacionamentos afetivo-

sexuais na vida. Em mais de um encontro esse assunto indicou um espaço onde se produzem subjetividades, descontinuidades, pensamentos e acontecimentos de vida.

> Eu já tive uma namorada que ela exigia que no dia que a gente saísse com a mãe dela e com a família dela, eu tinha que me vestir como menina. E até um certo ponto eu comecei a mudar. Mas então eu comecei a me questionar: eu quero estar num relacionamento com uma pessoa, um humano... que eu tenho que me apaixonar, ele se apaixonar por mim. Eu não tenho esse problema. Sei lá. Eu acho que as pessoas focam muito no órgão genital, e isso é um detalhe. Sabe, "Ah mas e na hora de estar junto e tals?". Mas, poxa tem uma vida além disso pra ter, tem uma vida além do sexo. E as pessoas não entendem. Eu acho que existe uma vida além disso. Então eu tento ser independente.
> [...]
> Você queria tá com uma pessoa, mas você não pode estar com ela porque ela não entende. Igual minha ex-namorada que terminou comigo, tem... sei lá quanto tempo tem... tem dez meses. Ontem ela me falou uma coisa que me ofendeu muito. Eu não sei porque me ofendeu. Mas, ela disse que ela voltou para o ex-marido dela, ela disse que ela sempre falou que eu era uma menina. Principalmente quando ela tava com raiva ela falava "Ah, porque você é uma menina". E ela me manda coisa no feminino. Ela colocou assim: "Você não reparou que eu só ficava com sapatão masculino? Eu não gosto de sapatão feminino". Aí eu olhei a

> mensagem assim "é", não respondi. Eu não tinha nada o que responder. Eu só coloquei "Eu lamento você pensar assim".
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

> Eu venho tentando superar algumas coisas, algumas questões minhas, em relação ao meu passado mesmo. Relações afetivas não estou tendo. Eu tive com a menina que te falei de Ubá, mas eu aí até briguei com ela e depois não tive mais. Sei lá, é uma coisa que me desanimou muito, tentar se relacionar com alguém. Eu acho que o meu último relacionamento foi muito bom, mas foi muito traumático. E quando eu vejo a questão de como as coisas se encaminharam em relação a ela, em relação a vida dela... isso me deixa triste, me deixa muito chateada. Então eu, por mais que eu queria estar com alguém, existe algo que me impede. Então não me relaciono, quase não saio de casa, quando eu saio são para lugares que eu conheço, com pessoas que eu já conheço, nada de pessoas estranhas. Acabou assim que o meu mundo ficou uma coisa bem restrita, bem pequena.
> (Segundo encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Durante todas as conversas percebemos atravessamentos como esses. Acreditamos, assim, que as relações afetivo-sexuais se constituam como importantes fatores para a construção das diferenças de gênero – bem como de suas formas de expressão. Quando é observado que "até um certo ponto eu comecei a mudar", percebe-se uma relação de identidades móveis, como mobilidade ainda mais forte quando "comecei a me questionar". O questionamento produz efeito

de rompimento, de reconstrução da identidade: "então eu tento ser independente".

A relação conflituosa com a ex-namorada, mesmo durante alguns momentos do namoro, é permeada pela questão do gênero. Conflito que se assemelha à relação com a mãe e o irmão. A experiência da não binaridade é, de novo, desconsiderada (como o é até hoje): "ela tava com raiva ela falava 'Ah, porque você é uma menina'. E ela me manda coisa no feminino". Há o enquadramento (pela visão do outro) numa identidade de "sapatão feminino": um ser mulher. Há um sentimento de ofensa quando "ela disse que ela sempre falou que eu era uma menina". Mais uma vez passa-se por momentos de diferenciação como os da infância e juventude quando se percebeu "que eu não era uma menina".

Esse conflito confesso nos traz os tantos conflitos amorosos das relações LGBTTI. A importância dada às formas de relação afetivo-sexuais se expressa quando no primeiro encontro vamos nos direcionado voluntariamente para esse tópico. Quando há vontade – necessidade – de uma explicação de uma identidade sexual:

> **Elfo**: Ah, eu não disse. Sou Panromântica. E pansexual.
>
> **Caracol**: E essa sua sexualidade *pan* você descobriu e assumiu em um momento próximo às questões da não binaridade?
>
> **Elfo**: Não. Isso veio antes. Porque assim, principalmente a questão do panromântico. A questão do panromântico veio antes. Porque eu tinha essa questão de achar homem bonito, mas de não

> me relacionar. A gente podia até ficar, mas não tinha relação sexual. Indiferente de ser um trans ou não, não teria relação. Depois que eu comecei a ter relações com homem, mas também tem dia. Agora eu tô quase sem contato. Aí depende da época. Depende do jeito da pessoa. Aí perguntam "Você é ativo ou passivo?". Depende do que. Aí eu falo "Eu não sou nada". Mas uma coisa assim que não aconteceu foi penetração pela frente. Isso não acontece. Você pode me perguntar o porquê. Eu não sei o porquê, mas eu tenho um certo pavor de ter um homem em cima de mim de frente. Eu não sei o porquê. A gente tá tentando descobrir ainda né. Mas eu não sei.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

A panromanticidade e a pansexualidade podem ser entendidas como as atrações românticas e sexuais, respectivamente, também por pessoas que não se enquadram na disposição binária do gênero, como indica Sofia Vilela de Moraes e Silva (2012). Algumas vezes, apesar de não haver nomeação em uma identidade de gênero, sente-se a necessidade de nomeação enquanto identidade sexual – estando essa ligada aos desejos e prazeres. Isso, apesar de estabelecer fronteiras, é pensado justamente para esgaçar as possibilidades de relações, uma vez que quando "perguntam 'você é ativo ou passivo?'", "Aí eu falo 'eu não sou nada'".

Encontramos com Judith Butler (2003) para pensar essas narrativas como transgressões à heterossexualidade compulsória, bem como às imposições reprodutivas dadas aos corpos "femininos": as multiplicidades de prazeres des-

ses corpos quando não estão localizados na lógica reprodutiva podem ser entendidas como contra-estratégias do que é esperado e normatizado. Acredita-se que "as pessoas focam muito no órgão genital, e isso é um detalhe", pensa-se "uma vida além do sexo" e rejeita-se a "penetração pela frente". O corpo determinado como "feminino" ao nascer não parece ser limitante para a reinvenção das práticas sexuais, no mesmo sentido que não o é para pensar uma experiência não binária.

Os corpos estão em relação, os corpos estão se chocando, os corpos estão disponíveis ao que parece, ao olhar e ao julgamento do outro. Voltamos ao bar e voltamos a *The L Word* para pensar como é se movimentar nas relações que os olhares dos outros provocam. A mesa do bar é fluxo, gente que chega, cumprimenta e sai. Entre o cumprimento e a saída, o que se produz? O que deixa? Como olha? O que diz? O que faz? Muitas perguntas...

> **Bette**: Então clitóris a incomoda?
> **Tina**: Sim, um pouco.
> **Bette**: E xoxota, você não gosta?
> **Tina**: Na verdade, gosto de buceta.
> **Carmen**: Isso! Eu adoro buceta.
> **Dana**: Do que vocês estão falando?
> **Bette**: Bom, Tina não gosta da palavra clitóris, o que eu acho preocupante. E também não gosta muito de xoxota.
> **Lara**: Nossa, eu adoro a palavra xoxota. Fico super excitada.
> **Dana**: Não! Fica mesmo?
> **Lara**: Fico. Você não?

Bette: Bem, que palavras vocês usam?

Shane: Buceta é bom para mim.

Carmen: Xereca também é engraçado e eu gosto de xana. Sério, eu gosto mesmo de xana.

Tina: Olha, eu cresci num mundo de eufemismos. Tipo "lá embaixo", "regiões inferiores", "partes íntimas", não mexa na sua "coisinha".

Dana: Nossa, isso é horrível. Comigo foi a mesma coisa: "partes íntimas", "partes da menina".

Tina: A filha de uma amiga na Inglaterra chama de bunda da frente.

Shane: Bunda da frente? Que perversão.

Alice: Tive uma namorada... É, lembram-se de quando eu tinha uma, mas ela chamava de PR, pérola rosa.

Carmen: Não confundam com Pierre...

Bette: Sabe o que é uma gracinha? Yumi. É sânscrito.

Alice: Não, eu gosto de uma coisa mais suja tipo prende-língua.

Shane: É.

Carmen: Ou um careca no barco.

Shane: Refeição de campeões.

Tina: Caixinha.

Bette: Xibiu.

Alice: Xaninha.

Bette: Mimi.

Kit: Buraco. Que mais?

Alice: Calcunta.

(LABIA, 2006, 20min15seg)

Iniciamos o segundo bloco de narrativas pensando os olhares de Carmen, Shane, Tina, Bette, Dana, Lara, Alice e Kit.

As personagens que falam, conversam, se encontram e assumem nomes, preferências, incômodos e prazeres. O que pode um enunciado? O que pode um nome dito? O que pode a leitura? Aponta-se. Assumem-se lugares. Assumem-se substantivos e adjetivos. Retomamos a ideia de *assumir*. Encaramos que, como nos nossos encontros, assume-se de diferentes formas. Em outras palavras, não parece ser apenas anunciando verbalmente o pertencimento a uma identidade ou através da diferenciação de outra(s) que isso se produz. Colocar-se à disposição de leitura, poetizar, construir uma expressão de gênero que não represente os lugares hegemônicos de feminino ou masculino, se colocar contra as normalizações do gênero: tudo nos parece apontar para esse mesmo processo e acontecimento. O que questionamos a partir de agora é: o que o *assumir* pode gerar?

> Depois que eu me assumi [enquanto gay] eu passei a conversar muito assim. As pessoas, minhas amigas sempre perguntavam as coisas, não sei o que, a gente debatia e tal. Mas antes disso não. Raramente assim. A gente conversava mais sobre diva pop, artistas e alguns filmes que elas viam e eu só ficava "Ah interessante". E só.
> [...]
> A partir do momento que eu me assumi eu já comecei a ter um certo tipo de contato com outras pessoas de minorias. E eu tava no momento muito frágil da minha vida e essas pessoas me deram uma força para continuar. Algumas delas eram militantes em tudo. Até que na época das eleições presidenciais, na última que teve, eu

> comecei a acompanhar a Luciana Genro. A partir disso eu comecei acompanhar o PSOL e eu fiz todo o trabalho deles em torno disso. A partir disso eu fui entrando também em grupos de debates LGBT e comecei a criar um pensamento crítico e criar uma opinião sobre esse tema.
> (Segundo encontro entre Caracol e Irene, 2016)

As narrativas dizem de momentos diferentes da vida, mas de processos similares. No primeiro momento, um assumir-se enquanto homossexual ainda na época escolar; no segundo, assumir dentro do espectro da não binaridade. Observamos que a partir da enunciação da identidade e diferença há uma desestabilização das relações, seguida da produção de outros relacionar-se. Como indica Paulo Victor Leite Lopes (2011), o acontecimento dessa enunciação de uma característica antes desconhecida por outros, geralmente é experienciado como um *momento de rompimento* na vida das pessoas. Enunciar-se é tanto constituir-se pela palavra, quanto constituir o outro. Falar de seu (des)território é (des)territorializar o outro. Colocar-se no mundo a partir da diferença.

Pensando nas várias formas de assumir-se, desse colocar-se a partir da não binaridade de gênero, conversamos sobre outras tentativas de evitar algumas rotulações:

> **Caracol**: E como são as suas tentativas de tentar não se rotular? Em quais espaços você já tentou isso? Como funciona isso?
> **Elfo**: Sim, eu já fiz. Às vezes eu vou em encontros com minha mãe. Minha mãe participa do UNE-

GRO[17] e de outro movimento. Aí às vezes eu só dou meu nome. Tem lá "sexo", aí eu risco. Eu não ponho nem um, nem outro.

Caracol: E como que as pessoas reagem?

Elfo: Algumas olham pra minha cara, tipo [expressão de incompreensão]. Aí eu falo: "Não me rotulo, pense o que quiser de mim". Aí minha mãe às vezes tá perto e fala: "Ah, minha filha é assim mesmo". Aí então existem momentos assim fáceis. Eu não tenho essa questão de "Ah, então você é masculino ou feminino?". Aí no meu exame de sangue minha médica colocou *masculino* e pediu exame que é feito pra ver hormônio feminino e pra ver a lactase. Aí a moça olhou pra minha cara assim, tipo, "O exame é pra você?". Aí eu: "É". Aí ela: "Ah, sua médica colocou errado né?". Eu disse "O que? Ela pediu o exame errado?". Aí ela "Não, colocou *masculino*". Aí a outra moça cutucou ela e falou "É isso mesmo". Porque a outra moça já me conhece há muito tempo. Aí então tipo, nesse laboratório meu nome eles chamam certo. Eles não falam tipo "Senhora fulano", "senhor fulano". Eles me chamam pelo nome. Então eles não me definem. Então é uma coisa que você tem que construir sabe. É difícil? É. Mas eu acho que se você nunca tentar, você nunca vai saber como que vai ser. (Terceiro encontro entre Caracol e Elfo, 2017)

Caracol: E esse momento de confusão das pessoas não conseguirem nomear se é menino ou menina, acontece muito?

17 União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) é uma entidade nacional suprapartidária, fundada em 14 de julho de 1988, em Salvador, na Bahia. (VERMELHO, 2018).

> **Elfo**: Acontece e eu adoro! Principalmente porque agora eu comecei... assim, algumas pessoas já me chamavam de Ori, e eu adotei também Ori. É o que eu falei: quando eu tô com uma roupa mais masculina, aí eu entro numa loja e fala "Ah, oi senhor, tudo bem meu jovem?"; aí quando eu falo, "Ah, desculpe". E eu morro de rir. Até mesmo no hospital quando eu tive dengue – minha mãe ficou pra morrer. Olha só: eu tava com uma blusa que era mais colada, mas eu estava com um bermudão. Eu tava mal, deitada na cama e tal. Aí a enfermeira virou pra minha mãe e falou assim "Eu vou fazer a coleta de sangue do seu filho". Eu olhei pra minha mãe e minha mãe falou assim "ahhhta". Aí ela veio "Nossa tadinho do seu filho, tá com uma carinha tão abatida e tal". E ela ficou calada. Aí eu comecei a rir. Aí eu disse assim "Mãe, você tem um filho gay, só pode! Porque com essa blusa". Aí minha mãe começou a rir: "Não começa que eu te deixo aqui e vou embora". Aí a moça pegou e falou pra ela que não era *ele*, que era *ela*. Daí na hora que ela veio de novo colher o sangue, ela começou a falar "Aqui, e...e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue". Então assim, eu me divirto. Eu acho o máximo. Eu acho que, sei lá, ninguém precisa saber. Eu acho bacana isso. Eu acho legal. Eu acho que o que importa é o respeito, sabe. Agora se vai ser ela... ou se não vai ser nada...
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

Refletimos com essas narrativas a partir das proposições de Beatriz Ferreira Pires (2003) que localiza o prazer não apenas na produção do corpo, mas também na verificação

das reações que essa construção causa ao outro. Se alguns processos de diferenciação durante a infância e juventude foram desgastantes, em outros momentos atuais esses processos ganham um pouco de leveza, risada, diversão: "eu acho o máximo".

É interessante pensar que o processo de diferenciação do binário de gênero pode não ser desestabilização apenas para a pessoa que se identifica com a não binaridade de gênero, mas também para muitas pessoas que estão ao redor. Encontros que se fazem de experiência – seja para nós, para a mãe, ou mesmo para a enfermeira, a recepcionista do laboratório ou o atendente da loja de roupas. A multiplicidade da experiência não binária se expressa: cada encontro, cada pessoa, cada corpo, cada momento poderá ser de (des)subjetivação; uma nova maneira de repensar a diferença, a identidade, o gênero de si e do outro. São processos de (des) (re) construção contínuos, não se encerram nos processos de diferenciação, de identificação ou de encantamento, mas se reiteram nos cotidianos, nas negociações, nos prazeres e nos desconfortos.

O encontro com a diferença provoca desestabilizações, confusões. Caminhamos ao encontro de Suely Rolnik (1994) quando pensamos que essa desestabilização pode nos colocar certa exigência de inventar um novo corpo (e, junto, modos outros de sentir, agir e pensar). Um novo corpo que esteja encarnado com esta novidade que se apresenta e, então, cada vez que nos dispomos e incorporamos esse processo, vamos inventando outras de nós, nos tornando outras.

É justamente nesses processos sempre reiterados de diferenciar-se, tornar-se outro, que as experiências não binárias vão desestabilizar também as experiências binárias e o que as normatiza. A matriz de normas de gênero não sai ilesa desses encontros, dessas confusões. Ela é repensada pelos sujeitos, colocada em xeque, engasgada: "aqui, e...e...e...ele... ela...e...e... eu vou colher seu sangue". As variadas formas de reação das pessoas vão provocar, em diálogo, várias formas de reação das pessoas de expressões não binárias: aproximação, afastamento, dúvida e, também, confusão. A narrativa de encontros continua:

> Igual um dia que eu saí com o André e uma menina chegou em mim: "Ah você é tão bonitinho". Aí eu "André, fala com ela". Aí ela chegando pro meu lado, pegou o whatsapp. E ela falando "Ah, é tão bom ficar perto de você. Posso sentar do teu lado?". Eu fiquei meio assim e ela: "Ah você é tão tímido, não fala quase nada". E eu "É... só de vez em quando". Aí eu falei assim "André, você tem que falar com ela". E ele "Não, ela gostou de você". Porque depois até explicar que focinho de porco não é tomada, vai ser difícil. Aí eu falei com minha terapeuta e ela disse "Você acha que ela não desconfiou? Que tem alguma coisa de errado?". Eu sei lá, porque ela insistiu tanto. E eu não sabia o que fazer. Porque nunca tinha acontecido isso, de uma pessoa chegar e ficar perto de mim, querer ficar, querer... eu não sabia o que fazer. Aí tanto foi que ela perguntou se eu e André, se a gente era um casal gay. Aí eu "hã?!". Eu respondi "Não, nada contra, mas a gente é só amigo". Então às

> vezes acontece muito essa confusão, essa coisa de as pessoas não saberem.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

A confusão provocada, quando não ocorre, se faz confusão. Por algum momento é impensável que alguém queria permanecer ao lado, "nunca tinha acontecido isso". A continuidade de afastamentos que a trajetória de uma vida indica é descontinuada por um encontro de presença. Sílvio Gallo (2009) nos dá indícios da multiplicidade de encontros e suas produções sinalizando para encontros que aumentam nossa potência de vida e aqueles que a diminuem. Escolhemos não operar classificando encontros e relações com totalidade de "aumentam" ou "diminuem" determinadas potências, mas é interessante pensar que mesmo se quem se aproxima não demonstra a consternação de um aumento ou diminuição de potência, outra pessoa pode acabar assumindo esse lugar descontinuado. E agora, a confusão, o "eu não sabia o que fazer", a desestabilização que geralmente provoca é devolvida.

Narramos, por fim, como os casos se misturam em algumas experiências: as relações afetivo-sexuais, os encontros prazerosos de confusão e os de desconforto. Um hibridismo que não nos permite operar totalmente, como já sinalizado, com o que Silvio Gallo indicou sobre "bons" ou "maus" encontros.

> Aí esses dias, eu estava dentro do ônibus também e tinha uma mulher. Ela tava me olhando. Eu pensando "Que tanto essa mulher me olha?" e tal. Aí eu comecei a reparar que ela tava olhando pra ver

> o tamanho dos meus seios, aí eu peguei e fechei a minha blusa. Fechei a blusa. E como era larga, não dava pra ver. Aí ela chegou e falou assim pra mim: "Nossa, veio um vento frio né?!". Aí eu "É, concordo plenamente". Aí ela "Nossa, sua voz é bonita". E eu "Obrigado". Aí eu peguei e parei o assunto assim, fiquei na minha.
> Então são situações que a gente passa que é engraçado. Mas por um lado é ruim. Porque você sabe que: "a pessoa não pede isso de mim". Por mais que você pense que faz, por mais que você tente se classificar ou tente não se classificar, vai depender dela. Se ela vai classificar. Tem gente que chega a te chamar de aberração. É ruim. Mas... Igual, tem uma pessoa que eu tava, que eu tô interessado. Mas, eu acho que penso besteira. Quando ela perceber de fato o que acontece. Eu acho que vai... sei lá. Mas aí isso só em dezembro. Então, como diz minha psicóloga "Deixa que até dezembro você vai encontrando até outra coisa por aí; você conhece aquela outra lá do clube". Aí eu "Não, não quero não". Tem dia que eu tô andando na rua e fico até com medo de encontrar com ela. Porque nossa, vai que essa menina começa a me perguntar: o que que tava bom, o que tava ruim. Mas, imagina se ela me vê andando, sei lá. Aí eu não sei sabe. Eu fico com medo do que ela vai pensar, do que vai passar na cabeça dela, "Ah que nojo, que não sei o que...". Aí e isso.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Elfo, 2016)

A insegurança que se produz ao pensar em algum encontro não planejado é observada na narrativa, bem como o rompimento com o binário prazer/desconforto: "são situa-

ções que a gente passa que é engraçado. Mas por um lado é ruim". As cobranças para a identificação ao binário de gênero extrapolam a família ou o círculo de pessoas conhecidas e chega às desconhecidas no ônibus, por exemplo.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000), a identidade e a diferença estão sempre em conexão próxima com relações de poder que estamos vivenciando. Costuramo-nos a esse pensamento quando nosso encontro indica que "por mais que você pense que faz, por mais que você tente se classificar ou tente não se classificar, vai depender dela. Se ela vai classificar". Todas as classificações, nomeações, disposições, hierarquizações, marcações de identidades e diferenças estarão imbricadas nas relações de poder, tendo apenas possibilidades em linhas de fuga.

O enquadramento enquanto aberração que pode surgir dessa classificação é o enquadramento enquanto abjeto – termo tão caro para a corrente teórica *queer*: É aquele que incomoda a ordem vigente e que ameaça aquilo que está dado como natural, normal ou legítimo. Nessa perspectiva, muitas pessoas serão classificadas nas ruas, nos ônibus, nas escolas, nas famílias como seres abjetos, aberrações, desestabilizadores da ordem binária dos gêneros a cada vez que se expressarem de maneira a tentar romper com tal matriz.

> **Jenny**: Não é responsabilidade de uma mulher ser usada, invadida e jogada fora para que a porra de um homem possa evoluir.
> **Mark**: Não foi o que eu quis dizer.
> **Jenny**: Então, do que está falando, Mark? Me dê

> um bom motivo por que acha que eu devo te perdoar.
>
> **Mark**: Porque, Jenny, cometi um enorme erro, mas, com isso, eu aprendi quanto é difícil ser mulher.
>
> **Jenny**: Me poupe.
>
> **Mark**: Espere, Jenny, ei.
>
> **Jenny**: O que está fazendo?
>
> **Mark**: É isso que você quer?
>
> **Jenny**: Não. O que eu quero é que você escreva "Me foda" no seu peito. Escreva isso. Faça isso. E depois, quero que saia por aquela porta, e que ande pela rua. E para qualquer um que queira te foder, você diga: claro, tudo bem. E quando foderem, você tem de dizer: "Muitíssimo obrigado" E não se esqueça de sorrir e aí, seu covarde de merda, você vai saber o que é ser uma mulher.
>
> (ALTO, 2005,15min56seg)

A provocação, a raiva, a violação das existências, as re-existências. Conectamo-nos à série para dizer de nós mesmas. De nossos próprios processos de abjeção. A tentativa de se retirar da estrita objetividade. As narrativas se encontram com o diálogo de *The L Word* no bar: tensionamentos, rompimentos, amores. As classificações são superficiais, visto a profundidade daquilo que se produz nas experiências. Em movimento, "covarde de merda!" Covarde? Podemos observar como as classificações chegam em alguns momentos:

> **Caracol**: E você acha que as pessoas te cobram muito esse se enquadrar, de se vestir ou se portar dentro de algo masculino ou feminino?
>
> **Netuno**: Se as pessoas cobram... sim. Sempre

com dúvida. As pessoas chegam e "Ah, você tá vestida assim porque você quer ter um pinto?". Pergunta assim, na cara dura mesmo se quero ter um pinto, coisa assim. Já ouvi essa pergunta tipo diversas vezes, de diversas pessoas. Nunca aqui no meio da universidade, que eu acho que as pessoas têm bom senso. Mas eu acho que as pessoas têm bastante curiosidade por não saber mesmo. Os preconceitos que sofri e sofro, é por eu estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede, por exemplo eu tenho corpo feminino e tô vestida de forma masculina. As pessoas, quando eu chego num lugar, já olham pro meu peito, pra ver se eu tenho peito, pra ver se eu sou uma menina mesmo. As pessoas ficam querendo saber.

Teve um dia que eu tava no ônibus e eu tava com uma camiseta mais apertada. Aí tinha um cara que ele me olhou uma vez, aí tá. Aí ele olhou de novo pra ver mesmo o que eu era. E ele ficou tipo: olhando pro meu peito e olhando pra minha cara, olhando pro meu peito e olhando pra minha cara, e eu fiquei muito desconfortável com aquilo.

É aquela coisa né, o corpo feminino tem que acompanhar acessórios femininos e vestimentas femininas, e o masculino a mesma coisa: acessórios masculinos e vestimentas masculinas. E quando você mistura os dois num corpo só as pessoas ficam mais confusas ainda. Elas ficam tipo "Ah mas você não é sapatão? Mas você não é...". Não sei, confunde as pessoas. Aí tem gente que enxerga na maldade, tem gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo, de não saber o que é, mas não de maldade. Curiosidade. Às vezes não sabe fazer a pergunta da forma correta,

> mas a gente sabe quando é na maldade e quando não é.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

O ônibus, o olhar inquisidor, a dúvida, a tentativa de classificação baseada no tamanho dos seios. Os elementos estão presentes nas nossas narrativas e podem estar presentes em tantas outras. Pessoas com corporeidades designadas como "femininas", mas que se identificam com a não binaridade, podem sofrer violências semelhantes às que sofrem mulheres. Como uma narrativa apontou: vai "depender" de determinada pessoa "classificar" enquanto *mulher* ou não. A outra reforça: "olhou de novo pra ver mesmo o que eu era". São as outras pessoas que estão nas relações de poder que também irão jogar, muitas vezes de maneira violenta e desconfortável, o jogo das (não)classificações.

Por vezes associamos a expressão de gênero (afirmação da existência) à causa das discriminações: "estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede". A partir da leitura de uma imagem as pessoas irão responder com atos discriminatórios oriundos de preconceitos. De acordo com Lourdes Bandeira e Analía Soria (2002), o preconceito acontece quando valoramos de forma negativa as características da alteridade, negando a diferença. Num mesmo processo acaba que afirmamos a nossa própria identidade, tomando-a como superior. Em outras palavras, ao observar alguém no ônibus com uma experiência corporal inclassificável, uma pessoa poderá ser preconceituosa como mecanismo pessoal para não colocar em xeque sua própria identidade, seu próprio estado de classificação fixa.

Percebemos que os olhares questionadores incitados por preconceitos não tem substância própria: podem ser por motivações variadas de "gente que enxerga na maldade" e de "gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo". Quando motivado pela curiosidade, pouco é o desconforto gerado, uma vez que os processos de curiosidade e sanar dúvidas são também vivenciados e podem constituir-se como processo de identificação. Quando motivado pela "maldade", pode se tornar "muito desconfortável" e se constituir como uma relação com "fins mais violentos e abjetos" – como outras narrativas apresentam. Entretanto, sinalizamos para um possível estabelecimento de um binário curiosidade/maldade (que poderia se traduzir como bom/ruim, respectivamente), podendo não ser a forma mais indicada à análise, uma vez que de qualquer maneira há desconforto nas situações (seja em maior ou menor grau).

> **Caracol**: E as pessoas te olham estranho e te abordam, tipo na rua?
> **Irene**: A maioria foi na rua e foram casos mais pesados assim. Eu tô sempre em desconforto. Talvez seja depressão pela ansiedade. Mas, os meus maiores desconfortos que me jogaram em crise mesmo foram casos de abuso verbal e de agressão. Teve duas vezes que me agrediram aqui na cidade. A primeira foi no carnaval quando eu tava ficando com um menino. E chutaram a gente, derrubaram a gente no chão. E eu fui chamar a polícia, porque, sei lá, eu achei que poderia dar alguma coisa e eles meio que se lixaram e se preocuparam mais pelo fato do menino ter se afirmado sobrinho ou filho de um traficante de um

> bairro aqui perto – eu acho que era Dom Bosco ou Teixeiras.
> E o segundo caso foi esse ano mesmo que eu tava com umas amigas e a gente estava saindo de um bar. Agrediram a gente no meio da rua, do nada assim. Viraram e deram um soco e depois eles saíram correndo e também não pude fazer nada, porque eu também tava muito doida. E a primeira coisa que eu falei pra fazerem foi chamar a polícia, só que a polícia ia ridicularizar mais a gente ainda e não ia fazer nada. E aí eu percebi que nesse mundo a gente tá sozinha, pela gente mesma, com as pessoas que a gente confia. E a gente não pode contar com nada que venha do Estado, porque o Estado é moldado pra reprimir a gente, pra ridicularizar, oprimir e negar nossos direitos, tirar nossos direitos mais básicos. Na rua mesmo assim, muito cotidiano, quando eu vou com uma roupa mais diferente que se julga normal, já vejo as pessoas todas, impressionante, todas as pessoas já me olham e ficam me encarando. Pode ser um casaco, um macacão, qualquer coisinha. As pessoas já olham e ficam te encarando, te julgando mentalmente porque você está usando uma roupa que não condiz com o seu gênero de nascimento.
> (Primeiro encontro entre Caracol e Irene, 2016)

O relato é de agressões sem qualquer motivação aparente, sem possibilidades de resistência, sem negociação. São violências que se estabelecem e ensinam: "eu percebi que nesse mundo a gente tá sozinha, pela gente mesma, com as pessoas que a gente confia". Até então exploramos a maioria

dos relatos enquanto demonstrações de relações de poder, onde havia negociações de prazeres, desconfortos, possibilidades de existência e resistências. Entretanto, caminhamos com Michel Foucault (1995) para pensar que os últimos acontecimentos narrados foram "relações de violência" que submetem o outro, que forçam, que destroem corpos. Não há, nesse tipo de relação, oportunidade de resistência. Percebemos isso no narrado dos acontecimentos: a submissão, o encerrar de possibilidades combativas àquela agressão. Se numa relação de poder poderíamos nos debruçar a pensar em formas de resistir, nessa relação de violência "não pode contar com nada".

Ainda na teorização foucaultina, relações de poder são produtivas, não carregam sentido destrutivo. Relações de violência, ao contrário, carregam. Elas vão ter ação sobre um corpo submetendo-o, encerrando qualquer possibilidade que ele consiga inventar caso estivesse em uma relação de poder. O movimento que pode ser feito é apenas a tentativa de diminuição. As violências são, portanto, as práticas de dominação/submissão constituídas por essas relações.

É interessante observar que essas relações de violência sofridas podem ter ligação direta à aproximação com o feminino – seja por estar "ficando com um menino", seja por estar "com umas amigas". Podemos pensar tais violências enquanto casos próximos à *homofobia* estudada por Daniel Borrillo (2001), uma vez que a pessoa possui uma corporeidade determinada enquanto "masculina". Para esse autor, a homofobia vai atacar os desvios daquilo que é esperado como masculino

em direção ao feminino (e vice-versa), de forma que os indivíduos sempre serão lembrados do seu "gênero certo".

As práticas desviantes da matriz de normas de gênero, desde "ficar com um menino" até utilizar "uma roupa mais diferente que se julga normal" estão sendo cobradas em relações de violência, deixando na existência a sensação de estar "sempre em desconforto". Uma experiência da não binaridade marcada pela diferença às normalizações, pela descrença nas instituições – o que também dialoga com o sentimento de não poder contar com a família, por exemplo. Assim, nos colocamos o questionamento: que alianças podemos? Que resistências são possíveis diante disso? Quando as instituições que, legalmente, são criadas para proteger e garantir direitos (família, polícia, Estado) não o fazem, de que modos é possível (r)existir?

Encarar uma existência de desconforto faz pensar nos territórios, nas linhas de fuga em que se concretizam as experiências de prazer. Tudo se movimenta nos encontros do bar, nas risadas no beco, nas conversas e no narrar-se. Os espaços de celebração e confusão como outras possibilidades de existir. Resistência na confusão.

> **Alice**: São atos sexuais aleatórios, ok? São encontros, romances, ficadas, casamentos de 20 anos. Sempre que encontrar um grupo de lésbicas juntas, é garantido que alguém já dormiu com outra, que já dormiu com outra, que já dormiu com alguém ali. Cite uma lésbica que você conhece. Posso relacioná-la a mim em seis pessoas.

> **Marc**: Christine Lee.
> **Alice**: Christine Lee. Fácil. Ok, ela estava com a Grace Partridge há dois anos. Grace ficou com Anya. Depois, Anya namorou Denise, que namorou Catherina Claymore, que foi minha primeira namorada. É surpreendente, certo? Tudo bem, Marc, não é coisa só de lésbicas. Posso te colocar nisto aqui, provavelmente, em seis conexões, fácil. Então, a questão é que estamos todos ligados, vê? Através do amor, através da solidão, através de um pequeno e lamentável lapso de julgamento. Todos, em nosso isolamento, buscamos sair da escuridão, da alienação da vida moderna para formar essas conexões. Acho que é uma declaração profunda de existência da natureza humana.
> (O DESEJO, 2004, 1min15seg)

"Então, a questão é que estamos todos ligados, vê?". Tudo é encruzilhada! Tudo é encontro. Há muito questionamento, muito a se descobrir, muita confusão que potencializa o choque dos corpos, o entrelaçar dos corpos, a mistura dos corpos. As relações que se produzem nas mesas de um bar na Cidade Alta são plurais. Berenice Bento (2014), fazendo uma discussão da categoria *gênero* ao longo dos movimentos populares e acadêmicos já sinaliza para essa compreensão: não é coerente, trabalhando com uma perspectiva não binária para o gênero, continuar a operar com o relacional de dois (de homem para mulher, de mulher para homem). As relações que exploramos neste capítulo apontam para isso: o tecido é muito mais estratificado. As pessoas se relacionam com pluralidades de mulheres, com pluralidades de homens, com plu-

ralidades de experiências que questionam as identidades.

Falar, assim, de não binaridade de gênero a partir dessas relações nos parece sinalizar que "as práticas discursivas são também práticas sociais organizadas e constituídas em relações de desigualdade, de poder e de controle" (LARROSA, 1994, p. 67). A organização se materializará em regulações, em negociações de prazeres, em implicações práticas, em enunciações, em rupturas etc. O encontro dos corpos e das experiências, as formas diferenciadas de exercer poder, as resistências: tudo entrará na disputa.

Os sujeitos se constituem nesse relacionar-se e, também isso, permite a construção de uma narrativa de si, de uma narrativa de gênero. Os casos contados não nos soam exclusivos das experiências da não binaridade, mas de qualquer construção de identidade e diferença (de gênero). "Então, a questão é que estamos todos ligados, vê?". Seja por meio daquilo que amamos, daquilo que sentimos, daquilo que julgamos, daquilo que repudiamos. Estamos ligadas e nos relacionamos, tornando-nos nós mesmas nesses encontros. No bar, na biblioteca, no café, no gramado... não importa! Narramos, escrevemos, inventamos, nos relacionamos – e isso "é uma declaração profunda de existência da natureza humana".

ENCONTRO MARCADO V:

14 HORAS, ALI NO AUDITÓRIO DA FACULDADE DE DIREITO

07/06/2017

Quem se interessar pelo texto que escrevi para a mesa de hoje, aqui está (foi escrito como eu costumo falar e não como costumo escrever):

Primeiramente, gostaria de pontuar que a discussão que está sendo feita, por mais que na mesa estejam presentes apenas pessoas trans, é uma discussão importante de ser feita por todas e todos independente de identidade de gênero ou qualquer outro marcador social, é uma discussão necessária para que possamos avançar nessas pautas e conquistar direitos juntos. A luta deve ser coletiva porque individualmente é impossível conquistar qualquer direito.

O que vou falar agora pode incomodar e pode ser um tanto quanto agressivo, então peço que se preparem, porque eu não vou poupar palavras quando o assunto é grave. Queria avisar também que quando eu falar de pessoas trans, usarei palavras como "somos, estamos, achamos" porque me reconheço como uma pessoa trans e me incluo na discussão, mas acho extremamente importante ressaltar que nada dito aqui se trata do Nicholas indivíduo, mas sim de um conjunto de pessoas nas quais eu me incluo.

É necessário, ao falarmos de pessoas trans, falarmos de números porque esses números existem e não são aleatórios. No ano de 2016, 144 travestis e transexuais foram assassinadas. Outro número divulgado em 2015 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), é que 90% das travestis e transexuais se prostituem ou já se prostituíram em algum momento de suas vidas. Mais um número, para que quem ainda não percebeu que existe um problema agora fique claro, é que o suicídio e pensamento suicida é uma realidade de 66% dos homens trans. Claramente, não é mera coincidência. Claramente, existe um grande problema. Quando aprofundamos a discussão e percebemos que Dandara, travesti apedrejada e morta a tiros, não foi um caso isolado, que Dandara foi vítima de um mesmo sistema que prendeu Rafael Braga, nos revoltamos. Nos revoltamos porque a barbárie, não apenas à população trans, mas aos negros, às mulheres, aos homossexuais, aos pobres, lota os jornais diariamente. "Ah mas Nicholas, a discussão é sobre pessoas trans, porque você ta falando tudo isso?". Vou explicar novamente: o mesmo sistema que dificulta a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho, também prende e condena a 11 anos de prisão o negro pobre por andar com pinho sol e água sanitária na rua. É importante percebermos o problema, porque não está certo do jeito que está.

Entendendo que a discussão é mais profunda e que a luta pelo direito das pessoas trans não é apenas uma luta das pessoas trans para as pessoas trans, é uma luta da sociedade para a sociedade, podemos adentrar a discussão e falar sobre os números citados anteriormente e o que eles significam.

Atualmente, como foi dito, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Essa frase, que quando escutada pela primeira vez assusta porque "Nossa, eu nunca ouvi falar sobre morte de pessoas trans", mas é claro que nunca ouviu, você nunca ouviu falar sobre pessoas trans. Afinal, quem não existe, não trabalha, não ama, não vive e não morre. E para muitos, pessoas trans não existem e se existem, não devem existir, porque é errado, simplesmente por ser, nada mais. A discussão sobre identidade de gênero não está presente nas escolas, nas mídias, no dia a dia do brasileiro e o desconhecimento gera o preconceito, gera a opressão. Opressão essa que se trabalhada direitinho a gente transforma em suicídio e assassinato, mas tudo bem, ninguém vai ver. Não existe lei que proteja, não existe pessoa que chore a vida de uma travesti e prostituta. Ninguém liga, não vai fazer falta. E assim, o Brasil torna-se recordista mundial em assassinato de travestis e transexuais. Assim, os pensamentos suicidas fazem parte do cotidiano daquela pessoa que não se identifica com o gênero imposto a ela ao nascer, porque como se não bastasse todo o sentimento em relação ao corpo, temos que aguentar a opressão e enfrentar diariamente os olhares esquisitos no banheiro, temos que aguentar nossos nomes desrespeitados e a falta de oportunidades no mercado de trabalho e uma junção disso tudo, meu querido, mata. E mata muito.

O respeito ao nome social é extremamente importante na vida de uma pessoa trans. Mudar o nome na certidão é um processo extremamente burocrático, onde a pessoa deve apresentar laudos médicos (sim, laudos médicos porque pre-

cisamos provar que possuímos esse chamado transtorno de identidade) que provem que somos trans e vivemos como homens ou mulheres. Também devemos apresentar documentos como fotos e cartas de amigos e familiares provando que somos homens ou mulheres. Todo esse processo dura por volta de um ano pra cima, difícil vermos casos que demorem menos que isso. Atualmente é lei o respeito ao nome social nos órgãos públicos como o SUS e instituições de ensino como as universidades e escolas. Um avanço muito importante visto que pessoas trans deixam de terminar seus estudos devido ao tratamento que recebem nas escolas. É importante também ressaltar que apenas aprovar, e não só aprovar, como respeitar, foco na palavra "respeito" porque simplesmente aprovar não significa muita coisa, mas enfim, apenas aprovar o uso do nome social por pessoas trans não basta, é necessário permitir o uso do banheiro de acordo com o gênero com o qual a pessoa se identifique. A discussão dos banheiros, muito polêmica por sinal, é uma discussão importantíssima e grudadinha na discussão do nome social, porque são direitos básicos, porém negados à população trans.

O direito precisa avançar cada vez mais nessas discussões, não só criando leis que nos humanizem, mas as executando de forma justa e igualitária, coisa que não vemos acontecer, porque sim, o judiciário escolhe quem fica livre ou não e não é no "uni duni tê", é na cor da pele e na classe, atendendo muito bem os interesses do capitalismo. Existir um grupo que esteja à margem, um grupo que seja proibido de frequentar certos espaços é interessante e lucrativo a esse sistema. Lembrando que esse grupo à margem não é homogêneo, como citado anteriormente.

Agora falando sobre a condição de trabalho das pessoas trans, fato que não pode ser visto como mera coincidência, é que quando temos a oportunidade de trabalhar somos jogados aos trabalhos informais e de grande vulnerabilidade – como centrais de *Call Center* e os trabalhos sexuais – onde não somos respeitados, sofrendo diariamente com o desrespeito do nome social e utilização do banheiro, onde a condição de trabalho é extremamente precária, onde existe muita exploração. Voltamos aos números: 90% das travestis e transexuais estiveram ou estão na prostituição. Não é um número baixo. Para uma pessoa trans conseguir um emprego é uma luta. Para que possa ter o que comer e onde dormir, muitos de nós acabam nessas situações vulneráveis e de constante exploração. Uma realidade muito grande também é a expulsão de casa por falta de aceitação da família e, enxergando-se em situação de rua, a pessoa não tem outra saída que não a prostituição.

Nos últimos anos, temos avançado bastante quando o assunto é direito e diz respeito à população trans, mas ainda não é suficiente. Enquanto existirem os números, enquanto formos explorados e mortos, enquanto formos esquecidos e jogados à margem, oprimidos, não será suficiente. É muito complicado pararmos de lutar por nossos direitos nos primeiros sinais de avanço.

Encerro minha fala agradecendo a presença e atenção de todas e todos. Muito obrigado.

Netuno

MANIFESTO:
E NÓS?

Os caminhos de uma pesquisa são incertos, traiçoeiros e substancialmente afetáveis. Não nos parece possível (ou, se possível, não nos parece justo) pensar uma pesquisa que esteja a tal ponto deslocada que não se desestabilize.

Netuno se suicidou.

Entendemos, agora, que nunca sabemos o que se agita no corpo de qualquer pessoa; o que vibra enquanto bebemos uma cerveja, jogamos um truco, dialogamos sobre gênero ou caminhamos tranquilamente pelas ruas. Não há como saber todas as forças que tensionam o outro. Esse momento expôs que não há certeza em coisa alguma – seja na pesquisa, seja na vida. Vemos que isso atravessa a carne em uma série de desestabilizações. Potentes, mas doloridas. Ainda é um esforço grande produzir uma narrativa justa com/sobre/através da sua experiência. Falta encontro com o fôlego. Falta encontro com algum sistema capaz de operar. Falta encontro com as palavras para dialogar intensamente com suas falas. Falta expressão para dizer tão melhor dos nossos (des)(re)encontros.

Mas Netuno ensinou que "tem que ter cuidado com as pessoas, é uma coisa muito importante", que "tem um monte de gente se recusando aí" e que "apesar de passar por muitas coisas, essas pessoas estão aí". E esse manifesto permanece. Esse manifesto-palestra no auditório do Direito, esse manifesto-narrativa de cada encontro, esse manifesto-encontro

de cada esquina, esse manifesto-caminhar até a mesa do bar, esse manifesto-confidência enquanto se brinca e tantos outros. Queremos, por isso, trazer algumas reflexões para finalizar esse livro, para escrever um manifesto-experiência.

A primeira está relacionada a um pensar sobre a experiência de construir conhecimento no campo de estudos de gênero e sexualidade. Ou seja, depois de produzir narrativas e sentidos da não binaridade, apontamos agora como essa produção tem a potência de fazer tremular essa área. Depois, procuramos tatear como todo o processo provocou um experienciar de leituras, de escritas, de pesquisa e de vida que dizem de todas nós. E, assim, finalizamos, manifestando os desejos desse livro em provocar e deslocar formas de pensar o gênero, a não binaridade de gênero e a vida.

Iniciamos lembrando a breve genealogia que Berenice Bento (2006) faz ao trabalhar a partir do *universal, relacional* e *plural* para discutir os estudos de gênero e sexualidade. Dentro dessa trajetória de pensar a não binaridade, percebemos essa pesquisa percorrendo todo esse caminho, deslocando-se nessas temporalidades em movimento de fluxo: indo e vindo, adentrando pelo meio, indo e vindo, costurando conceitos, indo e vindo, propondo outras formas de olhar, indo e vindo, produzindo sentidos, indo e vindo.

Pesquisar sobre gênero em diálogos e encontros sobre as tentativas de rompimento do binário feminino/masculino tem a potência de produzir um constante cuidado e vigilância na tentativa de escapar de algumas armadilhas, que podem fazer encarar gênero circunscrevendo-o apenas na possibili-

dade de ser homem ou ser mulher. Em outras palavras, estando o nosso olhar educado com uma lente do binário, temos que fazer movimentos de limpeza, retirada e destruição da lente – ficar cego e tatear, sentir, lamber, cheirar, saborear, escutar e transar com outras alternativas de ver.

É assim que encaramos a inserção dessa pesquisa nesse campo de estudo. Trazendo um diálogo entre as narrativas e anunciando tremores para refletir sobre qualquer experiência de gênero, expressões, identidades e diferenças. Reforçamos então o que Judith Butler defende: "gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados" (2014a, p. 253). Quando nos movemos e dizemos desses movimentos enquanto experiências de gênero, trazemos para nossos corpos, relações e sentimentos essas desconstruções e desnaturalizações – deixando de operar com o feminino e o masculino enquanto únicas possibilidades possíveis de existência. Instigamos com isso!

A partir da construção de uma pesquisa não é mais possível, para nós, trabalhar com gênero ignorando os atravessamentos da diferença, do *queer*. E por *trabalhar* nós reconhecemos não apenas um trabalho acadêmico e de escrita, mas também todo fazer de uma vida (em sala de aula, em relações interpessoais, na relação conosco mesmas, em movimentações políticas, etc.). Ainda que seja para pensar categorias "consolidadas" (o ser homem e o ser mulher, por exemplo), acreditamos que as reflexões desencadeadas pela não binari-

dade – como a multiplicidade, a dificuldade ou impossibilidade de enquadramento, a transitoriedade, o hibridismo, entre outras – ultrapassam essas experiências e nos fazem relacionar com outras já existentes, ou que possam vir a ser inventadas. É por esse contexto que nos fizemos e nos deixamos estremecer no jogo de (re)(des)construção dos saberes de gênero.

Se não é incomum ouvir a questão: "mas isso que vocês fazem é mesmo pesquisa?", motivamos a reflexão sobre: como essa discussão pode ser anunciadora de outros modos de produzir conhecimento e de se produzir? Compreendemos os acontecimentos, processos e experiências feitas narrativas nos encontros como sendo "práticas educativas". Nós quatro e quem mais se propuser a ler este livro, fomos ensinadas sobre/dentro/com/a partir da matriz de normas de gênero. Nossas relações, nossos corpos, nossas identidades, nossas diferenciações, nossos pensares e nossos sentires foram imbricados na norma a partir desses "dispositivos orientados" (que, nesse texto, trazemos enquanto família, escola, instituições médicas e legais, relações interpessoais etc.). Fomos produzidas enquanto sujeitos de gênero.

Parece-nos óbvio que esses processos educativos não são unidirecionais, completos ou 100% eficazes. Em outras palavras, não é porque estamos em um caminhar de educação para a norma binária de gênero que necessariamente nos identificaremos como homem ou como mulher. Muitas forças compõem a sociedade e isso se estabelece em relações de poder que pressupõem resistências – a resistência às possibilidades de existência previstas na norma, às instâncias

educativas, aos processos de normalização. Incentivamos as re-existências!

E, nesse sentido, encaramos o ato de enunciar as experiências da não binaridade de gênero enquanto a produção de uma educação. Quando conversamos entre nós, ou com familiares, colegas ou pessoas desconhecidas, anunciamos alternativas de experienciar o gênero, produzimos saberes, educamos. Colocamos em curso e nos colocamos em processo de (des)subjetivação e experienciação. É como Jorge Larrosa (1994) indica quando diz da educação como algo que além de produzir e comunicar alguma experiência mais objetiva, também produz e comunica a experiência que nós temos de nós mesmas.

Afirmamos, assim, que nós, ao experienciarmos o gênero, educamos sobre ele e sobre a matriz de norma binária e, ainda, educamos e construímos saberes sobre nós, sobre nossas formas singulares de experienciar. Educar parece estar diretamente relacionado a isso: experiência e construção de subjetividades – sendo a partir disso que discutimos as questões sobre não binaridade nesse livro.

Relembremos um texto já "clássico" de Guacira Lopes Louro (2004) que indica a potencialidade de estudos como o nosso, para o rompimento com os binários: além dos binários hetero/homossexual e feminino/masculino outros poderiam ser desestabilizados – cultura/natureza, conhecimento/ignorância etc. Na mesma direção, acreditamos que a produção dessa pesquisa se soma à corrente de produção de conhecimento que vem ampliando os questionamentos para além dos muros da Academia.

Aliado a isso, a encaramos na intencionalidade de uma máquina de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 1997), que está dirigida contra os Estados (tanto os potenciais, quanto aqueles que já promovem destruição). Não pretendemos resolver problemas da norma de gênero ou mesmo questões políticas do Estado, mas indicar para a insuficiência dessas matrizes para se pensar a formação do sujeito e as experiências de gênero.

Pensar junto a esse conceito é potente por sinalizar que não se pretende criar formas, métodos, soluções ou receitas, mas justamente focar nos devires que estão nos meios dos processos. Pretender-se máquina de guerra é coexistir com a máquina de controle. É "opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades" (GALLO, 2002, p. 176). É construir problemas de pesquisa e discussões de vida que vão minando, desteritorializando, retirando os órgãos, rizomatizando, produzindo encontros.

Tudo isso nos faz instigar: o que pode essa máquina de guerra? Que tremores (e temores) a não binaridade de gênero provoca (seja em uma Universidade, seja em um artefato cultural, seja alguma outra instituição, seja nas relações cotidianas dentro de um ônibus)?

As narrativas construídas por nós deram algumas dicas dessas provocações: quando dizem de confusões, desconfortos e desajustes. Coisas que fazem tremer vidas que se estruturam em diagnosticar, categorizar, dar repostas e propor soluções aos problemas do Estado. Com essa pesquisa assumimos a incompletude de qualquer processo investigativo e

sinalizamos para a potencialidade disso. As identidades que estão em trânsito, as experiências que se movimentam pela diferença, o rizoma que se expande para caminhos não pensados, o livro que se escreve com materiais outros: são agitações que podem abalar os saberes.

Escrever este livro é se multiplicar e assumir traços de muitas experiências: a experiência do encontro, a experiência da paixão, a experiência do pesquisar, a experiência da leitura, a experiência da escrita, a experiência da morte, a experiência da vida. Como sinalizado em outros espaços, a construção dessa pesquisa efervesceu no âmbito do encontrar: encontros entre nós, encontros com leituras, encontros com o inesperado. E foram esses que se fizeram movimento, além de pesquisa, de vida. O experienciar essa pesquisa provoca pensamentos, provoca pensamentos outros. A experiência de encontrar se movimentou aqui como deslocamento, como grata surpresa, como potência para assumir e pensar as novas possibilidades de existência.

Como Roney Polato de Castro narra de sua relação com Foucault: "alguns falam de paixão. Outros de tormenta. Amor e ódio, dor e prazer. Encontros frequentes, breves e duradouros, dos quais costumo sair atormentado. Muitos pensamentos. Nem sempre é compreensível (e tem que ser?)" (2014, p. 14). Nós precisamos ser desses alguns que falam de paixão. O olhar que lançamos aqui nos fortalece a acreditar que a experiência é aquilo que acontece conosco, a experiência é paixão.

Encontrar a não binaridade de gênero, nos apaixonarmos por ela. Encontrar o pós-estruturalismo, nos apaixo-

narmos por ele. Encontrar nós mesmas, nos apaixonarmos por esses encontros. Assumir nossas paixões e tomá-las enquanto experiências. É essa experiência do apaixonar que faz tremor em nós mesmas, que faz deslocar, que faz investir teoricamente, que faz produzir novos quereres de vida e de pesquisa.

No encontro com a morte, é a paixão que faz chorar, que faz parar, que faz afastar, que faz devastar. Mas é também a paixão que faz continuar, que faz rememorar, que faz beber cafés, que faz caminhar de novo pelos gramados, bares e universidades. Romper com as dicotomias, romper com as classificações de boa/ruim. Paixão é experiência nessa pesquisa: inclassificável; tão potente quanto complexa; tão dolorida quanto acalentadora; tão efervescente quanto poente; tão estabilidade quanto transfiguração.

Nós somos desses alguns que falam de paixão, em especial porque ela nos joga à entrega, ela nos joga à escrita, ela nos joga à leitura, ela nos joga ao encontro. E uma experiência se costurando à outra, vamos aprendendo e incentivando o fazer de uma *pesquisaexperiência*: "(des)caminhos que vão modificando a forma 'pesquisador', amolece, endurece, deforma, reforma e vai assumindo outros formatos, também provisórios e momentaneamente satisfatórios, para dar conta de viver a pesquisa e pesquisar a vida" (CASTRO, 2014, p. 21).

Investigamos processos de (des)subjetivação. Construímos narrativas sobre eles. Rememoramo-los como forma de pesquisar. E esse próprio construir e rememorar se produziu enquanto experiência. Fomos nos modificando enquanto su-

jeitos de gênero. Demos conta de viver a pesquisa, de pesquisar a vida. A leitura e a escrita se constituindo nesse processo: lemos nossas conversas, lemos contos, filmes, séries, Deleuze, Roney Polato de Castro, Judith Butler e tantas outras. Nos colocamos à disposição da leitura. Juntas, escrevemos.

Falar de não binaridade de gênero e movimentos de vida através do texto se fez experiência quando materializamos os encontros, as paixões, as experiências em muitos movimentos no escrever. Fazer desse texto uma tentativa de dizer de forma justa todo caminhar da pesquisa foi o que se constituiu em nós enquanto escrita-experiência.

Atentar-se a cada narrativa como suspiro e grito; cada narrativa como nó que entrelaça e confunde; cada narrativa como amor. Rejeitar a restrição ao número dois, ao "ou", à passividade. Tomar o binário enquanto angústia e desespero. Deslegitimá-lo enquanto sistema. Provocar. Apostar na não binaridade, na negação, na diferença. Percorrer espaços e tempos e observar os povos: a matriz do binário, com redes infindas de relações, instituições e subjetivações. Desnaturalizar essa matriz de normas de gênero, as percepções de "ser homem" ou "ser mulher", o emprego do "ou". Acreditamos na potencialidade de todos esses investimentos: seja nos livros, seja nos filmes, seja na memória, seja nas nossas narrativas, seja nos encontros desse texto. Colocá-los em conjunto é multiplicar tanto a poética quanto a política.

Incentivamos um construir que se materializou na multiplicidade que a não binaridade fomenta, conectada às memórias, movimentada por um mar de ideias, narrada por

corpos em (re)invenção e experienciada por todas as pessoas que contam. Narrativas que dizem de um caminho percorrido pelos tremores e pelas experiências que aconteceram – e continuarão a acontecer.

Como sinalizado em outras páginas: não há apenas um texto que foi produzido; há um texto e muitos sujeitos que se transfiguram – que atravessam, mas são também atravessados por essas palavras. Texto-Netuno que escreveu uma palestra para acadêmicos de Direito pouco antes de sua morte, mas texto-Netuno também que ensinou:

> Ninguém nasce sabendo problematizar. Ninguém nasce desconstruído e ninguém nasce sabendo problematizar. Essas são coisas que você vai aprendendo com as pessoas que aparecem ao seu redor. Não adianta também você ser mente fechada e sentar numa sala de gênero e sexualidade e ficar lá anotando assim, pra depois chegar e tipo fazer a prova e ir embora. Eu acho que isso é conversa. Isso é mesa de bar. Você sentar no bar, como colega assim sabe, sentar bebendo e jogando carta, virar e conversar sobre isso. Porque é isso que abre a cabeça das pessoas. Porque ali é um amigo te falando. Ali que pode surgir várias tretas também, acontece.
> (Segundo encontro entre Caracol e Netuno, 2016)

Escrevemos sinalizando que nenhuma pesquisa nasce pronta. Nenhuma pesquisa nasce sabendo das problematizações e (des)construções que virão. Intentamos nesse livro trazer narrativas políticas e poéticas que essa pesquisa tomou

para a não binaridade de gênero, com todas suas incertezas, (im)possibilidades e atravessamentos. Talvez a potencialidade de tudo isso esteja na "mesa de bar": na abertura aos imprevistos, no afetar-se pelo encontro, no narrar-se em poesia, no pesquisar pela paixão.

Questionamos, direta ou indiretamente, nesse texto os espaços e tempos que nos são impostos e aqueles que decidimos ocupar. Colocam-nos que "menino veste azul, menina veste rosa". Provocamos: e nós? Não é uma resposta fácil a todas, mas convidamos à reflexão.

Convidamos aos movimentos de potência de vida. Convidamos a sentir a temperatura que passa de cada grão de areia e barro e cimento para os nossos pés e tomar impulso para espalhar raízes e recolher nutriente e correr e dar quantas passadas pudermos dar. Convidamos a requentar o almoço e comer um prato de feijão com arroz e farofa do jantar de ontem, a rolar as redes sociais, trocar mensagem, pegar uma caneca de café ou cerveja, abrir uma página nova no Word e começar a escrever.

Convidamos a descobrir para quem se escreve. Descobrir quem são aquelas que ensinam, que são diferença e esbarram, curvam, entortam e estremecem qualquer visão que não seja direcionada ao bem, ao amor, à empatia e às re-existências. Lembrar de cada uma a quem se escreve. Desde a primeira referência de mudança de pensamento, de questionamento, de provocação e de estratégia para se manter bem em vida, passando ao choque de compartilhar experiências e arrepios e indo até as cervejas na mesa de bar, leituras,

festas e textos; desde as educadoras, amigas e parceiras em trabalho e vida, passando até as inspirações que nos lançam com mais firmeza ao questionamento e tudo o que implica em defende-lo livre, múltiplo, anti-colonial; desde a lembrança mais antiga à beira da praia até a mais recente no asfalto... Convidamos a lembrar! A se conectar a essas lembranças e organizar qualquer possibilidade que se esteja disposta a tentar inaugurar.

Inaugurar, inventar! Apesar de qualquer falha, convidamos a caminhar junto aos maiores acertos que se possa ter: continuar, repensar, estar junto àquelas que mais precisam e não negar essa decisão. Ter os maiores acertos que ousar ter. Aliás, convidamos a ousar, impulsionar, aguçar o querer mais, a inconformidade, o desejo. A fazer do experienciar um desejo e fazer vibrar as tentativas, os incentivos e as escolhas para potencializá-lo.

Precisamos estar atentas; saberemos os caminhos que conseguimos e queremos andar, correr, dançar. Convidamos então a se apaixonar, a criar gosto pelo viver, sentir prazer em sair e tomar sol e vento na cara, ir à rua, dançar pelos salões, experimentar responsabilidades e irresponsabilidades; se jogar a um desconhecido que, deliciosamente, encanta. Convidamos a aprender, longe de qualquer clichê, como se movimentar e fazer frente àquilo que empurra para a morte. Aprender como se manter em vida e fomentar a vida. Aprender que existe a possibilidade de inventar novos futuros pra nós e que podemos nos ajudar.

Não temos grandes ideias do que podemos fazer a partir de agora. Não temos grandes ideias do que podemos fazer

de diferente, do que podemos inventar, do que podemos explodir além de tudo que já realizamos. O que sabemos é que cada uma de nós pode muito, porque temos observado ao longo de anos, meses, dias ou poucas horas tudo o que se tem inaugurado e as (potências de) vidas que têm salvado.

Se podemos contribuir de mais alguma forma, indicamos: requentem o jantar, conectem-se às melhores lembranças que possuem, agenciem-se às pessoas que te ensinam, reconheçam seus Caracóis, Elfos, Irenes e Netunos, coloquem o pé no barro, na areia, no concreto e repensem o trabalho que têm feito.

Se nos dizem que menino veste azul e menina veste rosa, pois bem, dizemos que todas vestem o querer. E nós? Nós vestimos vida! Esse é apenas mais um livro, amanhã será outro. Teremos tempo, teremos vida. Abramos uma nova página naquilo que consideramos nosso Word. Vamos ao café com Elfo, ao gramado com Irene, à biblioteca com Caracol, à mesa de bar com Netuno. Teremos tempo, teremos vida.

Vestimos vida.

REFERÊNCIAS:

LIVROS, ARTIGOS E SITES

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lucia. Masculinidades, feminilidades e violência no cotidiano das escolas. *Revista Educação e Cidadania*, Londrina, v. 10, n. 10, 2009. Disponível em: http://seer.uniritter.edu.br/index.php/educacaoecidadania/article/viewFile/139/59. Acesso em: 16 jan. 2018.

ALTO e com orgulho. Direção: Rosa Troche. *In*: The L Word. Criação: Ilene Chaiken. Los Angeles: Produtora Warner Bros. Pictures, 2005. 1 DVD (45 min.), son., color. Episódio 11 da segunda temporada.

ANDERSEN, Hans Christian. *Os contos*. Tradução de: João José Pereira da Silva Duarte. Espanha: Mediasat, 2012.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-194.

ASPIS, Renata Pereira Lima. *Ensino de filosofia e resistência*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. 204 p.

BANDEIRA, Lourdes; SORIA, Analía. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, 2002.

BEAUTIFUL Boxer. Direção de Ekachai Uekrongtham. Thailand: GMM Pictures, 2003. 1 DVD (118 min.), son., color.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita*: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual. IN: SEMINARIO DE GÉNERO, 2002. Barcelona. Anuario de hojas de Warmi. Universidad de Barcelona: Barcelona. 2002, p. 69-93.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo*: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 165-182, jan.-jun. 2014.

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p. 35-41, 1996.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; DA SILVA, Matheus Estevão Ferreira. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino? *Revista Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 137-140, 2017.

BRAGA, Denise da Silva. *Heteronormatividade e sexualidades* LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-174.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014a.

BUTLER, Judith. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. Conferência. *In*: XV SIMPOSIO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE FILÓSOFAS (IAPH). 2014b, Alcalá de Henares.

CAETANO, Marcio Rodrigo do Vale. Currículos praticados e a construção da heteronormatividade. I*n: 32ª reunião da ANPED*. 2009, Caxambu.

CARDOSO JÚNIOR, Helio; NALDINHO, Thiago Canonenco. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. *Fractal*: Revista de Psicologia, Niterói, v. 21, n. 1, p. 43-56, 2009.

CARVALHO, Marília. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001.

CASTRO, Roney Polato de. *Experiência e constituição de sujeitos docentes*: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CONNELL, Raewyn W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRARÍA, José (ed.), *Masculidad/es*: poder e crisis. Santiago do Chile: Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 31-47.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e a Filosofia Prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Fêlix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34. 1997. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Fêlix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34. 2008. v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Psyché*: l'invention de l'autre. Paris: Galilée, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução: Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DIAS, Luciana de Oliveira. Diversidade e processos de identificação: um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero. *OPSIS*, Catalão, v. 10, n. 1, p. 55-73, 2010.

DIFERENÇAS criativas. Direção: Jamie Babbit. In: The L Word. Criação: Ilene Chaiken. Los Angeles: Produtora Warner Bros. Pictures, 2007. 1 DVD (45 min.), son., color. Episódio 9 da quarta temporada.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Cuerpos sexuados*: la política de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona: Melusina, 2006. 526 p.

FERRARI, Anderson. Sujeitos, subjetividades e educação. In: FERRARI, Anderson (org.). *Sujeitos, subjetividades e educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. p. 07-18.

FERRARI, Anderson. Ma vie en Rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 117-141, 2009.

FICANDO Juntas. Direção: Raven M. Molisee e Paul Villeco. *In*: Steven Universe. Criação: Rebecca Sugar. Estados Unidos: Cartoon Network Studios, 2014. 1 DVD (11 min.), son., color. Episódio 8 da segunda temporada.

FISCHER, Sandra. Pai e filha, não por acaso: cotidiano, lugar e deslugar. *Significação*: revista de cultura audiovisual, São Paulo, v. 37, n. 34, p. 141-153, 2010.

FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. Gai pied, v. 25, n. 1987, p. 8-20, 1981.

FOUCAULT, Michel. Subject and Power. In: DREYFUSS, Hubert; RABINOW, Paul. *Beyond structuralism and hermeneutics*. Brighton: The Harvester Press, 1982.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Subjectivité et vérité*. Resumé des Cours. 1970-1982. Paris: Juilliard, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos I*: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *verve*, São Paulo, n. 5, p. 260-277, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004a.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, 2002.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO, 2. 2009, Niterói. *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano*: Diálogos sobre Diálogos. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GUIMARÃES, Leonardo *et al*. Transexualismo: uma análise psicológica na inserção social. *Perspectiva*: ciência e saúde, Osório, v. 1, n. 1, p. 62-70, 2016.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HEILBORN, Maria. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. *Cadernos Cepia*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 73-92, 2002.

HONORATO, Isabelle. *Entre tensionamentos e disputas*: família, religião e o processo de se assumir entre jovens de uma igreja inclusiva de Manaus. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

EM VÍDEO, Damares diz que "nova era" começou: "meninos vestem azul e meninas vestem rosa". *Jornal online* G1, 2019. dispo-

nível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-eracomecou-no--brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.html. Acesso em: 10 out. 2019.

LABIA Majora. Direção: Rosa Troche. *In*: The L Word. Los. Criação: Ilene Chaiken. Angeles: Produtora Warner Bros. Pictures, 2006. 1 DVD (45 min.), son., color. Episódio 1 da terceira temporada.

LAERTE-SE (2017). Direção: Lygia Barbosa da Silvia e Eliane Brum. Distribuição: Netflix. Disponível em: https://www.netflix.com/title/80142223. Acesso em: 10 out. 2019.

LANZ, Letícia. *O Corpo da roupa*: a pessoa transgênera entre a transgressão e a coformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LAST Word. Direção: Ilene Chaiken. *In*: The L Word. Criação: Ilene Chaiken. Los Angeles: Produtora Warner Bros. Pictures, 2009. 1 DVD (45 min.), son., color. Episódio 8 da sexta temporada.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1991.

LE BRETON, David. Corpo, gênero, identidade. In: FERRARI, Anderson et al. *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras: UFLA, 2014.

LEÃO. Direção: Dirigido por Joe Johnston, Jeff Liu, e Rebecca Sugar. In: Steven Universe. Criação: Rebecca Sugar. Estados Unidos: Cartoon Network Studios, 2013. 1 DVD (11 min.), son., color. Episódio 35 da primeira temporada da série.

LONGARAY, Deise Azevedo. A (Re) *Invenção de si*: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

LOPES, Paulo Victor Leite. *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca*: pertencimentos, identidades, movimentos. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Elizabeth; LOPES, Alice Casimiro. *Teorias de currículo*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. *Páginas de Filosofia*, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014.

MALYSSE, Sthéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. *In*: GOLDENBERG, Mirian. (org.). *Nu e Vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.

MEDEIROS, Laís Virgínia Alves. *Essa língua não me representa*: discursos sobre língua e gênero. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

METZ, Christian. *O significante imaginário*: psicanálise e cinema. Lisboa: Horizonte, 1980.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Florestan*, São Carlos. n. 2, p. 8-25, 2014.

O DESEJO. Direção: Lynne Stopkewich. *In*: The L Word. Criação: Ilene Chaiken. Los Angeles: Produtora Warner Bros. Pictures, 2004. 1 DVD (45 min.), son., color. Episódio 3 da primeira temporada.

OLEGÁRIO, Maria de Luz. Teoria queer: contra a política da binaridade no ensino de língua. *In*: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE, 12. Campina Grande. 2016. *Anais XII CONAGES*. Campina Grande: Editora Realize . 2016.

OLIVEIRA, João Manuel de. O rizoma "género": cartografia de três genealogias. *E-cadernos ces*, n. 15, 2012.

O MUNDO Estranho de Beach City. Direção: Raven M. Molisee e Paul Villeco. *In*: Steven Universe. Criação: Rebecca Sugar. Estados Unidos: Cartoon Network Studios, 2013. 1 DVD (11 min.), son., color. Episódio 31 da primeira temporada.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 6, n. 1, p. 76-85, 2003.

PRADO, Vagner Matias do; NOGUEIRA, Alessandra Lo Gullo A. Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em "jogo". *Revista Eletrônica Interações Sociais*, v. 2, n. 1, p. 60-72, 2018.

PRÓCHNO, Caio Césa; ROCHA, Rita Martins Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 23, n. 2, p. 254-261, 2011.

RODRIGUES, Carla. Performance, gender, language and otherness: Butler as reader of Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 140-164, 2012.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, Mary Jane Paris. (org.). *A cidadania em construção*: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SCHOLZE, Lia. *Narrativas de si*: o olhar feminino nas histórias de trabalho. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHWACH, Karen. A mudança de nome em indivíduos transgêneros em pauta na Conferência Internacional de Aids. *Agência de Notícias da AIDS*, São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SEGATO, Rita. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Brasília: Editora UnB, 1998.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos ces*, n. 18, 2012.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, Miguel. (org.). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

SILVA, Sofia Vilena de Moraes e. Transexualidade e discriminação no mercado de trabalho. In: *III Seminário Nacional Gênero e práticas culturais*. Olhares Diversos Sobre a Diferença. João Pessoa: UFPB, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *I*dentidade e diferença: impertinências. *Educação e sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 79, p. 65-66, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento (entrevista com Boaventura de Sousa Santos). *Currículo sem Fronteiras*, v. 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2003.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 272-284, 2014.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 24, p. 127-152, 2005.

VERMELHO, Mônica Custódio. Unegro: 30 anos de luta pela igualdade racial, de gênero e de classe. Portal Geledés. 2018. Disponível em: https://www.geledes.org.br/unegro-30-anos-de-luta-pela-igualdade-racial-de-genero-e-de-classe/. Acesso em: 11 maio 2022.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 33, p. 265-283, 2009.

VISÃO do futuro. Direção: Dirigido por Lamar Abrams e Hellen Jo. *In*: Steven Universe. Criação: Rebecca Sugar. Estados

Unidos: Cartoon Network Studios, 2013. 1 DVD (11 min.), son., color. Episódio 39 da primeira temporada.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?*: uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

QUEM VIVE-ESCREVE

Quatro pessoas se encontram e conversam sobre identidades, diferenças e as formas que podem se movimentar entre elas. Junto ao que parece ser um novo advento das discussões que rumam para caminhos mais transgressores da norma e otimistas no Brasil, também se experiencia uma forte corrente conservadora que insiste na moral tradicional de regulação dos corpos, saberes e sentires. Esse livro diz de experiências de encontros nesse enlace. É entre memórias, emoções e invenções que vai se ensinando e aprendendo sobre gênero. Cristal, Neilton, Nicholas e Ori (transfiguradas nas pessoas-forças: Irene, Caracol, Netuno e Elfo) tecem um diálogo entre suas próprias narrativas e tantas outras que as atravessam. Seja com autoras e autores como Gilles Deleuze, Judith Butler, Berenice Bento, Michel Foucault, Jorge Larrosa, Roney Polato de Castro e Letícia Lanz, seja com livros infantis, filmes dramáticos e séries adolescentes, nada escapa à experiência e tudo pode ser material potente para dar forma à não binaridade de gênero.

Cristal Silva Halfeld é estudante de Serviço Social na UFJF.

Neilton dos Reis é doutor em Educação (UFMG) e professor; autor de "Ano bissexto" (Crivo editorial, 2018), "Goma-laca" (Urutau, 2019) e "Espanto" (Folheando, 2022).

Nicholas Domingues Monteiro (In memorian) foi estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas na UFJF e músico.

Ori Sabino Carneiro tem licenciatura e pós-graduação em Filosofia pelo CES/JF.